



**UNIVERSIDADE FEDERAL DO RECÔNCAVO DA BAHIA
CENTRO DE ARTES, HUMANIDADES E LETRAS
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM COMUNICAÇÃO**

EMANUELI MARQUES PILGER

**PROTAGONISMOS E RESISTÊNCIAS: A VOZ FEMININA NO RÁDIO
ESPORTIVO NAS EMISSORAS DE SALVADOR**

Cachoeira

2025

**UNIVERSIDADE FEDERAL DO RECÔNCAVO DA BAHIA
CENTRO DE ARTES, HUMANIDADES E LETRAS
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM COMUNICAÇÃO**

EMANUELI MARQUES PILGER

**PROTAGONISMOS E RESISTÊNCIAS: A VOZ FEMININA NO RÁDIO ESPORTIVO
NAS EMISSORAS DE SALVADOR**

Dissertação apresentada à Banca de Defesa como requisito parcial para obtenção do título de Mestre em Comunicação do Programa de Pós-Graduação em Comunicação da Universidade Federal do Recôncavo da Bahia - Área de Concentração em Mídia e Formatos Narrativos e na Linha de Pesquisa Comunicação e Memória.

Orientação: Profa. Dra. Hérica Lene Oliveira Brito

Co-Orientação: Prof. Dr. Francisco Alves dos Santos Junior

Cachoeira

2025

EMANUELI MARQUES PILGER

**PROTAGONISMOS E RESISTÊNCIAS: A VOZ FEMININA NO RÁDIO
ESPORTIVO NAS EMISSORAS DE SALVADOR**

Dissertação apresentada ao programa de Mestrado em
Comunicação da UFRB, sob orientação do(a)
Prof.(a). Dr.(a). Herica Lene Oliveira Brito.

Aprovado(a), 25 de abril de 2025.

Comissão Examinadora:



Documento assinado digitalmente

HERICA LENE OLIVEIRA BRITO
Data: 30/04/2025 14:16:15-0300
Verifique em <https://validar.iti.gov.br>

Profa. Dra. Herica Lene Oliveira Brito
(UFRB – Orientadora)



Documento assinado digitalmente

JUSSARA PEIXOTO MAIA
Data: 01/05/2025 09:52:46-0300
Verifique em <https://validar.iti.gov.br>

Profa. Dra. Jussara Peixoto Maia
(UFRB – Examinadora Interna)



Documento assinado digitalmente

VALCI REGINA MOUSQUER ZUCULOTO
Data: 05/05/2025 01:05:52-0300
Verifique em <https://validar.iti.gov.br>

Profa. Dra. Valci Regina Mousquer Zuculoto
(UFSC – Examinadora Externa)

Cachoeira-
Ba 2025

AGRADECIMENTOS

Primeiramente, agradeço aos espíritos de luz que sempre me acompanham, em especial ao meu pai Ogum, que me concedeu força e resiliência durante este tempo, sustentando-me na busca incessante pela realização dos meus sonhos. Não poderia deixar de mencionar minha querida mãe, Sônia Marques (*in memoriam*), que, com tanto amor e dedicação, sacrificou-se para garantir a educação que, por questões da vida, ela mesma não teve. Sou profundamente grata, Mainha, por tudo o que fez por mim.

A maternidade chegou para mim em um momento precoce, e por um período, precisei abrir mão dos estudos para cuidar da minha filha. Não me arrependo, pois, a experiência da maternidade foi essencial. No entanto, após cumprir esse papel com dedicação, retomei ao projeto de cursar uma Pós-graduação na Universidade Federal do Recôncavo da Bahia se tornaram a nova etapa dessa jornada.

Neste caminho, não poderia deixar de agradecer à minha família, especialmente ao meu esposo, amigo e companheiro, e à minha filha, que sempre me apoiaram e acreditaram no meu potencial acadêmico. Durante essa caminhada, encontrei pessoas queridas e amigas que me ajudaram de várias maneiras. Agradeço profundamente a Victor Rosa, Iara Souza (minha psicóloga em vários momentos) e Ivana Silva Moreira, colegas de turma que, com sensibilidade, compreenderam a minha realidade e incentivaram-me a seguir em frente, apoiando-me nos meus projetos e sonhos.

Ninguém escreve uma dissertação sozinha, tarefa que se faz em diálogo com os pares do campo da comunicação e com os autores, e por isso, é fundamental expressar minha eterna gratidão à minha orientadora, professora doutora Hérica Lene, e ao meu co-orientador, professor doutor Francisco. Ambos me acolheram em momentos difíceis, quando me encontrava desanimada e até em desespero. Sou imensamente grata por terem acreditado na minha pesquisa, apoiado e somado esforços para que eu chegasse a este momento de defesa, realizando mais um sonho. O profissionalismo e olhar detalhista acadêmico durante minha qualificação foi renovador de esperanças. As suas observações pontuais colaboraram por me fazer realizar novas análises na minha escrita durante o caminhar produtivo da dissertação realizando modificações necessárias no intuito de elevar o patamar da nossa produção acadêmica.

Minha pesquisa, que remonta as memórias do início da minha carreira profissional, é a grande marca da minha resistência e do meu protagonismo. Ela reflete a luta incansável para que todas nós, mulheres, possamos um dia conquistar equidade de gênero nas relações de trabalho, equiparação salarial e igualdade nos ambientes até então dominados por homens, como as equipes esportivas, os campos de futebol e o jornalismo esportivo. Que esta pesquisa seja um caminho para que outras tantas possam alcançar sucesso e abrir portas para novas inquietações, fomentando o movimento feminista por meio da escrita acadêmica.

Foram dois anos desafiadores, nos quais precisei conciliar dois empregos, as responsabilidades de mãe e dona de casa, e a minha dedicação ao percurso acadêmico, que me trouxe imenso prazer. As barreiras que enfrentei e a conquista deste espaço me fizeram valorizar cada momento de aprendizado, especialmente em um programa acadêmico de excelência, com um corpo docente de altíssima qualidade. Deixo a minha gratidão a todos os professores que, ao conhecerem a minha pesquisa, a reconheceram como potente e diferenciada, e que acreditaram que ela pode, sim, contribuir muito para a sociedade.

Por fim, digo que, para realizar sonhos, são necessários sacrifícios, mas cada um deles valeu a pena.

A minha mainha, Sônia Maria Souza Marques (*In memoriam*).

“Todas as vitórias ocultam uma abdicação.”

Simone de Beauvoir

RESUMO

A voz no rádio carrega nuances emocionais e intencionais, permitindo um diálogo direto e imediato entre os interlocutores. Historicamente, observa-se a hegemonia masculina nesse meio, onde a credibilidade atribuída à voz masculina se estendeu para além do microfone, consolidando-a como padrão nas programações musicais, jornalísticas e esportivas. Com base nessa realidade, esta pesquisa investiga os fatores que explicam a restrita participação feminina no rádio esportivo baiano ao longo da história das transmissões esportivas no estado. Embora as mulheres – locutoras, radialistas e narradoras – tenham conquistado mais espaço na comunicação radiofônica contemporânea, a presença feminina ainda é limitada na Bahia, especialmente nos segmentos de maior visibilidade e poder. A pesquisa utiliza a História Oral como principal metodologia, por meio de entrevistas semiestruturadas. O referencial teórico fundamenta-se nos estudos sobre mídia e rádio, com destaque para as obras de Valci Zuculoto (2012, 2016, 2017, 2023), Sônia Virgínia Moreira (1991, 2014), Luiz Artur Ferraretto (2012) e Eduardo Meditsch (2007).

PALAVRAS-CHAVE: Rádio esportivo; jornalista mulher no rádio esportivo; história do rádio esportivo na Bahia.

ABSTRACT

The voice on the radio carries emotional and intentional nuances, allowing for direct and immediate dialogue between the participants. Historically, male dominance has been observed in this medium, where the credibility attributed to the male voice extended beyond the microphone, establishing it as the standard in musical, journalistic, and sports programming. Based on this reality, this research investigates the factors that explain the **restricted** participation of women in Bahia's sports radio throughout the history of sports broadcasts in the state. Although women – announcers, radio hosts, and sports commentators – have gained more space in contemporary radio communication, female presence is still limited in Bahia, especially in the more visible and powerful segments. The research uses Oral History as its main methodology, through semi-structured interviews. The theoretical framework is based on media and radio studies, with emphasis on the works of Valci Zuculoto (2012, 2016, 2017, 2023), Sônia Virgínia Moreira (1991, 2014), Luiz Artur Ferraretto (2012), and Eduardo Meditsch (2007).

KEYWORDS: Sports radio; female journalist on sports radio; history of sports radio in Bahia.

SUMÁRIO

Introdução	12
1. Vozes Femininas no Rádio Brasileiro	21
1.1 A Primeira Voz Feminina no Rádio no Brasil	26
1.2 Vozes Femininas no Rádio Esportivo Brasileiro	29
1.3 A Importância da história oral na construção da Pesquisa.....	35
1.4 Perfelino Neto: testemunho de uma época do rádio baiano.....	37
2. Vozes femininas pioneiras no rádio esportivo de Salvador	41
2.1 Trajetória e experiência da autora como radialista.....	44
2.2 Mulheres na cobertura esportiva em Salvador	47
2.3. Barreiras e desafios enfrentados pela mulheres jornalistas esportivas na Bahia.....	55
3. Protagonismo e as Resistências: atuais de vozes femininas nas emissoras de Salvador ---	70
3.1. Estratégias de superação de obstáculos enfrentados pelas informantes	70
3.2. Perspectivas futuras para as mulheres no rádio.....	78
4. Considerações finais	87
5.. Referências Bibliográficas	91
6. Bibliografia consultada	97
ANEXOS	100

LISTA DE ILUSTRAÇÕES

Figura 1: Jornal <i>O Imparcial</i> , de 1941-----	25
Figura 2: Maria Beatriz Roquette Pinto na Rádio Sociedade do Rio de Janeiro-----	27
Figura 3: Zuleide Ranieri em capa de um jornal da época -----	34
Figura 4: Associação Baiana de Imprensa -----	39
Figura 5: Dina Rachid no início da carreira em 1985-----	42
Figura 6: Estúdio do Vídeocast GFM 90.1-----	42
Figura 7: Adriana Silva/ Bahia Notícias Holofote -----	43
Figura 8 : Evento teste antes da primeira contratação -----	45
Figura 9: Equipe da Rádio Andaiá FM/Ano 2000 -----	46
Figura 10 : Isaura Maria entrevistando jogador do Vitória -----	50
Figura 11 : Site Portal Turismo Total -----	51
Figura 12 : Solenidade na Câmara de Vereadores -----	52
Figura 13: Cartaz de divulgação do programa Futebol Cor de Rosa -----	54
Figura 14: Radalista Isaura Maria na <i>Rádio Bandeirantes</i> -----	56
Figura 15: Matéria divulgada na <i>Tribuna da Bahia</i> em 1991-----	58
Figura 16: Isaura Maria ao lado dos jogadores Casa Grande, Roger e Dão no Barradão-----	59
Figura 17: Carteira de trabalho com primeiro registro profissional -----	61
Figura 18: Site Bahia Notícias -----	64
Figura 19: Manu Pilger - após a eliminação do Reality -----	65
Figura 20: Manu Pilger e Galvão Bueno -----	66
Figura 21 : A repórter Camila Silva cobrindo um incêndio -----	68
Figura 22: Equipe de transmissão para a final da Libertadores -----	79
Figura 23: Divulgação do novo layout do site -----	81

Figura 24: Capa do Site DonasFC -----	82
Figura 25: Boletim informativo DonasFC -----	82
Figura 26: Narradora divulga sua agenda de trabalho -----	83
Figura 27: Card divulgação da WebRádio -----	84
Figura 28: Perfil no Instagram/Mosaico -----	85

INTRODUÇÃO

“Escute essa canção que é para tocar no rádio do seu coração, você me sintoniza e a gente então se liga nesta estação.” O nome da canção “Sintonia ” foi composta por Moraes Moreira (1986). Recordo-me com afeto na minha infância quando também ficava ouvindo o rádio imaginando quem estava “ do outro lado da frequência modulada”.

O veículo com sua instantaneidade é tão presente em nossas vidas que, para os amantes deste meio de comunicação, é quase impossível imaginar o dia a dia sem ele. Sua importância e utilidade, embora muitas vezes esquecidas, frente aos atuais meios de comunicação como aparelhos celulares e a internet, deve-se em grande parte ao papel desempenhado pelo veículo como um dos principais meios de comunicação de massa do início o século XX. Quando idealizei os sonhos acadêmicos desta pesquisa lembrava das vozes e vinhetas nominais que ouvia na *Rádio Clube AM* de Santo Antônio de Jesus, Bahia.

Na década de 1990, o rádio era mais que um simples aparelho eletrônico; era uma janela mágica que nos conectava a um mundo de histórias, músicas e notícias. Na minha infância, era um companheiro constante, especialmente nas manhãs ensolaradas de sábado durante a faxina da casa ou nos finais de tarde tranquilos após a escola. Lembro-me de como a minha avó ajustava cuidadosamente as estações para encontrar a melhor transmissão das músicas que ela amava, ou então da missa. O som do rádio enchia a sala com uma mistura de sucessos pop e clássicos que se tornaram a trilha sonora das nossas tardes juntas.

As vozes dos locutores eram familiares, lembro-me da minha vó conversando com o rádio como se fossem amigos distantes compartilhando segredos e risos através das ondas hertzianas. As tardes eram frequentemente embaladas por programas radiofônicos dedicados aos jovens, nos quais concursos e dedicatórias eram comuns, e tinha também a cartinha de amor. A ansiedade de ligar para a emissora e solicitar uma música especial para um amigo ou até mesmo para os pais era uma emoção indescritível, mas nós não tínhamos linha telefônica em casa.

As conversas entre os locutores e os ouvintes criavam uma sensação de comunidade, mesmo que estivéssemos separados por quilômetros. Além da música, o rádio transmitia histórias fascinantes. A Minha avó contava sobre a magia das radionovelas e transportava nos para universos imaginários, onde dramas se desdobravam apenas através das vozes habilidosas dos atores.

As tardes de domingo podiam ser dedicadas a ouvir essas histórias, enquanto o mundo lá fora parecia desacelerar, permitindo-me mergulhar completamente na narrativa sonora de minha avó. As

notícias também chegavam através desse meio de comunicação, trazendo um misto de informações e reflexões sobre o mundo que começávamos a entender. As vozes sérias dos jornalistas transmitiam eventos que moldavam a nossa visão de mundo, às vezes gerando discussões familiares à mesa do jantar sobre política, economia ou cultura.

Hoje, olhando para trás, essas memórias do rádio na década de 1990, na infância, são um tesouro de nostalgia do chiado do aparelho quando buscávamos a melhor posição para a sintonia. As tardes passadas ao lado dele são lembranças preciosas que capturam não apenas uma época específica, mas a inocência e a magia da infância que perduram até hoje.

A trajetória dos microfones do rádio no Brasil historicamente é marcada por homens na sua formação, inclusive no radiojornalismo esportivo, do princípio até períodos mais recentes, quando começou a se inserir mais vozes femininas na programação. Importante ressaltar o protagonismo das mulheres nos primeiros anos e especialmente na chamada “Era de Ouro”, quando elas desenvolviam um papel fundamental em programas que tinham como pautas: educação, entretenimento, culinária e cultura artística, com destaque para produções ficcionais como radionovelas e radioteatro.

O ingresso das mulheres no rádio brasileiro, desde os seus primórdios, foi marcado por inúmeros desafios e resistências. No início do século XX, o rádio era um espaço predominantemente masculino, refletindo a estrutura patriarcal da sociedade da época. As primeiras radialistas precisaram romper diversas barreiras sociais, culturais e institucionais para se afirmarem como profissionais em um meio de comunicação que, até então, lhes era praticamente vedado. Atualmente, é cada vez mais comuns pesquisas sobre esse meio de comunicação, surgindo principalmente em escolas de pós-graduação em comunicação, sendo temas de teses e dissertações.

Mesmo assim, a pesquisadora Valci Zuculoto, referência em na pesquisa radiofônica, reconhece que ainda há um percurso a ser conquistado para a representação dos estudos radiofônicos nas academias brasileiras – longo percurso até – que os estudos radiofônicos estejam devidamente representados na academia brasileira. “Se o meio tem tamanha importância, necessidade e sentido de permanência, da mesma forma são fundamentais a consolidação e o avanço do seu campo de estudos e o seu (re) conhecimento” (Valci Zuculoto, 2016, p. 45).

Das memórias afetivas da minha família humilde trago a ausência de aparelho de televisão na minha casa, em Santo Antônio de Jesus, cidade do recôncavo baiano onde vivi até os 12 anos de idade, da missa às notícias da maternidade Luiz Argolo, a novela Carrossel ouvíamos pelas ondas hertzianas. Em virtude da importância que tem o rádio na minha vida, a rememoração de lembranças afetivas da infância ensejou esta pesquisa que utiliza como metodologia principal a História oral, de forma a buscar vestígios dos primeiros programas esportivos da rádio nas emissoras de Salvador, bem como das primeiras vozes femininas do rádio esportivo baiano. Para pesquisar tal inserção partimos

do entendimento de acordo com Fáveri (2001):

Escrever sobre mulheres não é tarefa fácil. Não que elas estivessem ausentes dos processos da história – pelo contrário, ou justamente por suas presenças, permaneceram acobertadas, sob os olhares e discursos, quase sempre nas palavras e representações dos homens (Faveri, 2001, p. 15).

Nesse contexto, nesta pesquisa busca-se entender historicamente parte dessa trajetória profissional dessas mulheres no rádio esportivo baiano. A pesquisa exploratória indicou que não há estudos específicos sobre esse objeto com essa perspectiva. Foram realizadas buscas na plataforma Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior (Capes)¹ e não foram encontrados registros de investigação sobre a participação feminina no radiojornalismo esportivo na Bahia. Considerou-se o período compreendido entre 1980 – a partir das memórias de Isaura Maria, considerada a primeira mulher baiana a atuar como repórter de pista em uma equipe esportiva – até 2024, com o protagonismo de Manuela Avena, a segunda mulher a narrar partidas de futebol na Bahia.

Foram realizadas também pesquisas na biblioteca eletrônica *Scientific Electronic Library Online* – SciELO, no portal de periódicos da Capes, no Catálogo de Teses e Dissertações. O levantamento incluiu artigos apresentados sobre a temática nos ANAIS dos principais Congressos de Comunicação e Jornalismo do País – Sociedade Brasileira de Estudos Interdisciplinares da Comunicação (Intercom), Compós e SBPJOR –, além da Rede Alcar - Associação Brasileira de Pesquisadores de História da Mídia e o repositório do Programa de Pós-Graduação em Comunicação da Universidade Federal do Recôncavo da Bahia (UFRB).

Ademais, a maioria dos registros encontrados é memorialista, descritiva e recupera apenas partes da história, trazendo informações individualizadas ou específicas por regiões geográficas.

No levantamento bibliográfico realizado, com a ferramenta de pesquisa Google Acadêmico, não foram identificados trabalhos que tratem da articulação aqui sugerida entre voz feminina, esporte, rádio esportivo na Bahia. Algumas produções encontradas são importantes com algumas contribuições relevantes para esta pesquisa, como *A mulher no Jornalismo Esportivo: os desafios das repórteres das emissoras de rádio Cariocas*, monografia de Camila Carelli Aragão (2010), que visa investigar o trabalho da mulher no radiojornalismo esportivo com ênfase nas emissoras de rádio do Rio de Janeiro.

A dissertação *A trajetória das profissionais mulheres no radiojornalismo esportivo em Santa Catarina*, de Ediane Teles de Mattos (2019), registra historicamente e analisa a trajetória profissional das mulheres no radiojornalismo esportivo de Santa Catarina, desde a fase pioneira do rádio no estado

¹ Plataforma Capes. Disponível em: <https://sucupira.capes.gov.br/sucupira/>. Acesso em 12 de outubro de 2022.

até a atualidade. Ao se percorrer a história do rádio esportivo no Brasil, verifica-se a hegemonia masculina, sobretudo nas funções que vão aos microfones.

O artigo *Rádio é substantivo masculino. Observações sobre a presença das mulheres no rádio do sul da Bahia* (2023), de Eliana Albuquerque e Rodrigo Bomfim Oliveira, apresentado no 46º Congresso Brasileiro de Ciências da Comunicação - Intercom busca discutir se houve/há a presença de mulheres nas emissoras regionais, como se deu essa presença e como está atualmente, quando aumenta a entrada de mais mulheres no mercado de trabalho.

Outro artigo, intitulado *A presença das mulheres em narrações esportivas de Rádio*, de Renata Ferreira de Miranda (2022), busca analisar o espaço da mulher na narração esportiva no rádio, especificamente no futebol.

Em *Narração de futebol por mulheres no rádio. Registros históricos de transmissões entre a década de 1970 e o início dos anos 2020* (2023), artigo publicado na Revista Radiofonias – Revista de Estudos em Mídia Sonora, as autoras Raphaela Xavier de Oliveira Ferro e Valci Regina Mousquer Zuculoto identificam mulheres que atuaram na função no Brasil, desenvolve-se pesquisa bibliográfica e análise documental a partir de recortes de jornais e notícias *on-line*.

Nesse sentido, esta pesquisa se insere na perspectiva dos estudos em mídia sonora², com as seguintes questões que instigam a investigação: Como ocorreu o protagonismo feminino no rádio esportivo no Brasil e na Bahia? De que forma esse movimento de lutas e resistências vêm sobrevivendo a discriminação, ao machismo estrutural das torcidas, dos colegas de profissão e das próprias emissoras na omissão das contratações?

O **objetivo geral** investigar, compreender e evidenciar a história das mulheres radialistas em Salvador. Para tanto, definimos como **objetivos específicos** os seguintes: : 1º) Analisar o contexto histórico e social em que se deu o ingresso das primeiras mulheres no rádio de Salvador, considerando os desafios enfrentados em termos de gênero e mercado de trabalho; 2º) Identificar e documentar as experiências pioneiras das mulheres no rádio esportivo de Salvador, mapeando suas trajetórias profissionais e contribuições para a área; 3º) Examinar a representatividade feminina no rádio atual de Salvador, destacando como as conquistas históricas influenciam o panorama contemporâneo.

Partimos dos seguintes pressupostos que tensionam esta investigação: 1) O rádio esportivo é tradicionalmente dominado por homens, e as mulheres enfrentam preconceitos e estereótipos que questionam sua capacidade de falar sobre esportes; 2) A escassez de mulheres em posições de

² O termo *media studies* (ou *estudos de mídia*) designa um conjunto diversificado de aportes teóricos e rubricas em torno dos quais o ensino e a pesquisa em comunicação se estruturam em diversos países. A rigor, não é possível se referir a estudos de mídia como uma escola de pensamento, dotada de uniformidade teórica ou metodológica. O foco é o objeto comum – os meios de comunicação, ou a mídia – e o conjunto de relações que se desenvolvem em torno dele como seu objeto de atenção privilegiada (Albuquerque, 2014 p. 260).

destaque no rádio esportivo cria um ciclo de invisibilidade, onde poucas mulheres conseguem enxergar o rádio esportivo como uma carreira viável; 3) O ambiente de trabalho hostil e excludente e pouco acolhedor, com piadas machistas, desvalorização de suas contribuições e até assédio pode desmotivar a permanência de mulheres na área e afastar potenciais interessadas; e 4) A falta de oportunidades específicas para mulheres no rádio esportivo, como treinamentos, estágios e programas de incentivo, também contribui para a baixa representatividade feminina.

Sobre o percurso metodológico

A pesquisa teve como metodologia principal a História Oral. Alberti (2013, p. 19) aponta que a entrevista de História Oral adquiriu status de documento, o que possibilita que o passado seja analisado não mais “como efetivamente ocorreu”, mas como uma versão do passado que pode ser comparado com outras versões, “as formas como foi e é apreendido e interpretado”, alicerçada a entrevistas semiestruturadas.

Com a escassez de material escrito sobre os primeiros programas no rádio esportivo na Bahia se fez necessário ouvir o radialista Perfelino Neto, com mais de 60 anos de profissão e que acompanhou a implantação dos primeiros programas radiofônicos na Bahia em 1959. A escolha como território de pesquisa a capital Salvador justifica-se por ser a cidade da Bahia com maior concentração de veículos de comunicação, bem como de mais eventos e coberturas esportivas.

As entrevistas foram iniciadas com as pessoas de mais idade com maior relevância no grupo. Nesse caso, houve uma atenção especial com relação à sua saúde do radialista Perfelino Neto que, com limitações da diabetes, aos 80 anos, passou as informações solicitadas através da Plataforma Google Meet. Ao fazer o convite, citamos nomes de pessoas que já foram entrevistadas, para que o novo participante entendesse como foi a experiência e ficasse mais confiante sobre os objetivos do projeto.

Foram ouvidos os seguintes radialistas: Isaura Maria, Suleima Sena, Heloísa Braga, Manuela Avena e Perfelino Neto, que se prontificaram a participar da pesquisa. Uma radialista se negou a participar, outra não respondeu ao convite, que foi realizado por ligações telefônicas e pelo WhatsApp. Além disso, o nome de Lalá Moreira, mencionado por Isaura Maria, não foi possível localizar.

Os depoimentos foram gravados e realizados via Google Meet. O roteiro de entrevista com Perfelino Neto foi distinto dos demais, pois buscava traçar o contexto histórico da primeira emissora de rádio na Bahia, além dos primeiros programas musicais, jornalísticos e esportivos, e da primeira voz feminina a atuar no rádio baiano. Já para as radialistas, o roteiro seguiu orientações voltadas para

sua identificação, início de carreira, desafios e rejeições enfrentadas, e a discriminação de gênero e racial ao longo de sua trajetória. Para as radialistas que ainda atuam no mercado, foi assegurado o sigilo tanto da fonte quanto do veículo em que trabalham, garantindo que se sentissem seguras para falar abertamente sobre o assunto e evitar possíveis retaliações.

Alberti (2013, p. 19) sugere que a riqueza que uma análise comparativa de testemunhos pode proporcionar para a pesquisa, possibilitando o questionamento de interpretações generalizantes relacionando os aspectos gerais aos particulares: “trata-se de ampliar o conhecimento sobre acontecimentos e conjunturas do passado através do estudo aprofundado de experiências e versões particulares, de procurar compreender a sociedade através do indivíduo”.

A escassez de registros da história das mulheres no rádio esportivo na Bahia fez com que aliasse à História Oral a outras técnicas buscando obter os resultados esperados. Desta forma, recorreremos a entrevista semiestruturada com profissionais do rádio esportivo baiano, que trabalharam ou trabalham como repórteres, setoristas, narradoras e produtoras em programas esportivos. O questionário com perguntas ajudou na condução da falas das participantes, sem restringir seu discurso e seu conteúdo observando ainda os discursos implícitos à própria materialização da história oral – gestual, interjeições, silêncios, entre outros aspectos que complementam os depoimentos (Almeida, 2012).

Contudo, a ausência de documentos escritos não necessariamente impede completamente a compreensão histórica, mas pode exigir abordagens alternativas e uma análise mais cuidadosa das fontes disponíveis com o objetivo de reconstruir a memória dos primeiros programas esportivos nas emissoras de rádio de Salvador utilizando a História Oral como método de investigação e assim construir o *corpus* empírico.

Nos dias de hoje, temas como empoderamento feminino, sororidade³, feminicídio, misoginia e outros conceitos têm ganhado espaço nas mídias e redes sociais, refletindo um período marcado por contínuas lutas e algumas importantes conquistas para as mulheres. Apesar disso, ainda carecemos de uma política nacional que efetivamente valorize e destaque o papel das mulheres na construção da história de nosso país.

Se pensarmos o conceito de “*memoricídio*”, formulado por Constância Duarte (2010) que se refere à destruição ou apagamento sistemático de memórias coletivas e individuais, especialmente aquelas relacionadas a grupos historicamente marginalizados, é muito relevante nesta pesquisa. Ou seja é a prática sistemática de silenciar, negligenciar ou eliminar da memória coletiva as experiências, saberes e contribuições de determinados grupos sociais, especialmente aqueles historicamente

³ Sororidade é um conceito ligado ao feminismo que significa a prática de empatia, confiança, cooperação e acolhimento entre mulheres.

marginalizados. Trata-se de uma forma de violência simbólica que atua na construção seletiva da história, apagando sujeitos e narrativas que não se alinham aos discursos hegemônicos. No contexto do jornalismo esportivo, esse processo é particularmente evidente quando se observa a escassez de registros e reconhecimento das mulheres que atuaram nesse campo. Apesar de sua presença pioneira e de suas contribuições relevantes, muitas jornalistas esportivas permanecem invisíveis nos arquivos institucionais, nos estudos acadêmicos e na mídia em geral. O memoricídio, nesse sentido, contribui para a perpetuação da ideia de que o espaço esportivo – especialmente o radiojornalismo esportivo – é historicamente masculino, dificultando o acesso das novas gerações às referências femininas e à construção de uma memória mais plural e representativa.

No contexto do rádio esportivo, esse fenômeno se manifesta no esquecimento ou na falta de valorização das contribuições deixadas por pioneiras como Zuleide Ranieri. Nos anos 1970, ela desafiou barreiras de gênero e estabeleceu um legado que deveria ter servido de inspiração

Para alcançar os objetivos desta pesquisa tornou-se necessário entrevistar profissionais que atuaram ou ainda atuam no rádio esportivo em Salvador já que poucos documentos físicos foram encontrados que contassem o início e a evolução das transmissões esportivas na Bahia informantes como Perfelino Neto, detentor do maior acervo de material sonoro e escrito que conta a história da comunicação baiana, e Isaura Maria, considerada a primeira mulher a atuar no rádio esportivo da Bahia, como repórter de campo iniciando sua carreira em 1980, radialistas que tiveram influência nesse processo de formulação e que contribuiriam por meio de seus depoimentos com informações sobre o início das transmissões esportivas na Bahia e como vivenciaram esse cenário.

Assim sendo, Bosi (1994) utiliza as contribuições sobre memória de Henry Bergson para distinguir a memória hábito, que corresponde aos mecanismos motores, atividades que praticamos de forma automática, e a memória espontânea, relativa às lembranças independentes. O que iremos trabalhar nesta produção acadêmica é a memória espontânea, que, segundo a autora, “traz à tona da consciência um momento único, singular, não repetido, irreversível, da vida” (Bosi, 1994, p.49).

Memória é um conceito interdisciplinar/multidisciplinar que envolve muitas áreas e que remonta mitos gregos, Platão, Aristóteles, Marco Aurélio e Santo Agostinho (talvez o sistematizador da autobiografia enquanto forma de memória, pelo menos na Cultura Ocidental).⁴ E inúmeros autores

⁴ Ao longo do período que vai do final do século XVIII à Contemporaneidade, o período histórico que se convencionou denominar Modernidade e se estende pela Modernidade Tardia ou Pós-Modernidade, há inúmeros precursores que – ainda que não possam ser categorizados como estudiosos da memória *stricto sensu* – com ela preocuparam-se, ao longo de suas obras. Nessa categoria podemos citar Edmund Burke, Alexis de Tocqueville, Nietzsche, Ernest Renan, Karl Marx, Durkheim, Karl Mannheim, Walter Benjamin, Adorno, Marc Bloch, Roger Bastide, Claude Levy-Strauss (PALACIOS, 2019).

se ocuparam nos últimos 100 anos em tecer esse conceito em toda a sua complexidade.⁵

Ao utilizar a metodologia da História oral é preciso pensar em procedimentos que vão desde a preparação a aplicação da entrevista, bem como o tratamento e a análise das fontes produzidas, respeitando a íntegra os depoimentos de narradores, possibilitando a sua utilização como fonte histórica.

Sobre a organização dos capítulos

A organização desta pesquisa segue em quatro capítulos. O primeiro aborda o desenvolvimento e a consolidação das vozes femininas no rádio brasileiro, desde as primeiras incursões femininas nas emissoras de rádio até a sua inserção efetiva e crescente nesse meio de comunicação. O objetivo é apresentar um panorama histórico, destacando as pioneiras que desbravaram o caminho para outras mulheres – como a primeira mulher a falar no rádio brasileiro Maria Beatriz Roquette Pinto –, mesmo estando inserida neste meio de comunicação desde o surgimento da Rádio Sociedade do Rio de Janeiro, em 1923, a memória do rádio revela que esse campo sempre foi ocupado, majoritariamente, pelos homens e as mulheres seguem como minoria (Scardoelli,2019).

Inclui os contextos socioeconômicos e políticos que influenciaram a participação das mulheres no rádio, assim como as mudanças tecnológicas e midiáticas que possibilitaram novas formas de expressão e de ocupação de espaços pelas profissionais femininas.

Já o segundo o capítulo enfoca na análise da presença feminina nas emissoras de rádio de Salvador. São investigadas as trajetórias das primeiras mulheres jornalistas, locutoras, comentaristas e setoristas que atuam ou atuaram nas rádios locais, evidenciando suas histórias, os desafios enfrentados, e as estratégias utilizadas para conquistar e consolidar seu espaço em um ambiente tradicionalmente masculino. Partindo do pressuposto de que a memória é indispensável para a construção da história oral (Le Goff, 1996), os depoimentos/testemunhos das entrevistas são a principal fonte deste etapa.

A análise a partir dos depoimentos/testemunhos das entrevistas são a principal fonte do

⁵ Desde os estudos pioneiros de Freud, passando pela conceituação de Henry Bérghson; a percepção de memória em sua dimensão social realizada por Maurice Halbwachs, a partir de sua polêmica com o fundador da *École des Annales*, Marc Bloch, construída no seu primeiro e segundo sistemas; sem falar em outros pesquisadores que mais recentemente não deixaram de se referir à memória, acrescentando outros postulados fundamentais. Neste sentido, há que se destacar a obra de Pierre Nora e seu conceito polêmico e, ao mesmo tempo, desafiador, de “lugares de memória”; os estudos de Michel Pollack; as aproximações entre memória e identidade, realizadas por Gérard Namer e Jöel Candau; as reflexões em torno da relação memória e poder, das memórias silenciadas e esquecidas em contraposição às memórias publicizadas e oficializadas, realizadas por Jacques Le Goff, Georges Duby e Andréas Huyssen, entre tantos outros (BARBOSA, 2005, p.107-108).

capítulo 3, com o cenário atual das emissoras de rádio em Salvador, abordando as principais características do mercado, a diversidade de programação e a presença feminina na mídia.

Esta pesquisa poderá gerar contribuições tanto para as fontes envolvidas, quanto para a comunidade acadêmica, bem como para as mulheres jornalistas, radialistas que trabalharam ou trabalham como repórteres, produtoras, narradoras, setoristas dos clubes de futebol, servindo de fonte de conhecimento/ acréscimo de informações sobre a temática; para as/os entrevistadas/os poderá servir como forma de reconhecer os fatores de exclusão profissional e desenvolvimento de possibilidade de enfrentamento, bem como poderá servir de subsídio para realização de novas investigações e/ou desenvolvimento de atividades voltadas para a comunicação radiofônica tão carente de pesquisas.

Este estudo desenvolvido no PPGCOM-UFRB se relaciona com a linha de pesquisa Comunicação e Memória. Assim, compreende-se que as pesquisas desenvolvidas nessa linha envolvem as disputas simbólicas, discursivas e políticas ocorrem na comunicação sobre a memória. Isso inclui como diferentes narrativas e identidades são criadas e disputadas, considerando aspectos políticos, culturais e históricos. Além disso, essa linha investiga como a comunicação influencia e é influenciada pelas memórias coletivas e pelos patrimônios culturais, e como essas interações são expressas e debatidas na sociedade.

1. VOZES FEMININAS NO RÁDIO BRASILEIRO

A extinta *Rádio Mulher*⁶ foi pioneira no Brasil em narrações esportivas com vozes femininas. A primeira narradora de futebol no país foi Zuleide Ranieri, na década de 1970 (Ribeiro, 2007). A invisibilidade da história da mulher no rádio esportivo não é uma ação isolada, justamente por isso, não se sabe exatamente quantas mulheres tiveram a mesma oportunidade em transmissões esportivas, desse momento até atualmente. De acordo com (Ferro, 2021), provavelmente, depois do protagonismo de Zuleide e Claudete Troiano, que dividiam a função, outra mulher só voltou a narrar uma partida de futebol em emissora de rádio cerca de 40 anos depois: Elaine Felchaka, em 2009, na Rádio 91 Rock, do Paraná⁷.

Na Bahia sabe-se que a primeira mulher a atuar no rádio esportivo como repórter de pista our repórter de campo⁸ foi Isaura Maria em 1980, conforme evidencia esta pesquisas até o momento. Vale pontuar também, que em 2018, o Brasil conheceu a publicitária baiana Manuela Avena que ganhou destaque ao participar do Programa *Narra quem sabe*, antes a narradora passou por webrádios e também pelas rádio Sociedade da Bahia e CBN Salvador, mas apenas atuou na produção dos programas sem atuar como narradora (Lisboa, 2020).

A jornalista baiana Cris Menezes, formada em Jornalismo pela Universidade Federal do Recôncavo da Bahia (UFRB), atuava como repórter de pista na equipe de esportes da Rádio Andaiá FM, em Santo Antônio de Jesus, no Recôncavo Baiano. Em 2021, teve a oportunidade de narrar uma partida entre Bahia e Ferroviária em uma plataforma de transmissão por streaming. Além disso, também narrou um jogo do Campeonato Brasileiro de Futebol Feminino pela Rádio Andaiá FM

⁶ Criada em 1969, em São Paulo, a *Rádio Mulher* foi a primeira emissora de rádio no Brasil a se especializar exclusivamente em assuntos considerados femininos (Ortriwano, 1985) e funcionava com maioria de profissionais mulheres, muitas pioneiras nas funções que exerciam – chegando a ter, em determinado período, 132 mulheres dentre 136 funcionários.

⁷ FERNANDES, Rodrigo. “Sem catedráticos” - Coluna Intervalo. Gazeta do Povo. Disponível em:

<https://www.gazetadopovo.com.br/esportes/docura-ou-travessura-bzqyj3wizj4ytipdyvxcylhzi>. Acesso em 19 set. 2024.

⁸ Repórter de campo – acompanha as novidades em eventos esportivos, cobrindo notícias esportivas em diferentes locais, entrevistando atletas e atuando como correspondente - Disponível em: <https://sportsjob.com.br/jornalismo-esportivo/> Acesso em: 26 mar 2025.

(Rádio Andaiá, 2021).

Este capítulo examina a evolução da presença das vozes femininas primeiro no contexto do rádio brasileiro, desde a sua inserção inicial até a consolidação atual, explorando as mudanças que acompanharam a presença dessas mulheres ao longo das décadas, inclusive na narração esportiva, espaço ocupado por muito tempo apenas por homens.

O sociólogo francês Pierre Bourdieu considerou que a ordem masculina se estabelece por meio de imposições ocultas presentes tanto nas rotinas de divisão do trabalho quanto em rituais coletivos ou privados, e reforça a existência de “condutas de marginalização impostas às mulheres com sua exclusão dos lugares masculinos” (Bourdieu, 2010, p. 34).

De acordo com pesquisas realizadas por Ramos (2010), os primeiros registros de mulheres trabalhando como jornalistas no Brasil é apenas a partir de 1920, ou seja, após 100 anos do início da imprensa brasileira, e a participação dessas mulheres eram restritas a pautas que abordassem assuntos do universo feminino. Em um processo lento e de profundas desigualdades, em 1950, o número de jornalistas no Estado de São Paulo era menor que 50 (*ibid.*).

A luta pelos direitos das mulheres no Brasil tem uma trajetória marcada por conquistas importantes, avanços legais e sociais, e muitos desafios. A evolução dos direitos da mulher no país pode ser dividida em vários marcos históricos, cada um refletindo mudanças nas leis, na sociedade e na percepção do papel da mulher.

Durante o período colonial e imperial, as mulheres não tinham direitos legais e eram vistas predominantemente como subordinadas aos homens, especialmente dentro do contexto familiar. O papel delas era restrito ao âmbito doméstico e as poucas que tinham acesso à educação eram, em sua maioria, de classes sociais privilegiadas. As leis eram baseadas no Direito Português, que não reconhecia os direitos das mulheres como cidadãos plenos. Na fase que antecedeu o capitalismo, elas desenvolviam trabalhos que eram reconhecidos na sociedade, como o cuidado da saúde da família, a fabricação de manteiga e até mesmo o comando de tavernas (Davis, 2016).

O início do século XX foi um período de crescente mobilização feminina, influenciado por movimentos feministas globais e por mudanças sociais decorrentes da industrialização e urbanização. Elas começaram a se organizar para reivindicar direitos políticos e trabalhistas. Um marco importante foi a conquista do direito ao voto em 1932, durante o governo de Getúlio Vargas, que permitiu às mulheres votarem pela primeira vez em 1934.

Este foi um passo significativo para o reconhecimento da cidadania plena das mulheres no Brasil. Por isso é possível afirmarmos que a história da presença delas no rádio tem uma profunda relação com a evolução dos direitos da mulher no Brasil. A figura feminina não era considerada cidadã com direitos e deveres, para desenvolver algum trabalho precisava da autorização da família

ou do marido. E nem todos os lugares que considerados ideais para uma mulher trabalhar e o rádio não era, nem para as solteiras e nem para as casadas. E nem todos os lugares eram considerados ideais para uma mulher trabalhar, e o rádio não era, nem para as solteiras e nem para as casadas. O ambiente altamente masculinizado tornava sua presença pouco aceita, pois não se considerava apropriado que uma mulher permanecesse ali, cercada por homens. Para as casadas, a resistência era ainda maior, uma vez que a sociedade questionava se era adequado que uma esposa e mãe trabalhasse nesse espaço predominantemente masculino. Esse cenário impôs desafios extras para aquelas que desejavam construir uma carreira no meio, exigindo delas ainda mais determinação e resistência.

A partir da década de 1960, especialmente durante o regime militar (1964-1985), houve um ressurgimento dos movimentos feministas no Brasil, que passaram a reivindicar não apenas direitos políticos, mas também direitos civis e sociais, como igualdade no trabalho, educação e o direito ao corpo. A aprovação do Estatuto da Mulher Casada em 1962 foi um avanço, permitindo que as casadas pudessem trabalhar sem a autorização dos maridos e tivessem mais autonomia jurídica. Com a Pós-Revolução Industrial e a necessidade do mercado por mão de obra, as mulheres passam a trabalhar para as fábricas de tecidos, tendo em vista que a tecelagem era considerada um trabalho tradicionalmente feminino (Davis, 2016).

Historicamente, a sociedade patriarcal impôs à mulher um papel de subserviência à figura masculina, e as justificativas sempre eram as mesmas: a fragilidade da compleição física, seu papel de reprodutora e cuidadora do lar. Porém, a legislação brasileira vem evoluindo, ainda que lentamente, propiciando às mulheres possibilidades de ingresso em diversos setores profissionais, inclusive na comunicação.

A discriminação de gênero é real e se manifesta na divisão ocupacional entre homens e mulheres, atribuindo-lhes papéis e valores distintos dentro da economia. No caso do futebol feminino, sua regulamentação só ocorreu em 1983, mas o contexto histórico que a envolveu gerou impactos negativos que ainda persistem, como a escassez de apoio ao esporte e a dificuldade em atrair patrocinadores⁹ (anunciantes). Buscando entender historicamente parte dessa trajetória profissional das mulheres brasileiras destaca-se que durante o governo de Getúlio Vargas, em 1941, as mulheres foram oficialmente proibidas de praticar futebol no Brasil. O Decreto-Lei nº 3.199, de 14 de abril daquele ano, estabelecia que as mulheres não se permitirá a prática de desportos incompatíveis com as condições de sua natureza. Essa medida refletia uma visão conservadora de gênero, que restringia a presença feminina em espaços considerados masculinos e reforçava a ideia de fragilidade feminina. A proibição vigorou por quase quatro décadas, atrasando o desenvolvimento do futebol feminino no

⁹ Disponível em: <https://nossacausa.com/conquistas-do-feminismo-no-brasil/> acesso em: 23 fev de 2025.

país e consolidando barreiras para a participação das mulheres no esporte, tanto dentro quanto fora de campo, inclusive nas transmissões esportivas e findou-se após a publicação de outro decreto em meados de 1980.

Os resquícios de estereótipos machistas que resguardam à mulher apenas o papel de cuidar dos filhos e como pessoas que não entendem e nunca saberão como comentar uma partida de futebol retardaram propositalmente a entrada da mulher no esporte, no mercado de trabalho e consequentemente no jornalismo esportivo. Na realidade brasileira acrescenta-se a esta rejeição os estereótipos de gênero ligados à sexualidade: ou seja, para os julgadores sexistas, uma mulher em ascensão profissional utilizou a sexualidade para ocupar aquele lugar, uma figura máscula da mulher que comanda pela imagem do corpo e rosto bonito e jamais pela sua competência profissional.

Com todas as desigualdades, as mulheres estão avançando nas áreas da cultura e da política, cite-se como exemplo de evolução da presença feminina em cargos importantes foi a eleição de Dilma Rousseff, a primeira presidenta na história do Brasil¹⁰. Influenciada pelo marido que também era narrador Luciano do Valle (*in memoriam*) (1947-2014), que morreu vítima de um infarto, Luciana Mariano se tornou a primeira mulher a narrar uma partida de futebol na televisão brasileira (Belarmino; Medeiros, 2018). Já em 2022, a jornalista Renata Silveira¹¹ foi pioneira em narrar um jogo de Copa do Mundo na TV aberta após 56 anos de transmissões de Campeonatos Mundiais protagonizando outro momento histórico que ficará na memória socialmente difundida, que é um fator importante do sentimento de continuidade e de coerência de um grupo em sua (re)construção de si (Pollak, 1992, p.5).

Considerado um marco histórico, o momento em que a emissora contratou a narradora, que segue na mesma até hoje, foi destacado pela empresa como um exemplo de pioneirismo, acompanhado de um marketing que reforçou seu compromisso com a equidade e a neutralidade de gênero no jornalismo esportivo, com a inclusão da narração feminina. No entanto, embora essa conquista represente um avanço significativo, ela não resultou em um aumento contínuo de contratações de vozes femininas na televisão aberta para programas esportivos, especialmente para a narração de futebol.

Isso ocorre porque, assim como em todo o campo do jornalismo esportivo, esse ambiente ainda é amplamente dominado pelos homens, e as mulheres enfrentam diversos desafios para se

¹⁰ Dilma Vana Rousseff GCMD (Belo Horizonte, 14 de dezembro de 1947) é uma economista e política brasileira. Filiada ao Partido dos Trabalhadores (PT), foi a 36ª Presidente do Brasil, tendo exercido o cargo de 2011 até seu afastamento por um processo de impeachment em 2016.

¹¹ Cf. Quem é Renata Silveira, a primeira mulher a narrar um jogo de futebol na TV Globo?, reportagem de Anderson Scardoelli de 2 de fevereiro de 2022. Disponível em: <https://portal.comunique-se.com.br/quem-e-renata-silveira-a-primeira-mulher-a-narrar-um-jogo-de-futebol-na-tv-globo/>. Acesso em 21/03/2025.

estabelecer e romper as barreiras criadas por um cenário repleto que tem sido explicada pela metáfora “tetos de vidro”¹². Consagrada em estudos organizacionais e de gênero, a expressão surgiu 1985 no *Wall Street Journal* com o termo americano *glass ceiling* (Rocha, 2006). A teoria do Teto de vidro significa uma barreira invisível e impeditiva aplicado a mulheres para que elas não ultrapassem um certo nível na hierarquia de instituições.

As mulheres ainda são uma minoria nas funções de destaque, como narradoras, comentaristas ou apresentadoras de programas esportivos. A falta de visibilidade e representatividade nas posições mais altas pode criar uma espécie de autoimposição do limite, ou seja, as mulheres podem começar a duvidar de suas próprias capacidades por não verem outras mulheres ocupando esses cargos. Isso também afeta a forma como o público as percebe, com frequência, são vistas como “intrusas” ou como “exceção” em um ambiente considerado masculino. Essa discussão agrava ainda mais o “teto de vidro”, tornando as barreiras mais difíceis de serem quebradas, a discriminação com as mulheres em modalidades esportivas também marcou as jogadoras que enfrentaram vários preconceitos sócio-culturais.

Figura 1: Jornal *O Imparcial*, de 1941.



Fonte: Arquivo público / Museu do Futebol

¹² Acar, F. P. (2015). Gender Differences in Promotions to Top Level Management Positions: An Examination of Glass Cliff in the IT Sector. *Procedia Social and Behavioral Sciences*, 210, 223-230.

Conforme argumenta Louro (2014), a desigualdade de gênero, muitas vezes, é remetida às características biológicas entre homens e mulheres, usadas para justificar, durante muito tempo, papéis desempenhados durante séculos. A presença feminina no rádio brasileiro é marcada por uma trajetória de desafios e conquistas. Desde os primórdios do meio, elas desempenharam um papel crucial, não apenas como locutoras e apresentadoras, mas também como símbolos de resistência e transformação social.

1.1. A primeira Voz Feminina no rádio no Brasil

Roquette-Pinto, conhecido na radiodifusão por ter sido o fundador da *Rádio Sociedade do Rio de Janeiro*, era um médico legista, professor, antropólogo, etnólogo e escritor, como mostra um trecho de sua poesia *Profissão de Fé*:

Tenho pena infinita desses todos que se arrastam na vida, miseráveis, porque buscam curar um desengano procurando enganar-se... Nada adianta ser desonesto assim consigo mesmo. Ser homem não é criar fantasmas de alegria para dormir nos braços da ilusão! É olhar o mundo fitando as dores, como o gavião põe os olhos no Sol... É saber encontrar no sofrimento, a própria redenção... É sustentar a vida queimando a fogo lento o coração na chama da esperança. Profissão de fé, Edgard Roquette-Pinto (1935).

Mas, para além de todas essas virtudes, ele foi, sem dúvidas, o primeiro entusiasta da voz feminina no rádio, quando, em 1923, impulsionou sua filha, Beatriz Roquette-Pinto, a se tornar a primeira locutora da história da comunicação radiofônica no Brasil.

Beatriz não apenas inaugurou a presença feminina no rádio, mas também ajudou a consolidar a importância da radiodifusão como ferramenta educacional e cultural, alinhada aos ideais de seu pai. Sua atuação foi marcante em uma época em que a presença de mulheres nos meios de comunicação era praticamente inexistente, abrindo portas para futuras gerações de comunicadoras. Além de locutora, ela contribuiu na produção e no desenvolvimento de conteúdos radiofônicos voltados à educação, consolidando a proposta da *Rádio Sociedade* de levar conhecimento ao público. Seu pioneirismo ajudou a quebrar barreiras e a fortalecer a participação feminina na comunicação, deixando um legado significativo para o rádio brasileiro.

O programa conduzido por Beatriz Roquette-Pinto tinha como linha editorial pautas voltadas para a educação no país. Afinal, esse era o grande propósito de seu idealizador, Edgard Roquette-Pinto: usar as ondas do rádio como ferramenta de educação e transformação social. Pioneiro na radiodifusão brasileira, ele acreditava no rádio como um meio acessível e democrático para levar

conhecimento às camadas mais distantes da população, promovendo inclusão e ampliando o acesso à informação. Sob essa perspectiva, o programa abordava temas ligados à cultura, ciência e cidadania, buscando despertar o interesse do público e contribuir para a formação educacional dos ouvintes. Sequencialmente surgem nomes como o de Ilka Labarte, o de Zenaide Andrea que ganhou a função de apresentadora na Rádio Record em São Paulo, e de Natália Peres, que usava o pseudônimo de Elizabeth Darcy: nomes que entraram para a história da radiodifusão brasileira (Moreira, 1991).

Para entender melhor essa relação entre as mulheres e o rádio, recorreremos a um olhar contextualizador buscando entender os papéis ocupados por mulheres em diferentes épocas da história radiofônica. A base proposta é a periodização feita por Ferraretto (2012), que estabelece quatro principais fases do rádio: (1) fase de implantação, (2) fase de difusão, (3) fase de segmentação e (4) fase de convergência.

A pioneira Rádio Sociedade do Rio de Janeiro foi doada ao Ministério da Educação em 1936. Atualmente a sucessora Rádio MEC dedica sua programação à música clássica e programas culturais, à música de concerto, e, em 5 de julho de 2022, foi declarada Patrimônio Histórico e Cultural Imaterial do Rio de Janeiro.

Reproduzimos a seguir um dos raros registros fotográficos do período em que Maria Beatriz era locutora no estúdio da *Rádio Sociedade*, emissora fundada por seu pai. Segundo Duarte (2008), a imagem data de 1931.

Figura 2: Maria Beatriz Roquette Pinto na Rádio Sociedade do Rio de Janeiro



Fonte: : Duarte (2008) / Acervo SOARMEC

Em depoimento para os Astros (TV-E RJ), trechos disponíveis no canal do *Youtube* **A História do Rádio: EPISÓDIO 90 - A Mulher Chegando no Rádio** (1990), Maria Beatriz Roquette Pinto contou como iniciou sua carreira no rádio:

E eu comecei a trabalhar nessa rádio. Eu tinha 17 anos, tinha acabado de chegar da Europa, que eu tinha o curso lá. E meu pai então me disse o professor Jean Copa tinha vontade de fazer quadro de hora do vovô da rádio. Eu já estou um pouco velho, cansado, queria sair, e você vai contar essas histórias para crianças disse meu pai. Eu achei engraçado, porque eu tinha 17 anos, contavam histórias e riam muitos e eu era uma menina, né? Bom, agora vocês já sabem que sou eu mesma a pessoa da foto, agora com diferenças de idade, né?

A partir desse momento inicia-se a participação das vozes femininas no rádio brasileiro ficando o primeiro registro¹³ de uma mulher falando nas ondas hertzianas, a *Rádio Sociedade do Rio de Janeiro*, radialista da história do Brasil: Maria Beatriz Roquette Pinto, como filha de um dos fundadores, ela foi diretora da rádio. Em 1925 a *Rádio Sociedade* transmitia o noticiário *Jornal da Manhã*, seu apresentador era o professor Edgar Roquette-Pinto, cientista e defensor do rádio educativo. Sua proposta inicial era transmitir educação e cultura aos brasileiros, buscando, dessa forma, popularizar o conhecimento em todas as regiões (Massarani, 1998). Seu objetivo é expresso no editorial da Revista:

Nada impede que cada cidade do Brasil possua, em um ou dois anos, outros tantos centros de educação popular, irradiando para edificação, deleite e instrução da população rural, os conselhos da ciência, as notícias da história nacional, a poesia e a música (...). Ele afirmava que a radiodifusão permitiria educar, instruir e deleitar os indivíduos – mesmo aqueles que não soubessem ler – (Roquette-Pinto, 1923, s.n., *apud* Massarani, 1998, p.125).

O pesquisador Luiz Artur Ferraretto definiu a chegada do rádio como “uma forma de colocar o indivíduo em contato com o mundo” (2012, p. 8). A reunião de esforços naquele momento era a pela busca de novos mercados por parte de grandes indústrias eletroeletrônicas após a Primeira Guerra Mundial. O autor elenca quatro principais peculiaridades desse momento:

(1) pelo lado da indústria eletroeletrônica internacional, o Brasil é visto como um novo mercado para a comercialização de equipamentos. (2) O rádio começa quase como um hobby de integrantes da burguesia, que se articulam em clubes e sociedades mantidas pelo pagamento de mensalidades. (3) O conteúdo expressa uma ideia de difusão cultural e educativa dentro dos valores burgueses de então. (4) A cultura popular encontra resistência em sua veiculação nos clubes e sociedades de rádio. (5) Predomínio do associativismo idealista de elite (Ferraretto, 2012, p. 10).

¹³ Não foram encontrados registro das primeiras mulheres locutoras da Rádio Clube de Pernambuco.

Ele definiu a fase de implantação do rádio como sendo elitista, pois só tinha acesso as pessoas que tinha como pagar para assistir/ouvir. Essa fase se estende até o final da década de 1910 seguindo até a metade dos anos 1930. A parcela informativa, na fase inicial do rádio, era transmitida pela leitura das notícias publicadas nos jornais impressos (Meditsch, 1997) caracterizando-se pela “improvisação, amadorismo e cópia” (Zuculoto, 2012, p. 28):

No início, “o radiojornal procura em tudo e por tudo reproduzir as características da imprensa”. Os hábitos e convenções da página impressa são transferidos para o novo meio da maneira mais literal possível [...]. Desta maneira, a linguagem do radiojornalismo foi pensada, naturalmente, como uma nova forma de apresentação da mesma mensagem escrita. Tudo o que era dito ao microfone deveria ter sido escrito antes, tanto como modo de controle de conteúdo, quanto como garantia de correção. [...] O condicionamento por profissionais pela máquina de escrever era tão forte, que muitos se confessaram “inseguros” e “perdidos” com o surgimento de programas que aboliam a etapa textual da produção... (Meditsch, 2007, p. 182).

As emissoras pioneiras do Brasil derivaram de experiências com a radiotelegrafia e a radiotelefonía. No período compreendido entre 1922 a 1929 se apresentavam como educativo-culturais, preocupadas em transmitir programação com ênfase na divulgação da cultura nacional e na formação escolar, a fim de melhorar o nível de conhecimento da audiência. Tais atributos, como citamos, estiveram diretamente vinculados às propostas daquele que foi um dos principais incentivadores do rádio no país, Roquete-Pinto (1884-1954)- (Moreira, 2014, p.292).

1.2. Vozes femininas no rádio esportivo brasileiro

A trajetória dos microfones do rádio no Brasil historicamente é marcada por homens na sua formação, inclusive no radiojornalismo esportivo, do princípio até períodos mais recentes, quando começou a se inserir mais vozes femininas na programação. Importante ressaltar o protagonismo das mulheres nos primeiros anos e especialmente na chamada “Era de Ouro”¹⁴, quando elas desenvolviam um papel fundamental em programas que tinham como pautas: educação, entretenimento, culinária e cultura artística, com destaque para produções ficcionais como radionovelas e radioteatro.

O ingresso das mulheres no rádio brasileiro, desde seus primórdios, foi marcado por inúmeros

¹⁴ No Brasil, o rádio atingiu seu apogeu em 1930, como principal veículo de comunicação em massa, nesse período, iniciou-se a chamada “Era de Ouro do Rádio”, quando ele se popularizou e tornou-se um meio de entretenimento. Disponível em: <http://cidadedasartes.rio.rj.gov.br/noticias/interna/587>. Acesso em: 26 de mar 2025.

desafios e resistências. No início do século XX, era um espaço predominantemente masculino, refletindo a estrutura patriarcal da sociedade da época. As primeiras mulheres radialistas precisaram romper diversas barreiras sociais, culturais e institucionais para se afirmarem como profissionais em um meio de comunicação que, até então, lhes era praticamente vedado.

A estreia das vozes femininas no rádio ocorreu em um período em que a presença feminina no mercado de trabalho ainda era uma novidade. O Brasil vivia um processo de industrialização e urbanização, que começou a modificar as estruturas sociais tradicionais e a promover a inserção de mulheres em algumas atividades econômicas. No entanto, a cultura patriarcal vigente impunha uma série de restrições às mulheres, tanto no âmbito familiar quanto no profissional.

Nas décadas de 1920 e 1930, com a popularidade do rádio no Brasil, o meio de comunicação foi se tornando uma ferramenta de controle e normatização social, que reforçava os papéis de gênero tradicionais. As que tentavam ingressar nesse campo eram vistas com desconfiança e enfrentavam o preconceito não apenas de seus pares masculinos, mas também da sociedade em geral, e principalmente da família. A resistência à presença feminina no rádio era, portanto, uma extensão da resistência maior contra a participação delas em qualquer esfera pública.

Na década de 1930, vozes como a de Ilka Labarte, que atuou como locutora com Beatriz na *PRD 5 – Rádio escola Municipal* (Moreira, 2000), a Zenaide Andrea, que foi apresentadora na *Rádio Record – PRB- 9*, em São Paulo, e de Natália Peres, que usava o pseudônimo¹⁵ comum na época por mulheres que atuavam na música e no rádio (atualmente chamam de “nome artístico”) de Elizabeth Darcy, já traçavam sua história no rádio brasileiro.

O “rádio espetáculo”, a partir das décadas de 1940 e 1950, trouxe consigo programas de auditório, musicais e radionovelas que eram o grande sucesso da época e um lugar de protagonismos para essas mulheres. Para superar as resistências, muitas radialistas adotaram estratégias de inserção que conciliavam a habilidade profissional com a reafirmação de uma imagem de feminilidade aceita pela sociedade da época. O cuidado com a aparência, o uso de uma linguagem cordial e a escolha de temas considerados “femininos” eram formas de tornar sua presença mais aceitável para o público e para os diretores das emissoras. Essa conformidade, no entanto, não significava submissão, mas sim uma estratégia consciente de enfrentamento das barreiras impostas.

Além das barreiras sociais e culturais, as primeiras mulheres radialistas enfrentaram uma série de obstáculos institucionais. As emissoras de rádio, comandadas majoritariamente por homens, raramente confiavam a elas papéis de destaque ou de liderança. A participação delas era frequentemente restrita a funções de apoio, como secretárias, produtoras ou assistentes. Quando

¹⁵ Que assina com outro nome que não o seu, civil ou consuetudinário, a sua obra, literária ou de outra qualquer natureza.

conseguiram romper essa barreira e assumir o microfone, as radialistas muitas vezes se deparavam com condições de trabalho desfavoráveis, como baixos salários, falta de segurança no emprego e discriminação nos processos de contratação e promoção.

A resistência institucional também se manifestava na forma de censura e controle de conteúdo. Os diretores de emissoras e patrocinadores frequentemente ditavam o que as mulheres poderiam ou não dizer ao microfone, limitando sua liberdade de expressão. Essa censura era especialmente severa em períodos de instabilidade política, como o Estado Novo¹⁶ (1937-1945), quando o controle sobre os meios de comunicação se intensificou.

Diante dessas adversidades, as pioneiras do rádio no Brasil desenvolveram estratégias de resistência e superação que iam além da simples adaptação. Elas buscaram, por meio da união e da solidariedade, construir espaços de apoio e troca de experiências. Essa rede informal de apoio permitiu a elas não apenas sobreviver em um ambiente hostil, mas também prosperar e abrir caminhos para outras mulheres.

A resistência também se manifestava em ações mais sutis, como a inserção de críticas sociais e políticas em programas aparentemente triviais ou o uso de técnicas inovadoras de comunicação que desafiavam as normas estabelecidas. Com o tempo, algumas mulheres conseguiram ocupar espaços mais diversificados no rádio, incluindo a produção de programas jornalísticos, esportivos e culturais.

A história da voz feminina no rádio tem uma ligação muito próxima com a ascensão dos direitos da mulher no Brasil. O papel das mulheres no século XX resumia-se ao de cuidar do lar e dos filhos, muitas das conquistas das mulheres no Brasil se intensificaram após a conquista do direito ao voto, em 1932, mas é importante observar que essas vitórias são parte de um processo contínuo de lutas que começaram antes e seguiram em diferentes frentes ao longo do tempo. A obtenção do direito ao voto simbolizou um marco fundamental na emancipação política das mulheres, pois representou o reconhecimento formal de sua capacidade de participar na vida pública e nas decisões políticas do país.

Com o direito ao voto e ao momento social do país vivenciado por elas, as mulheres começaram a buscar maior acesso à educação e ao mercado de trabalho, desafiando normas sociais que as restringiam ao ambiente doméstico, muitas se destacaram inclusive na escrita com seus manifestos através da literatura, como nos exemplos das renomadas escritoras Cecília Meirelles (1901-1964), Clarice Lispector (1925-1977), Raquel de Queiroz (1910-2003), entre outras (Casadel, 2011).

Nos primórdios do rádio no Brasil, a presença feminina era rara e restrita a papéis específicos,

¹⁶ <https://www.historiadamundo.com.br/idade-contemporanea/estado-novo-1937-1945.htm>. Acesso em: 8 de setembro de 2024.

muitas vezes com um viés conservador. As mulheres, quando participavam, geralmente eram alocadas em programas voltados para o público feminino, abordando temas como culinária, moda, maternidade e comportamento, reforçando estereótipos de gênero. Segundo Calabre (2007), a influência do rádio sobre o público durante as décadas de 1940 e 1950 foi tanta que o período entrou para a história como a “Era de Ouro” do rádio brasileiro.

A chamada “Era de Ouro” do rádio brasileiro, que se estendeu aproximadamente das décadas de 1930 a 1950, marcou um período de grande popularidade e influência desse meio de comunicação. O meio de comunicação se consolidou como a principal fonte de informação e entretenimento no país, alcançando lares de norte a sul e reunindo famílias ao redor dos aparelhos para acompanhar programas de auditório, radionovelas, transmissões esportivas e noticiários. Foi também nesse período que surgiram grandes nomes da locução e da música brasileira, impulsionando carreiras de artistas que, mais tarde, migrariam para a televisão. Com a criação da *Rádio Nacional*, no Rio de Janeiro, em 1936, o rádio passou a exercer um papel ainda mais central na formação da cultura popular e na construção da identidade nacional, tornando-se um verdadeiro fenômeno de massa.

Ainda assim, esse período inicial foi essencial, pois mesmo em espaços limitados, as mulheres começaram a ocupar o ambiente radiofônico em diferentes épocas, ganhando visibilidade em um meio que rapidamente se tornava uma das principais plataformas de comunicação de massa. Na década de 1970, o movimento feminista brasileiro ganhou força, lutando por igualdade de direitos no trabalho e nas esferas pública e privada. A obtenção do direito ao voto simbolizou um marco fundamental na emancipação política das mulheres, pois representou o reconhecimento formal de sua capacidade de participar na vida pública e nas decisões políticas do país. De acordo Coelho (2013), até o início dos anos 1970 era quase impossível ver mulheres no esporte – seja como atleta, jornalista, e menos ainda como ministra.

Nos velhos tempos, o veterano repórter Oldemário Touguinhó, do Jornal do Brasil, telefonava para a redação durante as grandes coberturas e procurava o editor. **Quando este indicava uma mulher para recolher o material que vez ou outra tinha de ser passado por telefone, Oldemário simplesmente se recusava a entregar os relatos** (Coelho, 2013, p. 35, grifos do autor).

As décadas de 1950 e 1960 trouxeram transformações importantes no cenário sociocultural do Brasil, e as mulheres começaram a expandir seu espaço no rádio, ainda que enfrentassem resistências. Foi nesse período que muitas começaram a se afastar dos papéis puramente decorativos ou voltados para o público doméstico. Com a urbanização crescente e a ampliação da audiência feminina no rádio, surgiram programas que começaram a tratar de questões sociais, como a educação

e a saúde, com uma linguagem mais voltada para a inclusão e o protagonismo feminino.

Mesmo com essas mudanças, as mulheres ainda enfrentavam barreiras estruturais. A cultura patriarcal continuava a limitar o acesso a posições mais centrais, como de apresentadoras em horários nobres ou em áreas de prestígio, como o jornalismo e o comentário político. Entretanto, o rádio tornou-se uma ferramenta poderosa para o empoderamento feminino, oferecendo às mulheres um meio de expressar opiniões e de influenciar o público.

Com a onda de movimentos feministas que ganharam força a partir dos anos 1970, as mulheres no rádio começaram a lutar por papéis de maior relevância, não apenas como vozes, mas como profissionais com poder de decisão e influência editorial. O rádio esportivo, por exemplo, que por muito tempo era um território exclusivamente masculino, começou a ver as primeiras inserções femininas, embora esse processo tenha sido lento e repleto de desafios.

Neste período, a presença feminina no rádio ganhou força com o surgimento da *Rádio Mulher*¹⁷, uma emissora que rompeu paradigmas e abriu novas oportunidades para comunicadoras. A história desse pioneirismo começou em 1969, quando a antiga *Santo Amaro AM* foi adquirida pelo empresário Roberto Montoro e passou por uma reformulação completa. No ano seguinte, a estação foi relançada como *Rádio Mulher*, sob a gestão de Antonio Montoro e Aurora Portela, e adotou uma proposta inovadora: toda a equipe de jornalismo e produção seria composta exclusivamente por mulheres, criando um espaço inédito para suas vozes no rádio brasileiro. Inicialmente voltada ao público feminino, a programação evoluiu rapidamente e, em 1971, revolucionou ainda mais o cenário radiofônico ao inserir mulheres no jornalismo esportivo.

Com jornalistas comandando o departamento de esportes, a emissora transmitiu partidas importantes, como um duelo entre Palmeiras e Portuguesa e, posteriormente, eventos como a Copa Roca e a primeira edição do Campeonato Brasileiro. Comunicadoras como Zuleide Ranieri e Claudete Troiano se destacaram nesse período, consolidando-se como referências e ampliando a representatividade feminina no rádio. Mais do que uma emissora, a *Rádio Mulher* se tornou um símbolo de resistência e transformação, abrindo caminho para que outras mulheres conquistassem espaço na comunicação esportiva e em diversas áreas da radiodifusão.

Zuleide Ranieri¹⁸ foi a narradora que comandou a primeira equipe esportiva exclusivamente feminina em uma emissora composta apenas por mulheres, algo inédito na época. O slogan da emissora, que dizia "*A cada mulher no estádio, um palavrão a menos*", fez muito sucesso e foi

¹⁷ Emissora de rádio composta apenas por mulheres em 1970, operava em 930 AM.

¹⁸ Ela morreu em 2016, aos 70 anos, em decorrência de um infarto.

marcante na história da comunicação esportiva. A narradora se tornou mundialmente conhecida por suas expressões dramáticas e emocionantes.

De acordo com o site *Museu do Futebol*¹⁹, a carreira de Zuleide teve início na Rádio Cacique, de Santos (SP), e, posteriormente, ela seguiu para a *Rádio Piratininga*, de São José dos Campos (SP). No entanto, sua estreia como narradora esportiva aconteceu na *Rádio Mulher*, em 15 de julho de 1971, durante um amistoso entre a S.E. Palmeiras e a Portuguesa de Desportos, realizado no estádio do Palestra Itália. O sucesso de sua atuação levou Zuleide a ser contratada como repórter da *TV Record* em 1974, consolidando sua trajetória no jornalismo esportivo.

Em entrevistas sobre sua trajetória profissional, a jornalista Claudete destacou as imensas dificuldades enfrentadas por ambas durante aquele período em que o futebol ainda era um esporte completamente dominado por homens. Naquele contexto, elas não apenas precisavam conquistar seu espaço em um ambiente tipicamente masculinizado, mas também lidavam com uma série de preconceitos, tanto internos quanto externos, oriundos de torcedores que dominavam as arquibancadas, o que, segundo Mattos e Valci Zuculoto (2017), não impediu que a equipe esportiva exclusivamente feminina da *Rádio Mulher*, em que Claudete Troiano também atuava como narradora, alcançasse alguma aceitação do público, aumento da audiência e retorno financeiro com espaços publicitários.

As críticas e hostilidades eram frequentes, e as jornalistas tinham de lidar com o estigma de serem mulheres em um campo tradicionalmente reservado aos homens. Esse cenário desafiador exigia não apenas habilidade e competência profissional, mas também uma enorme resistência emocional para enfrentar os ataques e se firmar como vozes respeitadas no jornalismo esportivo, enfrentando o machismo e a intolerância que marcaram a época.

Figura 3: Zuleide Ranieri em capa de um jornal da época

¹⁹ Sobre Zuleide Ranieri Dias, cf.: <https://museudofutebol.org.br/crfb/personalidades/624699/>. Acesso em: 22 de fevereiro de 2025.

O sonho, o charme e as gafes de uma locutora esportiva da Rádio Mulher



Fonte: Acervo Zuleide Raniere/Museu do Futebol

Nas décadas de 1990 e 2000, houve um aumento significativo da presença feminina em áreas antes dominadas por homens, como o jornalismo investigativo, as transmissões esportivas e a cobertura política. Com a crescente profissionalização e democratização do rádio, além da chegada de novas tecnologias, as mulheres seguiram lutando por mais espaços e maior visibilidade e influência em um meio que, até então, era restritivo. O rádio esportivo.

Produções científicas buscam traçar a trajetória desse movimento, como a tese de Sarmiento (2017): *Das sufragistas às ativistas 2.0: feminismo, mídia e política no Brasil (1921 a 2016)*. Aborda a relação entre mídia e movimento feminista, investigando os modos de visibilidade do movimento de mulheres ao longo do tempo na mídia de massa, com foco particular no jornalismo da grande imprensa. A autora analisou os processos evolutivos, as resistências enfrentadas por mulheres na mídia e propõe a construção de uma agenda de pesquisa voltada para os estudos políticos feministas de mídia.

1.3 A importância da história oral na construção da pesquisa

A história oral tem se consolidado como uma metodologia essencial para a construção de narrativas que, de outra forma, poderiam ser marginalizadas ou esquecidas. No campo da comunicação e, mais especificamente, na análise da presença feminina no rádio esportivo, essa abordagem se revela fundamental, pois permite acessar experiências, percepções e memórias que não estão registradas em fontes documentais tradicionais.

Apesar de ser a primeira emissora de rádio fundada na Bahia e uma das pioneiras no Brasil, a Rádio Sociedade da Bahia não possui um acervo, museu ou qualquer outro tipo de arquivo oficial que registre sua trajetória ou conte a história de seu surgimento. Essa ausência de preservação institucional contribui para o apagamento de parte significativa da memória cultural e comunicativa do estado, dificultando o acesso às fontes históricas que evidenciam o impacto da emissora na consolidação do rádio no cenário baiano. A falta de iniciativa em conservar esse patrimônio também reflete a recorrente negligência em valorizar a importância histórica das emissoras como veículos de transformação social e cultural no Brasil:

As emissoras de rádio não costumavam preservar a documentação, principalmente aquela ligada ao setor de programação em geral. O rádio era feito completamente ao vivo. Os programas radiofônicos das décadas de 1940 e 1950 eram mais elaborados que os contemporâneos, envolviam um grande número de profissionais em sua execução. O rádio tinha em sua programação humor, informação, música, dramatização e esporte. Somente eram gravados os programas especiais, os comemorativos ou quando, por um motivo qualquer, não pudessem ser realizados ao vivo. Mesmo assim, depois de irradiados os programas, as emissoras não costumavam guardá-los (Calabre, 2003, p. 1).

Sem registros formais sobre o início das transmissões radiofônicas na Bahia construímos a partir da história oral, graças ao trabalho investigativo do pesquisador e radialista Perfelino Neto, que coletou e registrou relatos valiosos sobre esse momento pioneiro, bem como mantém em sua residência um arquivo pessoal com vários trechos de transmissões históricas veiculadas no rádio baiano. Esse resgate histórico através da história oral desempenha um papel crucial na valorização e preservação de elementos essenciais da memória coletiva, especialmente no caso do rádio baiano, cuja trajetória ainda carece de maior reconhecimento e registro.

Por tal, a utilização da história oral nesta dissertação visa dar voz às mulheres que atuaram e atuam no rádio esportivo de Salvador, capturando suas trajetórias, desafios e conquistas a partir de suas próprias perspectivas. O registro dessas vivências permite não apenas compreender os aspectos estruturais e culturais que influenciam a participação feminina nesse espaço, mas também humanizar a pesquisa, conferindo-lhe um caráter subjetivo e afetivo que dificilmente seria alcançado apenas por meio de documentos escritos ou dados quantitativos.

A chamada história oral é “um procedimento metodológico que busca, pela construção de fontes e documentos, registrar, através de narrativas induzidas e estimuladas, testemunhos, versões e interpretações” (Delgado, 2006, p.15). O artigo *História Oral e Formalidades Metodológicas*, de Magdalena Maria de Almeida (1996), destaca que a história oral, por meio de entrevistas, fundamenta-se nas memórias individuais. É esse aspecto que permite aos pesquisadores diferenciá-la

de outras estratégias de pesquisa social que também recorrem a fontes orais. No contexto desta pesquisa, a escuta atenta das experiências das mulheres no rádio esportivo possibilita uma reflexão sobre os processos de exclusão e resistência que marcaram suas trajetórias profissionais.

Essa prática não apenas recupera partes esquecidas da história, mas também as ilumina sob novas perspectivas, possibilitando análises que enriquecem nosso entendimento sobre o impacto cultural e social desse meio de comunicação. Sob este prisma, o auxílio de relatos orais é imprescindível já que a memória é inseparável do trabalho do esquecimento, “a memória é, sempre e necessariamente uma interação dos dois” (Dosse, 2004, p. 182).

Preservar a história do rádio na Bahia é também um ato de reconhecimento da sua importância como agente formador de opinião, propagador de cultura e veículo de integração social, garantindo que legados fundamentais não se percam com o tempo, mas sejam fonte de inspiração e aprendizado para as futuras gerações.

1.4 Perfelino Neto: testemunho de uma época do rádio baiano

Residente em Salvador há muitos anos, Perfelino Neto nasceu em Juazeiro (BA), em 9 de março de 1941, e construiu uma carreira sólida como radialista e pesquisador da música popular brasileira. Conhecido por sua dedicação à difusão da cultura musical e pela estreita ligação com o rádio, produziu programas icônicos como *Memória do Rádio* e *Encontro com o Chorinho*, ambos transmitidos pela *Rádio Educadora da Bahia FM*. O reconhecimento internacional veio com o prêmio Shangai Rádio Music Show (1993), concedido ao *Encontro com o Chorinho*. Em 2020, comemorou 60 anos de profissão, com passagens por emissoras renomadas como *Rádio Cultura da Bahia*, *Rádio Bahia* e *Nova AM*, além de ter atuado como repórter, redator e editor de jornalismo.

Na *Educadora FM*, onde trabalha desde 1980, ocupou o cargo de coordenador-geral e atualmente apresenta seus programas diretamente de um estúdio caseiro, preservando um rico acervo de programas e entrevistas. Entre os destaques de sua trajetória estão diálogos com personalidades como o Papa João Paulo II e artistas da música popular brasileira, material que ele cuidadosamente digitaliza.

Crítico da negligência com a memória radiofônica, Perfelino Neto tem se dedicado a preservar sua contribuição para a história do rádio baiano, em contraponto à falta de atenção dada por muitas emissoras locais, inclusive públicas:

Desse idealismo meu, que nasce, inclusive, ainda com pouco mais de 12 anos, eu conservo desde essa época não só as revistas, como também as gravações, principalmente as gravações em cassete. e como eu não tenho nenhuma ajuda governamental, nem pretendo ter, até porque ajuda pública envolve político e quando político entra em qualquer processo cultural, ele entra para destruir. eu tenho vários exemplos ao longo de 65 anos de radiojornalismo. então, hoje eu venho conservando todo esse material, apesar do avanço da tecnologia, mas eu guardo não só as fitas, o rolo, que são as primeiras da tdk, da basf e outras marcas, como também as fitas cassetes (Perfelino Neto, 2024, informação oral)²⁰.

A primeira emissora de rádio AM em Salvador foi a *PRA-4*, hoje conhecida como Rádio Sociedade da Bahia, fundada em 1924. Já a primeira com transmissão FM surgiu 54 anos depois, em 1977, chamada 97.5. A rádio pertencia aos *Diários Associados*, um conglomerado de comunicação do empresário paraibano Assis Chateaubriand, o "Chatô". Os associados, além de uma grande rede de emissoras de rádio, também eram proprietários da *Rede Tupi de Televisão*, integrada por várias emissoras, incluindo o *Diário de Notícias*, em Salvador, e a revista *O Cruzeiro*.

Perfelino Neto contou que iniciou sua trajetória no rádio no dia 1º de novembro de 1959, como rádio escuta²¹, na Rádio Cultura da Bahia foi operador, discotecário, locutor, repórter, redator, editor econômico, chefe de redação e editor de jornalismo, nas Rádios Cultura e Bahia²². Ainda de acordo com ele a a programação da Rádio Sociedade da Bahia, desde seus primórdios, destacou-se pelo pioneirismo e inovação, consolidando sua importância no cenário radiofônico.

Em 1927, a emissora tornou-se a primeira a divulgar a plataforma política de um candidato ao governo, promovendo as propostas de Vital Soares. Já em 1938, a rádio se destacou com a transmissão de jogos de futebol no Campo da Graça, narrados por Roberto Machado e Ubaldo Cândia de Carvalho, aproximando o esporte de seu público ouvinte.

A rádio também marcou sua história com a criação do programa infantil *A Hora da Criança*, que recebeu reconhecimento e elogios de Monteiro Lobato. Durante a Segunda Guerra Mundial, em 1942, a emissora demonstrou seu engajamento social ao transmitir o programa *A Marcha para a Vitória*, que defendia a causa dos aliados. Esses marcos evidenciam a versatilidade e o impacto cultural da emissora na Bahia. Embora o programa tenha sido um marco de apoio à causa

²⁰ NETO, Perfelino. Entrevista realizada por Emanuelli Pilger em agosto de 2023 na cidade de Salvador-BA pela Plataforma Google Meet.

²¹ Rádio-escuta é uma profissão que tem como objetivo acompanhar o noticiário divulgado pelos veículos eletrônicos e chamados para polícias/bombeiros em busca de pauta para programas jornalísticos. Disponível em: <https://pt.wikipedia.org/wiki/R%C3%A1dio-escuta>. Acesso em: 26 mar 2025

²² Memória da Educação na Bahia. Disponível em: <https://blog.ufba.br/webmemoriaeducacaobahia/perfilino-neto/#:~:text=No%20r%C3%A1dio%20come%C3%A7ou%20em%201958,nas%20R%C3%A1dios%20Cultura%20e%20Bahia>. Acesso em: 12 janeiro de 2025.

dos aliados, a duração exata da atração não é amplamente documentada em fontes históricas. Criado para mobilizar a população e reforçar a postura do Brasil durante o conflito, o programa, como muitas produções da época, não preservou detalhes como sua duração ou continuidade.

Em relação às coberturas esportivas, a *Rádio Sociedade da Bahia* iniciou suas atividades nesse campo na década de 1940, consolidando-se como uma das pioneiras na transmissão de eventos esportivos no estado. Com o tempo, a emissora se estabeleceu como uma das principais fontes de informação sobre esporte na Bahia, com destaque para o futebol, que é uma grande tradição no estado. A partir de sua primeira cobertura ao vivo de eventos esportivos, a rádio investiu em uma equipe de comentaristas, narradores e repórteres qualificados (composta majoritariamente por homens), transmitindo a emoção das partidas e análises especializadas aos ouvintes.

Com o crescimento da popularidade do rádio como meio de comunicação de massa e o aumento da audiência, a emissora se consolidou com transmissões de jogos do Campeonato Baiano, da Seleção Brasileira e de clubes importantes do estado. Com o passar dos anos, a *Rádio Sociedade da Bahia* não apenas manteve suas transmissões, mas também expandiu sua cobertura esportiva para diversas modalidades, criando programas dedicados a debates e informações sobre o cenário esportivo nacional e internacional. A evolução tecnológica e a convergência das mídias desafiaram a emissora a se modernizar, mantendo-se relevante na era contemporânea.

Nesse sentido, a gestão da rádio buscou se adaptar às novas tecnologias, criando um portal de notícias para ampliar sua presença digital e oferecer conteúdo atualizado aos ouvintes. Além disso, a emissora disponibilizou um aplicativo móvel, permitindo que os usuários acessem a programação ao vivo e outros conteúdos diretamente de seus dispositivos. Essas iniciativas refletem a necessidade de modernização da *Rádio Sociedade da Bahia*, para atender às exigências de uma audiência cada vez mais conectada e exigente.

Figura 4: Associação Baiana de Imprensa



Fonte: Inauguração da *Rádio Sociedade da Bahia*/ Acervo da Emissora

Perfelino Neto relatou em sua narrativa que, por muitos anos, as mulheres tiveram acesso negado à profissão de radialista. Quando questionado como pesquisador de rádio sobre registros da primeira mulher a atuar na comunicação radiofônica na Bahia, respondeu:

Não me recordo até porque a profissão não era bem vista para mulheres há meio século atrás (...). A mulher tem que chegar a avançar, porque inclusive ocupava um espaço no rádio que desde o início ela ocupou. Claro, ela ocupou no passado com muitas restrições. Embora hoje não, mas a meio século atrás a mulher encontrava uma barreira terrível. A Primeira restrição da própria família até de vizinhos, pessoas que não viam com bons olhos uma mulher trabalhar em rádio, um local cheio de homens. As esposas dos radialistas ficavam com ciúmes, demorou muito para uma mulher ocupar esse espaço. Mas com o decorrer do tempo, principalmente com a chegada de sua grande rival, a televisão, a mulher encontrou um espaço maior nesse processo de comunicação à distância (Perfelino Neto, 2024, informação oral).

Curiosamente, ele próprio não possui registros em seu acervo que identifiquem quem foi a primeira voz feminina a atuar no rádio baiano. Nesse contexto, refletimos sobre a leitura do artigo de

Magdalena Maria de Almeida, *História Oral e Formalidades Metodológicas*. Como técnica que produz fontes, a história oral carrega alguns problemas relativos à coleta de depoimentos, que podem torná-los discutíveis em termos de sua confiabilidade como fonte de pesquisa. Considere-se que 'a crítica aos relatos orais deve constituir-se em instrumento de investigação das suas próprias condições de produção – o lugar social em que a pesquisa está circunscrita, como se procede com as demais fontes' (Guimarães Neto, 2006, p. 46).

Contudo, essa forma de apagamento de registros formais pelas próprias emissoras não impediu a insurgência das mulheres, nem fez com que suas narrativas ficassem completamente soterradas pelo patriarcado e pelo colonialismo – sistemas que ainda permanecem como vestígios de uma cultura que nos colocou em posição de subalternidade. O desejo de ampliar a participação feminina em espaços predominantemente masculinos representa um rompimento com as estruturas que buscam sufocar essa presença.

Assim sendo, a inserção das mulheres no mercado radiofônico de Salvador é um reflexo das transformações históricas e sociais da Bahia. Embora o rádio seja um meio de comunicação consolidado desde o início do século XX, a presença feminina foi marcada por barreiras estruturais e culturais que dificultaram a equidade de gênero nesse espaço. Portanto, ao adotar a história oral como o pilar metodológico desta pesquisa busca-se não apenas documentar as trajetórias das mulheres no rádio esportivo em Salvador, mas também valorizar suas vozes como agentes históricos fundamentais.

Neste capítulo, buscamos resgatar a trajetória das vozes femininas no rádio brasileiro. Retomamos aqui as questões que instigam esta pesquisa: como ocorreu o protagonismo feminino no rádio esportivo no Brasil e na Bahia? De que forma esse movimento de lutas e resistências vêm sobrevivendo a discriminação, ao machismo estrutural das torcidas, dos colegas de profissão e das próprias emissoras na omissão das contratações? No próximo capítulo continuamos em busca dessas respostas: rumo à trajetória das vozes femininas pioneiras do rádio esportivo em Salvador.

2. VOZES FEMININAS PIONEIRAS NO JORNALISMO ESPORTIVO EM SALVADOR

Antes de analisarmos a presença das mulheres no jornalismo esportivo, é fundamental compreender o papel que elas desempenharam no rádio comercial de Salvador apresentando programas musicais e fazendo gravações de spots publicitários, a fim de entender como surgiram as primeiras vozes femininas e de que forma contribuíram para a construção desse panorama histórico da comunicação.

A cidade, reconhecida por sua rica diversidade cultural e marcada por profundas desigualdades sociais, exerceu grande influência na formação do mercado radiofônico local. Desde

sua origem, a radiodifusão na Bahia foi dominada por narrativas hegemônicas, que silenciavam ou marginalizavam a participação de grupos minoritários, especialmente das mulheres.

A partir de movimentos sociais e de uma evolução gradual no entendimento sobre gênero, as mulheres começaram a adentrar esse espaço, desafiando estereótipos e reivindicando seu devido espaço. Nesse contexto, uma das pioneiras na locução em rádios comerciais da capital baiana foi a radialista Dina Rachid natural do Pará, ela se mudou para Salvador aos 17 anos, onde iniciou sua carreira no rádio ainda muito jovem, em um cenário no qual a presença feminina era praticamente inexistente, especialmente em 1985.

Quando começou a trabalhar para uma gravadora aos 17 anos ela precisou ser emancipada pelos pais para ser contratada, apenas como a voz que gravava os *spots* comerciais, nunca ocupava um horário na programação musical que era apenas composto por homens em uma emissora com programação 24 horas no AR.

Em registros de sua participação, a locutora relatou que, em 1985, havia uma escassez de vozes femininas no rádio de Salvador. Sua carreira teve início na Rádio Manchete, onde passou a apresentar o programa matinal *As Lentinhas da Manchete*. Em entrevista ao videocast²³ *Geração*, com Thiago Mastroianni e Dino Neto, Dina enfatizou o contexto da época e as oportunidades que surgiram no começo de sua trajetória profissional.

Figura 5 - Dina Rachid no início da carreira em 1985



Fonte: Acervo pessoal Dina

²³ Conheça a radialista Dina Rachid, uma das primeiras locutoras de Salvador: 'O mercado não tinha locução feminina'. Disponível em: <https://www.ibahia.com/mundogfm/geracaogfm/conheca-a-radialista-dina-rachid-uma-das-primeiras-locutoras-de-salvador-o-mercado-nao-tinha-locucaao-feminina>. Acesso em: 12 de janeiro de 2025.

Figura 6 - Estúdio do Vídeocast GFM 90.1



Fonte: Site da GM FM

A radialista salientou que, em várias das emissoras nas quais trabalhou, era frequentemente a única mulher, e teve a oportunidade de atuar ao lado dos mais renomados radialistas baianos de sua geração. Outra curiosidade que ela mencionou eram os ciúmes causado nas mulheres dos locutores por ser a única do sexo feminino na emissora.

Durante muitos anos, as emissoras de rádio na Bahia restringiram a participação de vozes femininas em seus quadros de locução. Quando permitiam a presença de uma voz feminina, essa representava uma exceção em meio a um universo predominantemente masculino, composto por mais de dez locutores.

As mulheres, nesse contexto, não desempenhavam outras funções dentro das emissoras, como a condução de programas jornalísticos, limitando-se frequentemente a ler as notícias. Um exemplo notório dessa realidade é a *Rádio Piatã FM*, que, por anos, não admitiu locutoras que apresentassem programas musicais em seu quadro.

A primeira mulher a integrar a equipe da emissora foi a locutora Adriana Silva, frequentemente chamada de “a locutora mais amada da Bahia”. Sua trajetória no rádio começou em 1993, quando iniciou sua carreira em várias cidades do interior da Bahia, atuando em emissoras AM (Amplitude Modulada) e FM (Frequência Modulada).

Figura 7: Adriana Silva/ Bahia Notícias Holofote



Fonte: Paulo Victor Nadal / Bahia Notícias

Em entrevista ao site *Bahia Notícias*²⁴, Adriana relatou que, ao longo de sua carreira, nunca enfrentou obstáculos em razão de seu gênero ou de sua identidade negra:

Nunca tive problemas por ser mulher e por ser negra. Sempre conquistei todos com a minha voz. Aonde eu chegava, não viam a cor, não viam a mulher. Mas até hoje sinto poucas mulheres presentes. Os homens me tratavam muito bem, as pessoas me tratavam muito bem. Por incrível que pareça, nunca tive problemas com relação a ser mulher e a ser negra. Sempre fui muito bem recebida, muito bem acariciada por todos os colegas, e eu agradeço muito a Deus por isso (Adriana, 2018).

2.1 Trajetória e experiência da autora como radialista

Como radialista, a autora desta pesquisa iniciou sua carreira em 1999. Nesta parte, meu relato pessoal se insere como testemunho também no objeto de pesquisa: mulheres no rádio esportivo da Bahia. Naquela ano, estava concluindo o ensino médio no extinto magistério mas já nutria o sonho de trabalhar em rádio, na minha família três irmãos da minha mãe já tinham trabalhado com carro de som (aquele que faziam anúncios de produtos e serviços pelo bairro, bem como o sistema de som conhecido como “Rádio Poste”, era uma rotina diária na minha casa a convivência com esse tipo de comunicação

Foi então quando tive conhecimento que na rodoviária da minha cidade natal, o sistema de

²⁴ Site Bahia Notícias: 'Locutora Mais Amada da Bahia', Adriana fala do futuro do rádio: 'Não perde a majestade' Disponível em: <https://www.bahianoticias.com.br/holofote/entrevista/286-locutora-mais-amada-da-bahia-adriana-fala-do-futuro-do-radio-nao-perde-a-majestade>. Acesso em: 12 janeiro de 2025.

som buscava uma voz para fazer os anúncios dos ônibus que entravam e saíam do terminal das 8 às 17 horas fiz um teste e fiquei trabalhando como forma de demonstrar um potencial para um mercado que me invisibilizava nas minhas buscas. Trabalhei durante três meses no sistema de som da rodoviária e não recebi pelos meus serviços, o que me fez desistir de permanecer naquele local já que não existia ao menos uma contribuição para fazer o deslocamento o que me fazia ir e voltar caminhando.

Logo após, recebi outra informação, por meio de amigos que me apoiavam, de que a rádio Valença FM, localizada em um município próximo ao que eu morava, estava realizando uma seleção para uma voz feminina. A locutora oficial da emissora estava grávida e saíria de licença-maternidade. Prontamente, gravei um piloto em uma fita cassete e enviei pelos Correios para a rádio. Alguns dias depois, recebi uma ligação na casa de uma vizinha — já que na minha casa não havia telefone — informando que o coordenador da rádio, Abel Queiroz (*in memoriam*), havia gostado do meu piloto e queria que eu fizesse um teste ao vivo na emissora.

Na época, eu não tinha condições financeiras sequer para me deslocar até lá. Então, liguei para um tio e pedi sua ajuda para custear minha viagem, permitindo que eu fosse, junto com minha mãe, realizar o teste. Eu tinha apenas 18 anos. Fiz o teste na rádio, e eles gostaram muito da minha voz. No entanto, o horário disponível para o trabalho era de madrugada, o que tornava a rotina bastante desafiadora. Mesmo assim, fui contratada e comecei a trabalhar nos finais de semana, assumindo quatro horários diferentes.

Por morar em outra cidade, precisei permanecer sozinha no novo município, longe da minha família e da minha mãe. Era uma experiência nova e difícil para mim. Em determinado momento, a saudade e o sentimento de solidão se tornaram insuportáveis, e eu decidi pedir demissão da emissora. Ao retornar para Santo Antônio de Jesus, minha terra natal, continuei insistindo no meu sonho e mais uma vez, deixei meu piloto em diversas emissoras, me colocando à disposição para testes, coberturas de férias e folgas. Estava disposta até mesmo a trabalhar sem remuneração para que as pessoas conhecessem o meu potencial.

Quando iniciei minha carreira em 1999 também enfrentei diversos desafios. O primeiro deles foi a busca incessante pela tão almejada oportunidade, o que me levou a visitar várias emissoras para deixar um "piloto", na época uma fita cassete com gravações realizadas diretamente em um aparelho de som que possuía em casa, com o intuito de demonstrar meu potencial e disposição para estar naquele meio. Durante as visitas a essas emissoras, obtive respostas como "no momento, não temos vagas".

Foi somente no ano 2000 que uma emissora, à qual havia deixado meu piloto, fez contato por meio de uma vizinha, já que não possuía telefone em minha casa. Ao saber de onde vinha a ligação, meu coração disparou, e, ao atender, recebi o tão esperado convite para realizar um teste que

consistia em apresentar um evento voltado para o agronegócio ao lado de um locutor experiente da emissora se eu tivesse um bom desempenho naquele evento seria contratada, visto que a locutora na época conhecida como Jô Brasil havia recebido um convite para trabalhar em uma emissora de São Paulo.

Figura 8 : Evento teste antes da primeira contratação



Fonte: arquivo pessoal Emanuelli

A rádio *Andaiá FM*²⁵ foi fundada em março de 1995 pelos empresários Fernando Henrique Batista Chagas, Raul Costa de Menezes e Renato Machado. Desde sua criação, a emissora teve como principal objetivo oferecer um rádio solidário e companheiro de todas as classes sociais, promovendo a informação, a formação e o entretenimento de seus ouvintes. Com uma programação interativa, descontraída e moderna, a *Andaiá FM* se tornou um canal essencial para divulgar e promover os acontecimentos de Santo Antônio de Jesus e região.

Figura 9: Equipe da *Rádio Andaiá FM*/Ano 2000

²⁵Blog do Valente: Rádio Andaiá FM celebra 18 anos <https://blogdovalente.com.br/sem/2013/05/radio-andaia-fm-celebra-18-anos/>



Fonte: acervo pessoal Emanueli

O horário inicialmente oferecido para mim situava-se fora do período comercial, enquanto o horário nobre era reservado exclusivamente para os homens. No início da minha trajetória, precisei trabalhar durante três meses na madrugada, quando a programação era gravada e sujeita a avaliações posteriores, destinadas a verificar se eu possuía afinidade com o microfone e condições de integrar a grade regular de programação em horários de maior audiência.

Fui resistente desde o início dificuldades de deslocamento por não ter um veículo próprio e precisava dormir na emissora, acordar às 1h30 da madrugada para entrar no ar às 2h da madrugada. Havia um estereótipo profundamente enraizado, de natureza machista, que sustentava a ideia de que a voz masculina era mais bem aceita pelo público ouvinte e pelos anunciantes, pois indicava mais credibilidade pelo tom grave.

Além disso, havia uma discrepância notável em relação à ocupação de cargos de gestão e coordenação, tradicionalmente destinados aos homens. Na emissora em que iniciei minha carreira, mesmo após três décadas de sua fundação, nenhuma mulher assumiu o cargo de coordenação geral, coordenou uma equipe esportiva ou apresentou um programa jornalístico. Esse cenário ilustra as barreiras estruturais impostas a elas nesse espaço profissional, perpetuando um desequilíbrio que precisa ser questionado e transformado.

O rádio, historicamente dominado por homens, é um reflexo das desigualdades estruturais presentes na sociedade. As mulheres que se aventuram nesse espaço enfrentam uma barreira dupla: o preconceito de gênero e os estereótipos que questionam sua capacidade técnica e profissional. No

universo esportivo, essas dificuldades se amplificam, já que muitas vezes precisei comprovar, incessantemente, minha competência para comentar ou narrar assuntos tradicionalmente associados aos homens. As críticas vão desde a suposta falta de "autoridade" na fala até a cobrança excessiva por perfeição, criando um ambiente desafiador que exige delas mais do que talento, mas também resiliência e determinação. Essa contextualização ajuda a adentrar na questão norteadora desta pesquisa.

2.2 Mulheres na cobertura esportiva em Salvador

Ferraretto (2001) explica que o radiojornalismo esportivo não é algo tão recente mas sem ainda transmístir eventos na íntegra, o futebol, como esporte das massas, consolida-se depois de 1930. Uma das vertentes mais populares da comunicação radiofônica foi historicamente marcado pela predominância de vozes masculinas. Contudo, ao longo das décadas, mulheres determinadas e talentosas começaram a desafiar essa exclusividade e a ocupar um espaço que lhes era negado.

Em Salvador, cidade de fortes tradições culturais e esportivas, esse movimento de inserção foi especialmente marcante. As primeiras mulheres a adentrar no jornalismo esportivo enfrentaram preconceitos, resistências e a necessidade constante de provar sua competência em um campo permeado por desafios, entre os quais a ausência de remuneração. Teste com data para terminar e sempre com a mesma justificativa: "*não atendeu ao padrão*". Mas qual padrão?

No artigo "*Mulheres e futebol no Brasil: entre sombras e visibilidades*", Silvana Vilodre Goellner (2005) analisa as relações de gênero no contexto do futebol brasileiro, destacando as dificuldades históricas enfrentadas pelas mulheres para conquistar espaço nesse esporte. A autora discute como o futebol, socialmente construído como um espaço masculino, contribuiu para a exclusão do sexo feminino, seja através de proibições legais ou de estereótipos culturais que reforçam a desigualdade de gênero.

A autora também examina como, ao longo do tempo, as mulheres têm conseguido maior visibilidade, ainda que enfrentem constantes desafios relacionados à desvalorização e à falta de investimentos. O artigo convida à reflexão sobre a necessidade de transformar as estruturas sociais e esportivas para promover maior inclusão e igualdade no futebol brasileiro:

Enfim, em se tratando de um país como o Brasil, onde o futebol é discursivamente incorporado à identidade nacional, torna-se necessário pensar, o quanto este ainda é, para as mulheres, um espaço não apenas a conquistar, mas, sobretudo, a ressignificar alguns dos sentidos que a ele estão incorporados de forma a afirmar que esse espaço é também seu (Goellner, 2005, p.8)

Desta forma, revisitamos a trajetória dessas pioneiras, destacando suas histórias e os marcos de suas carreiras em uma época em que o rádio era dominado pelo machismo estrutural. Através de suas vozes não apenas quebraram paradigmas, mas também abriram caminho para que futuras gerações de mulheres tivessem a coragem e a determinação de sonhar e atuar em um dos espaços mais emblemáticos da comunicação esportiva. Ao relatar essas histórias, buscamos honrar a resistência dessas mulheres e refletir sobre a importância de sua contribuição para o rádio esportivo de Salvador. E a cada passo da pesquisa seguimos conhecendo o percurso percorrido por elas conhecendo as memórias das protagonistas no rádio esportivo da capital da Bahia.

As primeiras mulheres a atuarem como repórteres esportivas na Bahia enfrentaram inúmeros desafios para abrir caminho em um universo tradicionalmente masculino. Na década de 1980 quando iniciaram suas trajetórias o ambiente do rádio esportivo era função desempenhada majoritariamente por homens, mas, com coragem e determinação, elas desbravaram as arquibancadas e os campos de futebol, demonstrando competência e profissionalismo que desarmaram preconceitos. Suas trajetórias não apenas romperam barreiras, mas também inspiraram uma nova geração de mulheres a acreditar em seu potencial no jornalismo esportivo. O legado que deixaram é marcado por uma mensagem poderosa: o microfone e o campo também pertencem a elas, fortalecendo a luta por igualdade e amplificando as vozes femininas nesse cenário.

Insta salientar que tivemos muitas dificuldades em encontrar documentos, registros das primeiras (e poucas) vozes femininas no rádio esportivo nas emissoras de rádio de Salvador, sejam atuando como repórter, como narradora, como produtora, setorista etc. E durante muito tempo essas mulheres seguem esquecidas e à margem da história, fruto de uma ausência de política nacional de arquivos e de uma política documental contribuindo assim pela manutenção de um “*memoricídio*” com a ausência de registros da história tradicional da participação de mulheres no início da comunicação baiana.

Contudo conseguimos chegar até as primeiras mulheres que atuaram como repórteres esportivas na Bahia através de contato com profissionais que atuam no setor de esportes da rádio *Sociedade da Bahia*, localizada em Salvador. Ao fazer imersão no assunto, sobre as primeiras profissionais do jornalismo esportivo da cidade, fundamentada em Barbosa (2007), busca-se no passado os indícios significativos:

Há que se considerar também que cada época está num grau de consciência histórica que foi sendo construído pelos sujeitos que “vivem sua própria história”. Se ao construir um texto que lança um determinado olhar sobre o passado estamos tentando produzir conhecimento ou episteme, por outro lado não se pode esquecer que o que se reconstrói são sempre, como diz Heller (1993), os problemas da vida e da consciência cotidianas. O que cada pesquisador faz é tornar explícito o implícito;

publicizar o que seria secreto e fornecer uma coerência ao que em princípio poderia ser classificado como incoerente (Barbosa,2007, p.4).

Nesse percurso, destaca-se Isaura Maria da Rocha Conceição. Nascida em Salvador, no dia 21 de fevereiro de 1949, a radialista foi uma das mulheres mais influentes na história do Esporte Clube Vitória ao longo dos três séculos de sua existência. No ano de 1960 Isaura começou a prestar serviços em prol do Clube onde permaneceu por duas décadas atuando em diversas funções. Destacou-se principalmente na formação dos meninos de base auxiliando os treinadores da época.

Em 1980 ela foi a primeira repórter do futebol baiano a cobrir pista e vestiário e foi também a primeira mulher a concorrer à presidência do Esporte Clube Vitória. Isaura Maria acredita que o mercado do jornalismo esportivo na Bahia segue tímido e sem valorização a atuação feminina por conta da falta de “sororidade”, ou seja, de mulheres que apoiam outras mulheres em uma área dominada por homens.

De acordo com Isaura Maria (2024), há uma percepção de que a própria mulher, em muitas situações, não valoriza o trabalho realizado por suas colegas no rádio esportivo. A informante relata episódios em que ouviu comentários depreciativos, tanto de homens quanto de outras mulheres, como: “Pô, tem uma menina que é narradora, ela tem uma voz mesmo chatinha!”, ou “Com um jogo desse colocaram uma mulher para narrar!”.

Isaura Maria ressalta que, mesmo diante de esforços notórios, as profissionais enfrentam resistência de suas colegas, o que contribui para a perpetuação de um ambiente em que a falta de reconhecimento interno e enfraquece a luta por respeito e equidade: “Se nós não valorizamos a nossa classe, como é que a gente vai querer que o homem valorize?”. Essa reflexão enfatiza a necessidade de maior solidariedade entre as mulheres para fortalecer a presença feminina em um mercado predominantemente masculino.

Figura 10 – Isaura Maria entrevistando jogador do Time Rubro Negro Vitória



Fonte : Facebook –Página Oficial Isaura

Outra profissional que merece destaque é Selma Moraes iniciou sua carreira em 1978, na redação do jornal *A Tarde*, onde trabalhou por 20 anos. Além do automobilismo, marcou sua atuação no futebol, foi a primeira mulher setorista do Jornal *A TARDE* cobrindo o Esporte Clube Bahia por seis anos. Durante esse período, assinou reportagens de grande destaque que contribuíram para consolidar sua reputação na imprensa esportiva baiana. A pesquisa não localizou fotos da profissional atuando em 1978.

Já Heloísa Braga é considerada uma das primeiras mulheres a cobrir futebol em campo no Brasil, tendo reportado a Copa do Mundo de 1986, no México, pela Rádio Bandeirantes. Jornalista formada pela Universidade Federal da Bahia (UFBA) e também radialista, começou a atuar ainda na graduação, cobrindo um tabloide voltado ao esporte amador. Desde o início, enfrentou os desafios típicos do ambiente esportivo, predominantemente masculino, onde precisou reafirmar constantemente sua competência profissional diante do preconceito e da desconfiança de colegas e ouvintes.

Com desenvoltura e conhecimento técnico, destacou-se por sua cobertura precisa, pela linguagem acessível ao público e pela habilidade de transitar com firmeza entre bastidores e gramados. Em sua trajetória, também foi produtora do programa *Bola Sete*, veiculado na TV Bandeirantes, onde participou da construção de uma narrativa esportiva mais plural, ainda que os espaços para mulheres fossem bastante limitados na época.

Apesar do pioneirismo e do reconhecimento conquistado no jornalismo esportivo, Heloísa optou por seguir outro caminho e se especializou no segmento de turismo, área em que também se destacou como comunicadora. A mudança de área não apaga sua contribuição significativa para a história das mulheres no rádio esportivo brasileiro. Ao romper barreiras e ocupar espaços até então

interditados às vozes femininas, ela abriu caminhos para as gerações seguintes, que passaram a encontrar, ainda que timidamente, algumas referências femininas no microfone das transmissões esportivas.

Figura 11 : Site Portal Turismo Total



Fonte: Acervo pessoal Heloisa

Por meio de uma matéria publicada em 3 de novembro de 2023 no jornal *A Tarde*, foi possível identificar Cleide Duarte como a primeira mulher a atuar como assessora de imprensa do Esporte Clube Bahia, bem como Margarida Neide, pioneira entre as fotógrafas na cobertura esportiva dentro dos campos de futebol na Bahia. Essas profissionais abriram caminhos em um ambiente historicamente dominado por homens, contribuindo para a visibilidade feminina no jornalismo esportivo.

No entanto, apesar de sua relevância, a escassez de registros fotográficos, documentos ou arquivos que retratem suas trajetórias revela um apagamento sistemático da memória dessas mulheres no cenário esportivo baiano. Essa ausência de registros não apenas reforça a invisibilidade histórica enfrentada por elas, mas também evidencia a necessidade de resgatar e valorizar suas contribuições para que a história do futebol na Bahia seja contada de forma mais justa e representativa.

Na data mencionada acima, a Câmara Municipal de Vereadores de Salvador realizou uma solenidade no Plenário Cosme de Farias com o objetivo de homenagear as pioneiras da presença feminina no mundo do futebol na Bahia. O evento foi tema da coluna *A Tarde Aventura* e assinada

por Selma Moraes (2023)²⁶. Porém, muitas das que atuaram em outros veículos e no interior seguem sem ter suas trajetórias registradas contribuindo com o cenário de invisibilidade.

Embora a iniciativa represente um avanço simbólico no reconhecimento dessas trajetórias, a homenagem revelou-se tímida e insuficiente diante da magnitude das contribuições dessas mulheres para o radiojornalismo esportivo baiano. Suas atuações não apenas desafiaram as barreiras impostas pelo machismo estrutural nos campos esportivo e midiático, como também abriram caminhos para que outras mulheres pudessem ocupar espaços historicamente interditados. Elas foram pioneiras que, com coragem e competência, pavimentaram a estrada para novos protagonismos femininos na comunicação esportiva.

Reconhecê-las com uma simples homenagem é apenas o primeiro passo — o mínimo que pode ser feito diante da relevância histórica que carregam. Por isso, impõe-se a urgência de ações mais amplas, sistemáticas e contínuas de valorização, documentação e preservação da memória dessas profissionais, de modo a garantir não apenas sua inserção efetiva na historiografia do futebol e da comunicação na Bahia, mas também a inspiração de futuras gerações de mulheres que desejam narrar, comentar e viver o esporte com voz ativa.

Figura 12 – Solenidade na Câmara de Vereadores de Salvador



Fonte: Digulgação A Tarde

²⁶ MORAES, Selma. **As mulheres que quebraram barreiras no esporte: Pioneiras abriram portas e derrubaram paradigmas.** Coluna A Tarde Aventura de 3/11/2023. Disponível em: <https://atarde.com.br/colunistas/a-tarde-aventura/as-mulheres-que-quebraram-barreiras-no-esporte-1247715>. Acesso em: 01/01/2024.

Suleima Sena iniciou sua trajetória no rádio em 2003, enquanto cursava o primeiro semestre do curso de Jornalismo, ao lado do radialista Osvaldo Júnior (*in memoriam*), mais conhecido como "Cebolão", na *Rádio Cruzeiro AM*. Sua primeira experiência profissional foi como repórter da Federação Baiana de Futebol, onde atuou na cobertura de competições e como repórter de pista. Ganhou o apelido de "Repórter Cor de Rosa" por sempre vestir um uniforme completamente rosa, destacando sua presença feminina em um espaço historicamente dominado por homens. Além disso, ela criou o programa de rádio *Futebol Cor de Rosa*, reforçando, desde cedo, o protagonismo das mulheres no rádio esportivo:

Eu sou uma jogadora de futebol, sem chuteiras. Sim, saí do futebol, mas o futebol jamais saiu de minha alma. Às vezes digo que sou uma jogadora de futebol frustrada, as pessoas não gostam quando falo isso. A verdade é que faltou oportunidade, embora me sobrasse gingado e catimba, sem falsa modéstia. Quem é Marta?! Comecei jogando futebol de várzea em Salvador, desperdiçando meu talento, e assim surgiu minha paixão por esse esporte. Hoje, se futebol é difícil, imagina que naquela época, na Bahia... Facilmente percebi que o futebol em Salvador estava fora da realidade. Ou, quem sabe, o mundo do futebol não estava à altura do meu imenso repertório de dribles (Sena, 2024, informação oral)²⁷.

A jornalista conta que, ao perceber que sua carreira como jogadora de futebol não avançava devido à falta de incentivos ao esporte local, decidiu seguir sua paixão pelo futebol, mas agora como repórter de campo em Salvador, cidade onde nasceu e cursou Jornalismo em uma faculdade privada. Foi nesse período, nos bastidores, que conheceu o radialista Osvaldo Jr., que nutria o sonho de ter uma mulher narradora em sua equipe. Suleima Sena lembra que, na época, tinha apenas 19 anos e não encontrava referências desse tipo de mercado na Bahia, já que todas as vozes que ouvia no rádio ou na televisão eram masculinas. Por essa razão, não se via representada.

Embora nunca tivesse experiência prévia na função, aceitou o desafio de iniciar sua trajetória como repórter de campo, além de apresentar o primeiro programa esportivo de rádio da Bahia conduzido exclusivamente por mulheres: o *Futebol Cor de Rosa*, na *Rádio Gospel FM 105,9*, em Salvador. No entanto, assim como ocorreu com a *Rádio Mulher* na década de 1970, o programa enfrentou dificuldades e não obteve sucesso. A principal razão foi a falta de patrocinadores, já que os anunciantes relutavam em investir em um programa esportivo comandado apenas por mulheres.

Além disso, a jornalista enfrentou barreiras impostas por colegas homens, que faziam todo um esforço para não colaborar, não apoiar e, sobretudo, criticar. Sem incentivo dentro e fora da

²⁷ SENA, Suleima. Entrevista realizada por Emanuelli Pilger em 12 de dezembro de 2024 na cidade de Salvador pela Plataforma Google Meet.

emissora, a continuidade do projeto tornou-se inviável, pois, além da ausência de remuneração para a equipe, os custos com deslocamentos para os estádios e coberturas de coletivas não podiam ser sustentados sem financiamento.

Figura 13: Cartaz de divulgação



Fonte: arquivo pessoal Suleima

O domínio masculino não só restringe o acesso das mulheres a esses espaços, mas também questiona a capacidade daquelas que conseguiram alcançar tais posições, sugerindo inclusive a troca de favores sexuais para estarem ali. A falta de reconhecimento e a remuneração inadequada forçam as mulheres a buscar outras fontes de renda. Entre as quatro mencionadas anteriormente, apenas uma não fez transição de carreira, as demais exercem outras atividades profissionais. A jornalista Suleima Sena destaca que durante o tempo em que atuou como reporter de pista em Salvador a cor da sua pele nunca lhe gerou benefícios ou prioridades:

Não senti privilégio nenhum não. Não senti mesmo até porque privilégio seria realmente se os espaços abrissem para mim e não foi o que aconteceu. As portas não se abriram para mim. Eu que criava as oportunidades né? A única oportunidade que eu tive em Salvador foi quando Osvaldo Júnior me aceitou na equipe e ele não veio até a mim para me convidar para poder ir trabalhar com ele. Eu fui pedir né? Eu pedi, era esposa dele, eu estudava jornalismo, queria fazer jornalismo esportivo e queria fazer um estágio. Eu fiz estágio de graça, eu me ofereci para poder trabalhar, então não foi assim que me convidaram, não foi pela aparência [...] (Sena, 2025, informação oral).

Sobre suas lutas e resistências no início da carreira, ela lembra:

Tive que brigar com cada espaço o tempo inteiro e eles (os homens da equipe esportiva) não aceitavam. Então assim eu não consigo viver dessa maneira. E é muito difícil para eu poder falar dessa questão racial porque eu não tinha nenhuma mulher negra na época que eu conheça que tava ali também brigando pelo espaço eu estava fazendo as mesmas coisas, enfim, e que tenham ou teve alguma história de de rejeição não porque não tinham realmente mulheres né? Muitas mulheres vieram depois as meninas, então eu acho que eu não me sinto desse sentido, é privilegiada não. A minha história aí em Salvador foi de luta mesmo. Luta é persistência muita garra muita muita mesmo porque se eu não tivesse realmente eu nem teria começado porque não foi um meio que me abraçou e que me deu apoio (Sena, 2025, informação oral).

A partir do relato observa-se que a questão de preconceito de gênero se torna mais evidente no radiojornalismo esportivo, ou mais notada pela entrevistada nesse caso, que necessariamente a questão racial, embora ambas variáveis impactem nas relações trabalhistas, sobretudo no Brasil, conforme comprovam as estatísticas de gênero do Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE)²⁸ essas disparidades, evidenciando que mulheres, sobretudo as negras, enfrentam maiores dificuldades de inserção e ascensão no mercado de trabalho, além de receberem salários inferiores em comparação aos homens. No contexto do rádio esportivo, essa realidade se agrava, pois a presença feminina ainda é reduzida e frequentemente questionada, reforçando barreiras que limitam sua atuação e reconhecimento profissional. Assim, a interseccionalidade entre gênero e raça se configura como um fator essencial para compreender os desafios enfrentados por essas profissionais e a necessidade de políticas e iniciativas que promovam maior equidade no setor.

2.3 Barreiras e desafios enfrentados pelas mulheres jornalistas esportivas na Bahia

No início do século XX, o papel da mulher na sociedade era, em grande medida, delimitado por normas sociais que a restringiam ao ambiente doméstico. Predominava a visão de que sua principal responsabilidade era ser dona de casa, devotada ao cuidado do lar, à manutenção da família e à educação dos filhos. Essa divisão rígida dos papéis de gênero refletia uma sociedade patriarcal, onde a presença feminina era pouco incentivada em espaços públicos ou profissionais, reforçando uma percepção limitada sobre as capacidades e potenciais da mulher para além dos muros do lar.

²⁸ Cf. Agência IBGE notícias: “Mulheres pretas ou pardas gastam mais tempo em tarefas domésticas, participam menos do mercado de trabalho e são mais afetadas pela pobreza”, de 8/03/2024. Disponível em: <https://agenciadenoticias.ibge.gov.br/agencia-noticias/2012-agencia-de-noticias/noticias/39358-mulheres-pretas-ou-pardas-gastam-mais-tempo-em-tarefas-domesticas-participam-menos-do-mercado-de-trabalho-e-sao-mais-afetadas-pela-pobreza>. Disponível em: 24/03/2025.

A história da mulher brasileira é marcada por lutas e resistências, o rótulo de procriadora lhe tirou o acesso ao ensino regular, bem como ao ensino superior por muito anos. Com a criação da Universidade, por volta do século XIII, seus cursos eram voltados para educar homens. Às mulheres foram proibidas de terem acesso a educação acadêmica naquela época. Como pontua Bauer (2001) ainda estavam submissas a uma figura masculina, dentro de suas casas.

A imprensa passou por transformações no Brasil na metade do século XIX, e foi esse crescimento que favoreceu as mulheres da época que tinham seus anseios em atuar na imprensa alternativa, produzindo, construindo e dando vozes a novas ideias. A conquista do direito ao voto, o direito de estudar até então negado as mulheres, fez com que a figura da cuidadora do lar de-se espaço as amantes da escrita e da literatura.

Em Salvador, como citado anteriormente, Isaura Maria se destacou no radiojornalismo esportivo. A radialista foi considerada a primeira mulher a atuar como repórter de pista entre 1984 a 2000 na *Rádio Bandeirantes*, que foi a primeira rádio FM a transmitir campeonatos de futebol, inclusive desde daquela época as transmissões se concentram totalmente no futebol, desde os campeonatos municipais, estaduais e até jogos da Copa do Mundo.

Como mencionado as transmissões dos jogos de futebol eram que mais atraía os anunciantes que patrocinavam as transmissões, por isso não se fazia transmissão de outra modalidade esportiva. E foi após o legado contruído por Isaura Maria foram surgindo outras vozes femininas atuando no rádio esportivo nas emissoras de Salvador, números ainda tímidos, mesmo após anos as oportunidades para mulheres ainda permanecem escassas para locutoras esportivas em Salvador e na Bahia.

Figura 14: Radalista Isaura Maria na *Rádio Bandeirantes*



Fonte: acervo pessoal Isaura

Gonçalves e Valci Zuculoto (2005, p.1) apontam que “o rádio esportivo (...) só se firmou como gênero radiofônico quando escolheu o futebol para ser a principal fonte de conteúdo e ajudou a

transformar a modalidade em “paixão nacional”. Na Bahia, conforme Perfelino Neto (2023), as transmissões, resenhas e jornadas esportivas eram restritas ao futebol. Fala-se, inclusive, que os “vendedores de anúncios” não conseguiam vender as cotas comerciais para a transmissão de outro tipo de esporte que não fosse o futebol. Essa realidade permanece em dias atuais.

Isaura Maria contou que na época o único esporte que contava com coberturas e transmissões esportivas era o futebol, por várias razões: 1º por ser a paixão dos brasileiros e 2º era o esporte que mais captava anunciantes para o financiamento e custeio dos campeonatos já que as emissoras de rádio se mantêm com os anúncios da iniciativa privada e estatal e para que as equipes consigam realizar as transmissões e coberturas os patrocínios são fundamentais para custear os deslocamentos, pagamento da estrutura e até mesmo dos cachês. O protagonismo de Isaura Maria à época lhe rendeu várias matérias em um dos jornais de grande circulação no estado, o *Tribuna da Bahia*.

Nesse contexto, pode-se afirmar que a forte relação entre o rádio esportivo e o futebol não apenas consolidou o gênero como também moldou a cultura radiofônica na Bahia. A predominância do futebol nas transmissões reforçou a identidade das emissoras e influenciou diretamente o mercado publicitário, que passou a enxergar a modalidade como o único produto viável para patrocínio e investimento. Esse cenário limitou a diversidade esportiva no rádio, dificultando a inserção e a popularização de outras modalidades, que acabaram restritas a nichos específicos ou a eventos de grande repercussão.

Com base na matéria da *Tribuna da Bahia* de 30 de janeiro de 1991, percebe-se como a presença feminina no jornalismo esportivo sempre esteve atrelada a desafios e à necessidade de validação constante. O título "Trocando o fogão pela chuteira" explicita uma visão machista que associa a mulher exclusivamente ao espaço doméstico, sugerindo que a incursão no universo esportivo seria uma ruptura inesperada.

O relato sobre a trajetória da repórter Isaura Maria evidencia não apenas a resistência das mulheres no rádio esportivo, mas também a imposição de obstáculos estruturais que buscavam restringir sua atuação. A radialista precisou enfrentar preconceitos e provar sua competência em um ambiente dominado por homens, o que reflete a realidade de muitas pioneiras que ousaram desafiar a lógica excludente do meio esportivo.

Figura 15: Matéria divulgada na *Tribuna da Bahia* em 1991



Fonte: acervo pessoal Isaura

Um marco para o rádio esportivo é datado em 1931, quando a jornada esportiva radiofônica teve seu início (Alexandrino, 2011) com transmissão de um jogo de futebol, pela *Rádio Sociedade Educadora Paulista*. Nicolau Tuma, conhecido como "speaker metralhadora" devido à sua locução rápida e precisa, narrou lance a lance a partida entre as seleções de São Paulo e Paraná, realizada no Campo da Chácara da Floresta, em São Paulo.

Essa inovação permitiu que os ouvintes acompanhassem as partidas em tempo real, criando uma nova forma de vivenciar o esporte. Antes disso, as informações sobre os jogos eram limitadas a notícias e resultados, sem a emoção das transmissões ao vivo. A partir dessa experiência pioneira, o rádio consolidou-se como um meio essencial para a disseminação do futebol no Brasil, aproximando os torcedores dos estádios e contribuindo para a popularização do esporte no país.

Figura 16: Isaura Maria ao lado dos jogadores Casagrande, Roger e Dão no Barradão



Fonte: arquivo pessoal Isaura

O registro da foto acima, na década de 1980, foi após um jogo realizado no estádio Manoel Barradas, conhecido como “Barradão”, ao lado dos jogadores Casagrande do Corinthians, o goleiro Roger e o João Carlos Rocha que era conhecido como “Dão” que na época era atacante do Esporte Clube Vitória. A foto mostra uma Isaura que resistiu muito para conquistar respeito profissional, a começar pela remuneração que não existia logo no início e como ela era funcionária da Petrobrás na época na maioria das vezes retirava do próprio bolso para custear deslocamentos, hospedagens etc.

Ela conta que, quando morou no Rio de Janeiro a serviço da Petrobrás, várias vezes hospedava em sua casa a equipe que morava em Salvador para transmitir e cobrir os jogos no Maracanã. Outra informação era que na época mulheres não podiam ingressar nos estádios trajando roupas curtas como bermudas, por exemplo, como bem é demonstrado na foto acima. Tempos depois, uma nova decisão passou a permitir que as mulheres também utilizassem bermudas abaixo do joelho durante o trabalho — um direito que, até então, já beneficiava os homens, evidenciando a desigualdade de tratamento em normas aparentemente neutras. Para Isaura seu protagonismo se deu por meio da competência e postura profissional diante do ambiente masculinizado:

Lembro-me claramente daquele dia. Juraci Santos, nosso repórter, estava em Santo Antônio de Jesus, se não me engano, e não pôde participar da jornada esportiva porque estava muito gripado. Então, Juarez virou-se para Juruna e disse: 'Chame a Isaura Maria.' Eu respondi que não iria, pois não tinha nada preparado. Juruna insistiu: 'Não seja por isso, você tem que ir.' Ele me entregou o microfone, o gravador e o rádio. Naquela época, fazíamos entrevistas e gravávamos em mini cassetes. Por sorte, eu estava vestindo uma bermuda abaixo do joelho, já que naquela época não

era permitido que mulheres entrassem com bermudas mais curtas. Era o jogo entre Bahia e Flamengo. Fui e cobri a partida. Quando cheguei lá embaixo, a turma toda me viu e exclamou: 'Ei, ei, não pode entrar!' Respondi: 'Como assim? Sou repórter da Bandeirantes e estou trabalhando com Juarez.' Foi um espanto geral." (Isaura Maria, 2024, informação oral)²⁹.

Em sua trajetória profissional como repórter de pista cobrindo partidas de futebol, Isaura Maria enfrentou desafios, rejeições e discriminações para atuar em um ambiente majoritariamente masculino. Sendo a primeira mulher negra e fora dos padrões convencionais a ocupar esse espaço, ela desbravou o campo de futebol e marcou sua presença no jornalismo esportivo. As poucas fotos e registros da época são guardados com zelo em sua residência, pois, segundo a própria Isaura, sua história e protagonismo não recebem a divulgação necessária para inspirar outras mulheres no jornalismo esportivo contemporâneo – muitas sequer conhecem sua trajetória.

A reconstrução de sua trajetória é feita a partir de fotografias, recortes de jornais e entrevistas, formando um verdadeiro quebra-cabeças que revela narrativas incríveis. Muitas dessas informações vêm de materiais preservados pelas próprias personagens. No entanto, algumas peças desse passado se perderam, como o nome dos jornais ou as datas exatas das publicações.

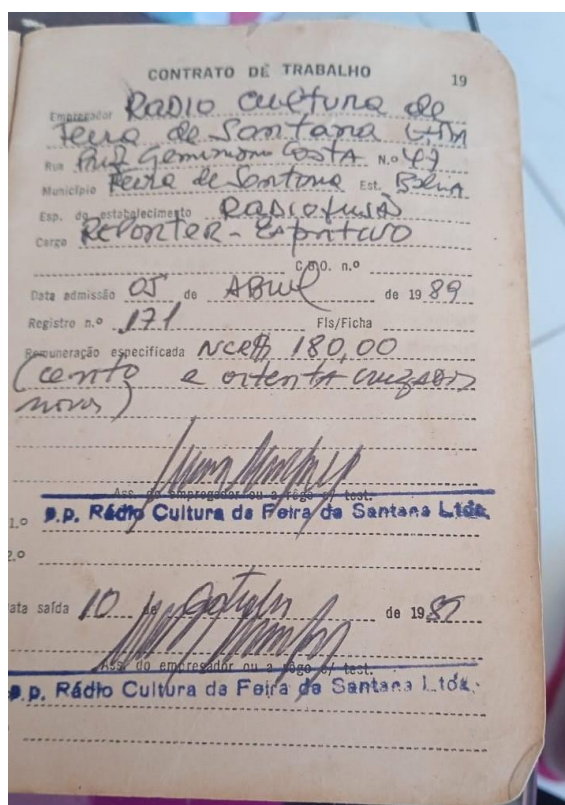
Nesse sentido, concordamos com Ribeiro (2018), que aponta como o apagamento social das mulheres negras ocorre por meio de diversas nuances, evidenciando o papel preponderante do racismo na construção dos padrões de beleza. O modelo midiático, em geral, privilegia mulheres brancas, magras e, na maioria das vezes, de cabelos lisos. Cabe enfatizar, contudo, que, lentamente, a “branquitude³⁰ televisiva” tem cedido espaço à representatividade negra resultando em continuidade e rupturas históricas (Farias, 2019).

Em 5 de abril de 1989, antes de iniciar sua trajetória na comunicação esportiva, ela conta que trabalhou como locutora na *Rádio Cultura* de Feira de Santana quando teve seu primeiro registro em carteira por uma emissora de rádio.

²⁹ MARIA, Isaura. Entrevista realizada por Emanuelli Pilger em 12 de março de 2024 na cidade de Salvador-BA pela Plataforma Google Meet.

³⁰ FARIAS, Erika. **Conceito de branquitude e privilégio estrutural.** Matéria publicada na Agência Fiocruz de Notícias em 17/05/2019. Disponível em: <https://agencia.fiocruz.br/pesquisadora-explica-conceito-de-branquitude-como-privilegio-estrutural>. Acesso em: 10 de mar 2025.

Figura 17: Carteira de trabalho com primeiro registro profissional



Fonte: arquivo pessoal Isaura

Na época era uma exigência do Sindicato dos Radialistas que o profissional estivesse vinculado a alguma emissora de rádio para que o profissional obtivesse o registro profissional de radialista (DRT). Permaneceu na emissora até 10 de agosto de 1989 e após a sua saída começou a trabalhar na Petrobras. Sua trajetória no rádio esportivo começou de maneira inusitada, em um momento em que as mulheres ainda eram poucas no campo do jornalismo esportivo, especialmente nas transmissões ao vivo de jogos, foi quando surgiu a oportunidade de viver uma experiência que desafiou as normas da época:

Eu fui para o Rio de Janeiro trabalhar na Petrobras e, na época, tínhamos um colega chamado Cesar Rizzo. Ele era jornalista e radialista, e fazia transmissões de futebol. Eu não me lembro se ele trabalhava na Rádio Mauá, mas sei que a rádio ficava na Praça Mauá. Tenho a impressão de que era a Rádio Mauá. Certa vez, ele me ligou e disse: 'Ô, minha irmã, a gente está sem dinheiro para pagar um repórter. O meu repórter não quer mais ficar. Você me quebra um galho?' Eu respondi: 'Claro, vou por você.' Mas ele me alertou: 'Não tem mulher trabalhando no Maracanã, nem em rádio nenhum. Só tem mulher na parte interna, como recepcionista, no RH, como escriturária. Nenhuma repórter mulher (Maria, 2024, informação oral).

Na contemporaneidade, a voz feminina do jogo na Bahia pertence a Manuela Avena, reconhecida como a primeira mulher baiana a narrar uma final da Copa do Nordeste, em 2020, dona

do bordão “*vibra que vibra*”. Atualmente, ela atua como locutora oficial da *TV do Esporte Clube Bahia*, consolidando-se como uma das principais referências femininas na narração esportiva do estado.

Graduou-se em Publicidade e Propaganda em uma instituição privada e seu contato com o jornalismo esportivo ocorreu em 2016, quando ingressou na pós-graduação em Gestão Esportiva. Nesse período, recebeu a indicação de uma amiga para um estágio na rádio *CBN Salvador*, onde iniciou sua trajetória profissional no meio radiofônico. Sobre a inspiração para atuar como narradora ela frisa que suas referências iniciais foram masculinas:

Minhas referências na narração sempre foram vozes masculinas, porque, antes, praticamente não existiam mulheres narrando. Houve algumas na década de 1970, mas sabemos como é difícil encontrar registros dessas transmissões. Hoje, com as redes sociais e outras plataformas digitais, o acesso é bem mais fácil. Se voltarmos 10, 15 ou 20 anos, perceberemos que era quase impossível encontrar mulheres narrando futebol. A própria Vanessa Riche, que narrou Olimpíadas, contava que até mesmo o material dela era difícil de achar. Então, o que eu fiz? Comecei a entender o que gostava e, como sempre fui consumidora de futebol e esportes em geral, passei a acompanhar os narradores cujo estilo me agradava" (Avena, 2024, informação oral)³¹.

Na *CBN*, a principal exigência para os estagiários era a continuidade dos estudos, o que a incentivou a buscar qualificação técnica. Assim, decidiu ingressar no curso técnico de Rádio e TV, no qual se formou posteriormente. Com o encerramento das atividades na *CBN* em Salvador, Manuela Avena deu continuidade à sua carreira na *Rádio Sociedade da Bahia*, uma das emissoras mais tradicionais do estado, a primeira a se instalar na Bahia.

Foi nesse período que a locutora teve a oportunidade de participar do programa *Narra Quem Sabe*, uma iniciativa da *Fox Sports* que selecionou seis mulheres de diferentes regiões do Brasil para um processo de formação em narração esportiva. As vencedoras narrariam jogos do Mundial de Futebol Masculino em um canal secundário. Reality shows, que muitas vezes são vistos pelo público como grandes oportunidades de ascensão na carreira, mas trazem em seu formato desafios desconhecidos pelos participantes e edições que podem ser comprometedoras.

Esse cenário, por si só, não contribui para o desenvolvimento profissional, especialmente para as mulheres, que, ao serem expostas, acabam se tornando “*memes*” na internet por meio de redes

³¹ AVENA, Manuela. Entrevista realizada por Emanuelli Pilger em 29 de agosto de 2024 na cidade de Salvador- BA pela Plataforma Google Meet.

sociais como *TikTok*, *Instagram* e *YouTube*. No olhar crítico de Pacheco (2018), os concursos apresentavam semelhanças com “*reality-shows* e foram marcados inicialmente por escorregadas machistas no processo de seleção, algo que se repetiu em, pelo menos, uma das transmissões”. Ainda sobre o formato da atração Bagatini³² (2018), pontua:

Esse modelo de “gincana” é problemático porque expõe mulheres a suposta diversão do público, reforça o estereótipo de que elas não entendem tanto de futebol quanto eles, mostra a desconfiança com as profissionais do meio esportivo e ainda trata aquelas que gostam de futebol como aberrações. Se a emissora queria contratar uma mulher para narrar jogos, por que não simplesmente contratou uma mulher para narrar jogos? Em 2009, o canal fez uma versão masculina do programa em que os participantes foram avaliados apenas pela narração dos jogos. Nenhum teste de conhecimentos foi aplicado. Afinal, para ser narrador esportivo não é preciso responder a perguntas infantis sobre impedimento nem ter o corpo dentro do padrão de beleza, o que importa é a capacidade de comandar transmissões. Por que o mesmo não vale para as mulheres? Diante das contestações, as emissoras deram um passo atrás e apresentaram novos projetos, menos desrespeitosos às mulheres, que foram um sucesso (Bagatini, 2018, online).

De acordo com Manuela Avena, a experiência representou um marco em sua trajetória, evidenciando a importância da presença feminina no rádio esportivo, um espaço historicamente dominado por vozes masculinas. Durante esse treinamento intensivo de 45 dias, ela relatou que teve a oportunidade de aprimorar suas habilidades de narração antes de participar da cobertura da Copa do Mundo de 2018, que foi realizada na Rússia. "Fiz esse treinamento antes da Copa, e foi um período decisivo para minha carreira", afirmou. Ela descreveu a experiência como fundamental para o seu desenvolvimento como narradora, o que possibilitou sua participação na cobertura do evento internacional.

Figura 18: Site Bahia Notícias

³² BAGATINI, Olga. **As barreiras das mulheres no jornalismo esportivo. Jornalistas de Minas**. Disponível em: <http://www.sjpmg.org.br/2018/09/as-barreiras-das-mulheres-no-jornalismo-esportivo>. Acesso em 2 janeiro de 2025.



Divulgação: Manuela (esquerda) narrou Espanha 3 x 3 Portugal

Na época, Manuela Avena estava *na Rádio Sociedade da Bahia*, mas após retornar da Copa deu um novo passo na sua carreira ao ingressar na *TVE*, a emissora educativa do estado, onde narrou o Campeonato Baiano por dois anos. Também passou pela *TV Aratu*, afiliada do SBT em Salvador, onde participou da cobertura da Copa do Nordeste. A trajetória de Manuela Avena no jornalismo esportivo começou cedo e foi impulsionada por sua paixão pelo futebol que ela nutre desde a infância e adolescência jogando futebol de salão.

Mesmo com pouca experiência profissional no início da sua carreira, seu envolvimento com o esporte, desde torcedora de estádio até consumidora assídua de programas esportivos, ajudou a moldar seu caminho na narração esportiva. Em sua fala, compartilha como aprendeu na prática a dinâmica da profissão praticando e errando, mas, adaptando-se às exigências do meio e adquirindo conhecimentos essenciais para sua atuação na narração esportiva:

Então eu não tinha nem dois anos de carreira e de experiência mesmo. Eu tinha 6 meses de experiência e vivência em campo. Então foi da vida mesmo, porque eu sempre fui uma apaixonada por esportes, principalmente futebol. Eu sempre fui uma torcedora assim do estádio. Eu sempre fui daquela que gostava de conversar, de ouvir programa, de ler a respeito, então. O tema para mim era um tema extremamente favorável e íntimo assim, então eu não tive muitos problemas com relação a isso. O que eu precisava realmente aprender era a dinâmica, era o comportamento, era como fazer as coisas, né? Dentro das regras profissionais, de como agir, de que lugar está, né? É do que teria que observar. Então, assim, eu peguei a parte profissional muito do que eu aprendi. (Avena, 2024, informação oral).

Em 2024, Manuela Avena foi uma das selecionadas para o reality show global *O Craque da Voz*, uma competição que buscava revelar um novo locutor ou locutora esportivo para a emissora. A seleção concorrida reuniu inscrições de todo o Brasil, mas apenas dez foram escolhidos para participarem da competição.

O programa tinha cinco homens e cinco mulheres de diferentes estados do Brasil, que enfrentaram desafios técnicos e de convivência ao longo das semanas. A cada episódio, um participante era eliminado, e a atração foi exibida semanalmente no *Globoplay*, *SporTV* e, aos domingos, no *Esporte Espetacular*, durante três meses.

A decisão de participar de mais um *reality show* surgiu porque, segundo ela, ainda não havia alcançado suas metas profissionais, enfrentando a falta de oportunidades e reconhecimento. Enxergou no programa a chance de, mais uma vez, demonstrar seu talento para o Brasil e abrir novas portas. A competição trouxe visibilidade aos participantes e evidenciou os desafios de se firmar como narradora esportiva em um cenário historicamente dominado por homens.

A autora desta pesquisa, radialista profissional com mais de 20 anos de experiência, também foi uma das 10 selecionadas em todo o Brasil para participar do Reality Show que buscava um novo narrador esportivo para a emissora. No entanto, foi eliminada na segunda prova da competição, ao lado de outra narradora, a carioca Janaina Andrade. Um detalhe relevante para esta produção acadêmica é que todas as vozes femininas foram eliminadas do programa, o que traz à tona uma reflexão importante sobre a participação feminina no rádio esportivo.

Figura 19: Manu Pilger - após a eliminação do Reality



Fonte: Print/Instagram Emanueli

Figura 20: Manu Pilger e Galvão Bueno



Fonte: Print/Instagram Emanueli

Não é uma tarefa fácil em uma profissão marcada pela masculinização e pela valorização de vozes graves desde os primórdios da narração esportiva no Brasil. A atividade exige repertório, conhecimento e capacidade de improviso, mas, ao longo dos anos, consolidou-se um estereótipo machista de que essas habilidades seriam inerentes às vozes masculinas, dificultando ainda mais a inserção das mulheres no meio.

Manuela Avena conseguiu chegar até a final ao lado de mais dois participantes, Henrique Pereira e Leandro Chaves, na dinâmica da final eram duas provas e ela foi eliminada na primeira e a disputa seguiu com as duas vozes masculinas, sendo que o Leandro Chaves foi o ganhador. Atualmente, Manuela Avena segue desempenhando um papel de destaque na comunicação esportiva baiana como a voz do esporte na *Rádio Piatã* e narra as partidas da base masculina e feminina do Esporte Clube Bahia na TV do clube, mas como o mesmo desejo em poder ingressar em uma emissora maior, com mais reconhecimento profissional e financeiro.

Ao longo desta pesquisa, ouvimos relatos de diversas narradoras sobre o abandono da narração esportiva por muitas mulheres baianas, devido às constantes rejeições, críticas e ataques pessoais que enfrentaram. O cenário foi ainda mais desafiador para aquelas que eram negras e usavam cabelo black, tornando-se alvos frequentes de preconceito. Muitas dessas mulheres tiveram tantas decepções que preferiram não ser identificadas em seus relatos. Há, inclusive, o registro de uma narradora negra baiana que, após narrar sua primeira partida, decidiu deixar a profissão em razão das manifestações machistas, misóginas e sexistas que sofreu de torcidas organizadas e *haters*.

A contribuição dessa discussão está no esforço para compreender como certas ideias são fundamentais para desvendar as barreiras estruturais que impedem muitas mulheres de conquistar

espaço e abraçar novas oportunidades, especialmente em um país racista como o Brasil. Essas barreiras impostas reforçam a falta de diversidade racial nas transmissões esportivas, tornando rara a presença de uma mulher negra na narração e nos comentários de futebol. No jornalismo televisivo brasileiro, essa realidade é ainda mais evidente em uma área da comunicação historicamente dominada por homens brancos.

A discriminação racial e de gênero, reforçada por apelidos maldosos e comentários desrespeitosos, criou um ambiente hostil que dificultava a permanência e o progresso da profissional, o que nos leva a acionar o conceito de *Interseccionalidad* criado pela teórica Kimberlé Crenshaw (1989) e abordado por Collins e Bilge (2020), presente no pensamento de feministas negras brasileiras como Lélia Gonzalez (2020), nos fazendo refletir como a interseção entre raça, gênero e classe afeta a inserção da mulher negra no jornalismo esportivo.

A inserção da mulher negra no jornalismo esportivo enfrenta desafios estruturais que vão além das dificuldades comuns à presença feminina na área. A influência da tripla opressão — de raça, gênero e classe — impõe barreiras ainda mais rígidas, tornando o percurso profissional ainda mais árduo e permeado por resistência, um aspecto central desta pesquisa. Dentro do conceito de interseccionalidade, observa-se como essas camadas de discriminação se sobrepõem, limitando as oportunidades e o reconhecimento profissional dessas jornalistas.

No caso do jornalismo esportivo, essa exclusão torna-se ainda mais evidente diante do padrão eurocêntrico que historicamente domina o espaço midiático. Um exemplo claro está nos estereótipos femininos que prevalecem na televisão brasileira: mulheres majoritariamente brancas, magras e dentro de um padrão estético hegemônico, que reforçam uma imagem moldada para atender aos valores e interesses do mercado capitalista.

Um fato de seleção racial assim considerado pela crítica que se tornou conhecido no país e também no meio esportivo foi o caso da reporter negra Camila Silva. Conforme Santos (2021), a profissional já estava na *Globo* há oito anos e já estava atuando no esporte há dois anos, mas um fato inesperado aconteceu às vésperas da Copa do Mundo de 2018, Camila Silva foi informada pela emissora que seria transferida para o jornal matinal *Hora 1* para cobrir uma área completamente diversa a do esporte: tragédias e crimes³³.

A transferência teria sido feita para acomodar Mari Palma, até então apresentadora do G1 em um Minuto, na equipe de esportes que fazia a cobertura do mundial por

³³ Repórter demitida pela Globo elogia emissora, mas lembra casos de racismo [https://www.vefamosos.uol.com.br/noticias/redacao/2018/11/22/reporter-demitida-pela-globo-elogia-emissora-mas-relembra-casos-de-racismo.htm#:~:text=Camila%20Silva%2C%20uma%20das%20poucas,e%20\"Bom%20Dia%20Brasil\"](https://www.vefamosos.uol.com.br/noticias/redacao/2018/11/22/reporter-demitida-pela-globo-elogia-emissora-mas-relembra-casos-de-racismo.htm#:~:text=Camila%20Silva%2C%20uma%20das%20poucas,e%20\). Acesso em: 16 Fev 2025.

ordens da chefia [...] Seis meses depois, a repórter foi desligada da emissora e disse em entrevista ao UOL que a justificativa para a sua demissão foi que o esporte não estava na sua veia” (Santos, 2021, p.36).

Figura 21 : A repórter Camila Silva cobrindo um incêndio



Fonte: site UOL

O conceito de interseccionalidade foi introduzido por Kimberlé Crenshaw em 1989 e tem sido amplamente adotado por feministas negras como uma ferramenta teórica e metodológica. Esse conceito busca refletir sobre a conexão estrutural entre patriarcado, sexismo, racismo e suas inter-relações, que resultam em diversas formas de opressão vivenciadas pelas mulheres negras (Leal, 2021, p. 27). Na foto acima é possível verificar essa opressão quando a repórter deixa de cobrir eventos esportivos para acompanhar tragédias como foi o caso de um incêndio que provocou o desabamento de um edifício no centro de São Paulo

Essas experiências ressaltam as barreiras estruturais que historicamente excluíram mulheres negras dos espaços de poder e de visibilidade na comunicação esportiva, reforçando a necessidade de debater e combater o preconceito no setor, nesse contexto o feminismo negro outrora proposto por Léliz Gonzalez tem como principal característica a solidariedade, segundo a autora na sua rotina acadêmica, o ambiente era predominantemente branco, e foi por meio da militância no movimento negro, ao abraçar a sua negritude. Algo que ela firma com a frase:

Quando esta [Simone de Beauvoir] afirma que a gente não nasce mulher, mas que a gente se torna, costumo retomar essa linha de pensamento no sentido da questão racial: a gente nasce preta, mulata, parda, marrom, roxinha, etc., mas tornar-se negra é uma conquista (Gonzalez, 1988 b, p. 2).

Ao trazer para o centro da análise a presença da mulher negra no jornalismo esportivo, cumpre-se ressaltar que fontes que foram cogitadas a colaborar com esta pesquisa mas se recusaram devido aos traumas e marcas negativas deixadas pelos haters e julgadores da internet. Essa condição quase nunca é de forma separada, ou seja, tem sempre uma relação entre gênero, classe e raça elas sempre vêm sobpostas umas às outras, como é o caso dessas mulheres negras, que são subjulgadas a todo momento por sua aparência física como argumento machista e patriarcal.

Ao sobrepor o grupo das mulheres com o das pessoas negras, o das pessoas pobres e o das mulheres que sofrem discriminação por conta da sua idade ou por serem portadoras de alguma deficiência, as mulheres de pele mais escura são as que tendem a ser as mais excluídas das práticas tradicionais de direitos civis e humanos. Para Crenshaw, a visão tradicional de discriminação opera no sentido de excluir as sobreposições (Leal, 2021, p. 27).

Como experiência relato aqui minha participação no *reality show* global *O Craque da Voz*, apresentado por Galvão Bueno e Karine Alves. Após a minha eliminação³⁴, fui surpreendida por ataques em minhas redes sociais, o que me levou a bloquear os comentários e "blindar-me" contra os abusos morais de *haters*. Esses ataques estavam sempre relacionados ao meu gênero, cor, idade e até mesmo a insultos xenofóbicos, evidenciando a égide do racismo.

Essa situação evidenciou a interseccionalidade dos diferentes fatores sociais que interagem de maneira complexa, já que os ataques foram marcados por discriminação em várias dimensões da minha identidade. Tudo isso se deve ao fato de que o futebol se desenvolveu como uma prática esportiva percebida e situada na construção e na afirmação da masculinidade e da virilidade (Januário, 2017), se consolidou como um universo caracterizado, desde sua origem, como um espaço eminentemente masculino. Considerado inapropriado para mulheres.

O cenário na Bahia é desafiador, pois quando olhamos o cenário no eixo Rio e São Paulo encontramos um número maior de mulheres atuando na locução/narração esportivas sejam narrando, comentando, produzindo, escrevendo para revistas esportivas uma realidade muito distante em termos de números ocupados por mulheres nesses espaços que buscam por legitimidade há décadas no jornalismo esportivo.

No próximo capítulo, examinaremos a representatividade feminina no rádio atual de Salvador, destacando como as conquistas históricas influenciam o panorama contemporâneo.

³⁴ A autora participou do programa no período de: 07 de nov de 2024 a 20 de nov de 2024.

3. PROTAGONISMO E AS RESISTÊNCIAS: ATUAIS DE VOZES FEMININAS NAS EMISSORAS DE SALVADOR

Este capítulo busca analisar as principais estratégias adotadas por mulheres no rádio esportivo baiano, destacando os avanços conquistados, as dificuldades persistentes e as transformações que vêm ocorrendo no mercado.

Como dito anteriormente, o mercado de rádio esportivo na Bahia, assim como em muitas outras regiões, é historicamente dominado por homens, refletindo uma estrutura machista que dificulta a inserção e o reconhecimento das mulheres neste campo.

Diante disso, as que atuam no ramo enfrentam uma série de desafios, que vão desde a subestimação de suas capacidades até a resistência em aceitar sua presença e voz como autoridade na cobertura esportiva. Com base nos relatos que a pesquisa coletou e nas percepções das profissionais, é possível perceber que o jornalismo e a narração esportiva são áreas ainda marcadas por desigualdade de gênero.

3.1. Estratégias de superação de obstáculos enfrentados pelas informantes

Isaura Maria contou que iniciou como repórter de pista por uma necessidade urgente da equipe – tapar o buraco³⁵ – já que o repórter no dia do jogo estava muito gripado e avisou por telefone que não conseguiria participar da jornada. Em sua narrativa, ela demonstrou firmeza ao afirmar que não mediu dificuldades e desafiou-se, afinal, se ela não aceitasse o desafio também iria sofrer com os questionamentos e críticas.

Cada indivíduo carrega memórias de sua jornada ao longo da vida, em seu relato Isaura Maria descreveu um episódio marcante em sua trajetória no rádio esportivo. Ela recorda uma sofreu muita discriminação dos próprios colegas, inclusive de nomes que até hoje seguem no rádio esportivo em Salvador, mas foi superando com imposição profissional.

A discriminação foi pontual, inclusive de meus colegas na época que viram a minha competência. Inclusive eu fui elogiada por Paulo Maracajá que presidiu o Tricolor entre 1979 e 1994 e outros presidentes de clubes. Porque quando você se impõe, Manu, eu sempre digo, eu era nova, bonita, mas eu nunca me envolvi com jogador de futebol, com diretor de futebol, porque eu comportava fisicamente, com uma pessoa com quem você vai trabalhar. Porque você perde a dignidade e a moral para chamar atenção. Entendeu? E eu nunca pedi para ninguém me respeitar. Porque

³⁵ A expressão "tapar o buraco" pode ser usada como metáfora para significar substituir alguém ou desempenhar várias funções na falta de quem as desempenha habitualmente.

quando eu entrava, eu dizia assim, é agora é minha vez de brilhar (Maria, 2024, informação oral).

Ela narra outro momento marcante de sua carreira: o dia em que teve acesso a uma notícia exclusiva sobre a transferência de um jogador, algo que, na época, era conhecido como um verdadeiro “furo de reportagem³⁶”. Ao receber uma ligação informando que um determinado atleta havia sido vendido para um clube paulista, ela imediatamente iniciou a apuração. Após confirmar a informação, conseguiu gravar uma sonora com o próprio jogador. "Foi a única vez que vi meu nome estampado no Jornal *A Tarde* por conta desse furo de reportagem. Lembro que meu coordenador me chamou de mentirosa, mas depois a matéria saiu e foi aquela bomba danada", recorda.

Segundo Isaura Maria, a reação dos homens foi de espanto. Muitos não acreditaram na veracidade da reportagem, tanto por se tratar de uma informação exclusiva quanto pelo fato de ter sido apurada por uma mulher que, na época, não tinha credibilidade no mercado e ainda trabalhava sem receber cachê. A radialista destacou que encontrou muita discriminação, mas enfrentou os olhares tortos e machistas com autoconfiança e imposição, lembrando que competência é algo que ninguém pode tirar de você, como reforçou em sua narrativa.

A inserção das mulheres no rádio esportivo sempre foi significativamente dificultada pela herança do comportamento patriarcal presente em nossa sociedade, especialmente em profissões historicamente dominadas por homens. Isaura Maria relata que, muitas vezes, era impedida de realizar entrevistas logo após as partidas, quando os jogadores saíam do campo em direção ao vestiário. Para ela, como repórter, essa situação era problemática, pois o rádio tem como característica a instantaneidade:

Acabou o jogo, o Bahia perdeu, tava até ganhando. E de virada o Flamengo ganhou. Aí você sabe que rádio não espera. O jornal, a televisão, todo mundo ficava todo lá de fora e esperava para os jogadores virem porque naquela época não é como hoje que tem entrevista coletiva, aí a CBF que escolhe o jogador que vai falar, naquela época não, a gente ia atrás do jogador, a gente entrevistava quem a gente quisesse. Tentei entrar e Maracajá disse assim: aqui não, eu disse aqui sim, eu vou entrar sim, eu sou repórter, minha rádio não espera. E o senhor sabe que rádio a resposta é imediata. Então eu vou entrar porque eu vou fazer a matéria. Aí ele disse, mas os homens estão nus, eu disse: o problema dele. Porque se eu fosse médica, o senhor não ia pensar duas vezes e eu iria ver um atleta nú para poder salvar. Então eu vou salvar minha rádio, vou entrar” (Maria, 2024, informação oral).³⁷

³⁶ "furo" jornalístico, como é conhecido no jargão da profissão, o feito de divulgar uma informação antes de outros.

Se tivesse que esperar os jogadores saírem do vestiário após o banho e a troca de roupas, isso prejudicaria a cobertura, além de, por vezes, impedi-la de obter exclusividade nas gravações. Assim, sua meta era alcançar os jogadores imediatamente após o apito final, antes mesmo de ingressarem no vestiário. Ao entrar no vestiário, a primeira pessoa que encontrou foi Marcelo Ramos, jogador do Esporte Clube Bahia, equipe na qual ele foi revelado nas categorias de base.

Ela lembra que, ao vê-lo completamente sem roupas, ele ficou visivelmente constrangido e se cobriu com uma toalha, enquanto ela, com o microfone em mãos, rapidamente conduzia a entrevista. Após terminar a entrevista, ela comentou com Juarez que era o coordenador da equipe esportiva: “Acabei de entrevistar Marcelo Ramos”, que, na época, era um dos jogadores mais cotados para integrar a seleção brasileira. Ela recorda esse momento com carinho, pois foi outro momento de sua carreira que conseguiu provar sua competência profissional, em um cenário repleto de julgamentos.

No contexto do rádio esportivo, as mulheres enfrentam desafios significativos relacionados à discriminação e à rejeição, não apenas por parte do público, mas também dentro das próprias equipes de trabalho por parte dos colegas.

Ela compartilhou suas experiências de resistência e superação das dificuldades enfrentadas ao longo de sua carreira, destacando como, apesar de sua competência ser reconhecida por figuras importantes no esporte, como o presidente do Esporte Clube Vitória na época, ela teve que lidar com o preconceito e a marginalização dentro do ambiente de trabalho com tentativas de inutilizar equipamentos para evitar sua atuação em campo. A seguinte fala a seguir da fonte desta pesquisa exemplifica essa realidade:

Naquela época não é como hoje, que é tudo prático, né? Eram aqueles fios, cabos de fios enormes que a gente botava para poder fazer a transmissão. O operador chegava para Fonte Nova, às 10 horas da manhã, para pedir linha na Telebahia para instalar. Tinha feito a minha entrada e quando eu fui para a cabine de rádio, porque eu também fazia arquibancada. Quando eu voltei, alô, alô, alô, nada. Aí o Silvão disse, quem tirou sua linha foi Faustão. Ah, minha filha, quando eu cheguei junto dele eu falei: não interessa que você seja Faustão, que eu não sei nem que você é, de onde você é, agora eu estou tirando sua linha, que você precisa aprender a respeitar, você é que está na Bahia. Então você não está na sua casa. Solicite sua linha e espere, não vem a tirar a linha de nenhum daqui, porque se tirar eu vou mandar botar você para fora. Aí ele perguntou para um, quem era eu? Ele disse, repórter. Ele disse: mas ela é bem ousada, né? Eu respondi: eu não sou ousada não, eu sou competente” (Maria, 2024, informação oral).

O relato revela não só os obstáculos que enfrentou por ser a pioneira, mas também a postura de assertividade e respeito próprio que cultivou para garantir seu espaço nesse meio

predominantemente masculino. Se trouxermos esse olhar para a atualidade iremos verificar o espaço de atuação no jornalismo esportivo, mesmo com a contratação de mulheres, ainda é restrito. Após várias décadas, o jornalismo esportivo continua a ser um ambiente marcado por diversos tipos de preconceito, como o racismo, a homofobia e, como destacado, o sexismo.

Em outro momento de sua narrativa de Isaura Maria faz um importante questionamento sobre a falta de sororidade entre as mulheres que atuam no rádio esportivo. Ao longo de sua carreira, ela observou que, frequentemente, são as próprias mulheres que desvalorizam o trabalho de outras na comunicação esportiva. Em sua fala, ela denuncia a crítica constante ao desempenho feminino, como quando colegas comentam sobre a voz ou a escolha de uma mulher para narrar jogos, sem reconhecer a competência e o esforço dessas profissionais:

Quem não valoriza é a própria mulher, eu já vi até os colegas dizem assim, pô, tem uma menina que é narradora, ela tem uma vizinha chatinha. Já ouvir colegas que dizem assim: com um jogo desse, colocou uma mulher para narrar? Então a própria mulher, não valoriza o trabalho de outra mulher. Por mais que você faça bem terá sempre outra para criticar, eu não sei se é. Não é falta de competência. Mas eu sei que elas não valorizam. O movimento feminista não dar aquele tipo de valorização que deveria ter as outras que estão aí no mercado trabalhando no jornalismo esportivo. Se nós não valorizamos a nossa classe, como é que a gente vai querer que o homem valorize? Eu sempre faço esse questionamento né? Porque a mulherada não se ajuda, sabe? A mulher na comunicação tem muito ego” (Maria, 2024, informação oral).

A reflexão de Isaura Maria destaca como a falta de apoio e valorização interna enfraquece a classe feminina, tornando ainda mais difícil exigir respeito e reconhecimento em um ambiente historicamente dominado por homens. Esse pensamento nos remete à teoria de Bourdieu (2017), que afirma: "os dominados aplicam categorias construídas do ponto de vista dos dominantes às relações de dominação, fazendo-as assim ser vistas como naturais" (Bourdieu, 2017, p. 57).

A partir das declarações de Isaura Maria, percebe-se um movimento peculiar em que as próprias mulheres podem exercer uma espécie de autodepreciação, aderindo à imagem desvalorizadora da atuação de narradoras por outras mulheres. Nesse contexto, a comunidade feminina acaba sendo moldada a partir da prioridade dada aos homens e seus valores, como exemplificado pela escritora britânica Virginia Woolf em sua obra *Um teto para todos* (1985):

São os valores masculinos que prevalecem. Falando cruamente, o futebol e os esportes são “importantes”; o culto da moda e a compra de roupas são “insignificantes”. E esses valores são inevitavelmente transferidos da vida para a ficção. Esse é um livro importante, pressupõe o crítico, porque lida com a guerra. Esse é um livro insignificante, pois lida com os sentimentos das mulheres numa sala de visitas. Uma cena de campo de batalha é mais importante do que uma cena de loja

— em todos os lugares, e de modo muito mais sutil, a diferença de valores persiste (Woolf, 1985, p.91).

A radialista Isaura Maria reflete sobre como essa falta de apoio e empatia interna entre o movimento feminista enfraquece a classe, tornando ainda mais difícil exigir respeito e reconhecimento de um ambiente historicamente dominado por homens. Em suas narrativas de resistência, a ausência de união e apoio entre mulheres no rádio esportivo reforça um ciclo de desvalorização percebidas em falas e atitudes, fazendo com que a competência é questionada e as conquistas silenciadas. Nesse cenário, a voz feminina muitas vezes é desvalorizada, enquanto a masculina é vista como mais adequada para funções como narração, coordenação de equipes esportivas e análise de partidas.

Coadunamos com a perspectiva enfatizando o que nos ensina Bell Hoohs (2018): o feminismo tem um compromisso ético, político, teórico e prático com a transformação da sociedade a partir de uma perspectiva antirracista, antissexista. A partir desse olhar, o movimento teria como propósito o acolhimento as múltiplas experiências que cada mulher enfrenta em seu dia a dia, na vida pessoal, profissional, afetiva levando em consideração as subjetividades que influenciam tanto o indivíduo quanto o grupo:

O feminismo como estilo de vida introduziu a ideia de que poderia haver tantas versões de feminismo quantas fossem as mulheres existentes. De repente, a política começou a ser aos poucos removida do feminismo. E prevaleceu a hipótese de que não importa o posicionamento político de uma mulher, seja ela conservadora ou liberal, ela também pode encaixar o feminismo em seu estilo de vida. Obviamente, essa maneira de pensar fez o feminismo ser mais aceitável, porque seu pressuposto subjacente é que mulheres podem ser feministas sem fundamentalmente desafiar e mudar a si mesmas ou à cultura. Por exemplo, vejamos a questão do aborto. Se feminismo é um movimento para acabar com a opressão sexista, e se privar mulheres de seus direitos reprodutivos é uma forma de opressão sexista, então uma pessoa não pode ser contra o direito de escolha e ser feminista (Hooks, 2018, p. 23).

Ao longo dos anos, essas profissionais têm desenvolvido estratégias para superar os obstáculos e conquistar seu espaço no mercado. Essas táticas foram adotadas tanto pelas pioneiras, que enfrentaram as dificuldades iniciais, quanto pelas profissionais atuais, que continuam a desafiar o status quo para garantir visibilidade e reconhecimento.

Na contemporaneidade, a narradora Manuela Avena relatou que nunca percebeu rejeição por parte dos colegas com os quais trabalhou: “*Sobre preconceitos diretos, assim de pessoas, não tive muito, é algo bem velado ainda*”. No entanto, ao contrário de Isaura Maria, a narradora enfrenta

ataques e discursos de ódio nas redes sociais, especialmente durante as transmissões das partidas do Esporte Clube Bahia, onde atua como narradora oficial do canal no *YouTube*:

E é bizarro que a gente costuma ouvir, quando entra ele fala, *ah, voz de mulher, não quero ouvir*, é, manda a gente lavar louça, manda a gente lavar roupa, é, acho que é bizarro, mas é que eu sempre disse, né, é eu, eu, eu já passei dessa fase, confesso que eu já passei dessa fase de ficar perdendo um pouco meu tempo com isso, é, tem gente que gosta, tem gente que não gosta e cada um é, cada um vai ter seu jeito, né? Cada um vai, vai. Cada um tem seu direito de gostar ou não gostar. Eu acho errado você ofender, acho errado você criticar por criticar” (Avena, 2024, informação oral).

Ao falar sobre como ela se posiciona diante dos ataques virtuais, ela respondeu:

Ele pode dar a opinião dele, mas ele não pode me desrespeitar. Então, na minha rede social eu seleciono o que fica e o que não fica hoje, mas acontece muitas vezes já aconteceu de serem críticas revertidas e construtivas. É que eu não tenho problema nenhum em receber. É de pessoas chegarem e criticarem alguma ação e eu responder que eu costumo responder quando eu posso e eu dizer, não aconteceu isso, isso e isso é por esse, por esse motivo e as pessoas entenderem. E me pedindo desculpas então assim, já aconteceu muito (Avena, 2024, informação oral).

Apesar das críticas e desafios que enfrentou ao longo de sua trajetória, ela nunca pensou em desistir, embora já tenha refletido sobre as dificuldades impostas pela falta de oportunidades nas emissoras de Salvador, onde o espaço para mulheres no rádio esportivo é limitado e constantemente negado:

É muito difícil hoje as pessoas bancarem uma mulher, né? Porque é, você precisa ter muita força, né, para bancar uma mulher e dizer assim é aqui na minha equipe, vai ter uma mulher narrando e eu vou bancar aqui as críticas dos *haters*. Você precisa ser muito ousado para fazer isso, então não são todos que fazem, tem uns que acham que realmente não tem porquê, não faz sentido ter uma mulher ali (Avena, 2024, informação oral).

No atual cenário do rádio esportivo baiano, a presença feminina continua a ser marginalizada, apesar do crescente interesse e talento de mulheres no setor. Em um mercado essencialmente capitalista, que prioriza lucros e visibilidade, muitas vezes o potencial da voz feminina é subestimado e sua atuação cercada de violências e ataques. Entende-se por violência todo dano à integridade física, moral, material ou psicológica de alguém (Saffioti, 2015). Essas formas de violências podem ocorrer em qualquer ambiente e na contemporaneidade, abusa-se da intangibilidade das redes sociais.

A escassez de oportunidades para mulheres nessa área revela não apenas um reflexo das desigualdades de gênero, mas também uma visão limitada das capacidades profissionais que transcendem estereótipos e padrões impostos pelos anunciantes e pela própria sociedade. Retomando

o conceito de “teto de vidro”, abordado anteriormente na narração esportiva, um exemplo claro precisa ser destacado na baixa presença de mulheres que ocupam esses cargos. A narrativa de esportes, especialmente em modalidades como futebol, é vista como uma área dominada por homens.

Ao ingressar nesse campo, uma mulher profissional da voz pode ser questionada ou criticada com base em seu gênero e não em sua competência técnica (geralmente é o que acontece). Um exemplo disso é a reação de torcedores quando uma mulher é esclada como narradora de futebol ou comentarista em grandes eventos esportivos. Em vez de ser reconhecida pela sua habilidade e conhecimento, ela muitas vezes se vê forçada a provar que tem autoridade e competência para ocupar o cargo, muito mais do que seus colegas masculinos.

Apesar do aumento lento da representatividade feminina na apresentação de programas esportivos, as jornalistas continuam enfrentando críticas intensas ao seu trabalho, impulsionadas pelos preconceitos enraizados no ambiente do futebol. No contexto atual das redes sociais, essas críticas se tornam ainda mais frequentes e variadas, abrangendo desde tentativas de desqualificar as notícias compartilhadas pelas profissionais em suas plataformas até ataques pessoais direcionados às suas opiniões sobre temas esportivos.

A narradora Manuela Avena contou que logo após ser revelada em um programa televisivo permaneceu dois anos sem conseguir se inserir no mercado de trabalho em Salvador, onde ela reside. Lentamente o mercado insere a voz feminina, porém as jornalistas continuam enfrentando críticas intensas ao seu trabalho, impulsionadas pelos preconceitos enraizados no ambiente do futebol por exemplo.

A gente vive de números, e as pessoas vivem hoje de arrecadação. O mundo é capitalista, então é difícil você ter um coordenador de equipe que banque mesmo uma mulher narrando. É difícil você ter uma empresa que chega e diga, não, eu quero você, Ah, mas é, você sabe que você vai sofrer muitas críticas, você sabe, não quero saber, eu quero que você seja você, a narradora da minha equipe, entendeu? Muito difícil você ter uma pessoa hoje, dono de equipe, que faça isso. É muito difícil. É não só porque hoje tem pessoas ainda, pessoas consagradas no mercado, que é um mercado também vão envelhecendo, né? É o mercado de rádio, pelo menos aqui na Bahia, né? (Avena, 2024, informação oral).

No contexto atual das redes sociais, essas críticas se tornam ainda mais frequentes e variadas, abrangendo desde tentativas de desqualificar as notícias compartilhadas pelas profissionais em suas plataformas até ataques pessoais direcionados às suas opiniões sobre temas esportivos:

Olha, toda vez que estou narrando os jogos do Bahia pelo *YouTube*, sempre rolam aqueles ataques dos *haters*. Tem comentário tipo: 'O jogo tá massa, mas a voz dessa

mulher é uma desgraça!' ou 'Um jogo desses e colocam uma mulher dessas para narrar?!'. E sabe o que eu faço? Aproveito o momento e mando um abraço para esse pessoal ao vivo! Faço questão de mandar um recado: 'Ei, você fulano, um abraço, obrigada pela audiência!' E sigo tocando o barco, rebatendo as críticas com uma resenha, sem perder o ritmo. Isso acaba com a bagunça, porque, no fim das contas, eles param de perturbar. Eu sigo narrando com a minha voz e sigo mostrando que a mulher também tem espaço no rádio esportivo (Avena, 2024, informação oral).

Não apenas no jornalismo esportivo, mas em diversas áreas profissionais, o networking — ou rede de contatos — é um fator essencial para conquistar oportunidades e visibilidade. No entanto, é comum que as mulheres sejam excluídas dos círculos de relacionamento e eventos dominados por homens, o que dificulta significativamente seu avanço na carreira. Essa exclusão social e profissional integra o que se convencionou chamar de teoria do “teto de vidro”, que representa as barreiras invisíveis que impedem mulheres de alcançarem posições de destaque, mesmo quando possuem qualificação e experiência. Esse teto, muitas vezes, não é rompido apenas por questões de competência, mas por limitações estruturais que afetam o acesso, o reconhecimento e a permanência.

A narradora Manuela Avena destacou, em entrevista, que muitas mulheres desistem da carreira por falta de oportunidades concretas, ou mesmo pela ausência de remuneração inicial — situação comum no cenário esportivo baiano, especialmente na narração de futebol, setor que impõe as maiores dificuldades para as mulheres. Trabalhar sem receber cachê, como uma espécie de "etapa obrigatória de aprendizado", é frequentemente imposto a elas como condição para "provar" sua capacidade, algo que raramente é exigido dos homens com o mesmo rigor.

Embora Manuela afirme que lida bem com as críticas, os ataques constantes de haters nas redes sociais não deixam de configurar uma forma de violência simbólica e digital contra a mulher narradora. Essa hostilidade muitas vezes carrega viés de gênero, questionando sua autoridade, competência e até sua presença no espaço esportivo — ataques que homens da mesma função raramente enfrentam com a mesma intensidade. Esse tipo de violência cotidiana contribui para a desmotivação e para a exclusão silenciosa de mulheres que desejam ocupar os microfones do futebol.

3.2. Perspectivas futuras para as mulheres nas emissoras de rádio de Salvador

Quais são as possibilidades de inserção e permanência das mulheres no jornalismo esportivo diante da cultura digital, que pode atuar como instrumento de resistência e visibilidade para aquelas que buscam romper com as limitações impostas pelo mercado tradicional? Estudar a participação feminina na comunicação esportiva contemporânea exige refletir sobre a presença e a voz das mulheres em um campo historicamente marcado pela hegemonia masculina. Como já afirmava Simone de Beauvoir (2016, p. 116): “*é natural que deem à mulher uma situação subordinada*”. Essa constatação se revela claramente no jornalismo esportivo, onde a atuação feminina ainda é constantemente desafiada por estereótipos, exclusões simbólicas e barreiras estruturais. Nesta reflexão, propomos fazer emergir um discurso no qual o feminino assume um papel protagonista, reivindicando a igualdade de gênero no rádio esportivo. Mais do que apenas ocupar espaços, trata-se de encorajar e legitimar as vozes femininas, historicamente silenciadas, especialmente no contexto baiano, onde a presença da mulher no rádio esportivo ainda é marcada pela resistência cotidiana.

Embora o rádio tenha sido, ao longo do século XX, um território predominantemente masculino, as últimas décadas revelam avanços, ainda que tímidos. Um número crescente de mulheres vem conquistando espaço na produção, apresentação e, em casos mais recentes, também na narração de eventos esportivos. Como ressalta Fonseca (2000, p. 23), “*os trabalhos existentes na sociedade e as ocupações deles derivadas não possuem, em si, atributos que os qualifiquem como femininos ou masculinos*”. Ou seja, a divisão sexual do trabalho comunicacional é fruto de construções sociais e não de capacidades inatas.

Rocha e Sousa (2011) explicam que uma das principais portas de entrada das mulheres no jornalismo foi o acesso ao ensino superior. No entanto, as desigualdades de gênero persistem, dificultando a presença feminina em espaços de maior visibilidade e poder de decisão, especialmente em áreas como narração, comentários técnicos, direção de programas esportivos e cobertura de grandes eventos. Ainda que a formação profissional represente um avanço, ela não garante a equidade na ocupação de funções tradicionalmente masculinas. Diante disso, a cultura digital pode representar uma brecha significativa: por meio de redes sociais, podcasts, canais independentes e plataformas de streaming, as mulheres encontram novas formas de ocupar o espaço público da comunicação esportiva, construir audiência, estabelecer redes de apoio e disputar narrativas. Essa movimentação não apenas amplia sua visibilidade, como também funciona como estratégia de resistência frente a um mercado ainda excludente.

A título de exemplo podemos citar a final da Copa Libertadores 2024, disputada entre Atlético Mineiro e Botafogo, quando a *Rede Globo de Televisão*, principal emissora detentora dos

direitos de transmissão de grandes campeonatos ao vivo, escalou exclusivamente três profissionais homens para a cobertura da partida. O confronto, que gerava grande expectativa, ocorreu no Estádio Monumental de Núñez, casa do River Plate, em Buenos Aires, capital da Argentina. Os escolhidos foram Luís Roberto (narrador) e Roger Flores e Caio Ribeiro (comentaristas).

No rádio, mesmo sem o apelo visual da televisão, a realidade não é diferente. Mattos e Valci Zuculoto (2017) destacam que o jornalismo esportivo se constitui como um espaço historicamente dominado por homens, especialmente nas funções que envolvem o uso do microfone. As autoras ressaltam que as transmissões e coberturas esportivas tiveram início e se consolidaram no rádio na década de 1930, enquanto os primeiros registros da presença feminina nesse meio datam apenas da década de 1970. Ainda assim, em muitos lugares, a participação das mulheres no jornalismo esportivo segue sendo um campo de luta e resistência.

Figura 22: Equipe de transmissão para a final da Libertadores



Fonte: Instagram @narradoressbr

A compreensão e o respeito pelas mulheres, bem como a desconstrução de ideias antiquadas, são atitudes essenciais para promover a igualdade de gênero na sociedade. Essas ações devem ser constantemente praticadas para garantir que as mulheres possam ocupar as mesmas posições que os homens, como no caso do jornalismo esportivo campo predominantemente masculino. Como explica a autora Jhon (2014, p.499): “se a mulher está efetivamente ausente do jornalismo esportivo, a luta torna-se desigual e a possibilidade de se alcançar a equidade de gênero muito mais problemática”.

No Brasil, essa realidade é ainda mais evidente devido à estrutura conservadora do meio esportivo e à falta de representatividade feminina em posições de destaque, como narração,

comentário e reportagem de campo. Deste modo, é preciso que a mulher se prove constantemente na área, mostrando que consegue compreender e discutir sobre o mundo esportivo (Bueno, 2018).

Embora algumas conquistas tenham sido alcançadas ao longo dos anos, a desigualdade de gênero ainda é uma realidade latente no universo radiofônico e esportivo. A presença feminina continua enfrentando barreiras que vão além da ocupação de cargos, refletindo uma resistência estrutural que se manifesta em diversas formas de exclusão. Estereótipos e preconceitos seguem enraizados, dificultando o pleno reconhecimento das mulheres nas jornadas esportivas, nas transmissões ao vivo, nas redações jornalísticas e até mesmo nas reuniões de pauta, onde suas vozes muitas vezes são subestimadas ou ignoradas.

Apesar dos avanços, a luta por equidade e por um espaço de respeito e protagonismo segue sendo um desafio constante, exigindo das mulheres uma resiliência diária para romper com as limitações impostas por um ambiente historicamente dominado pelos homens.

No entanto, a convergência das mídias e o avanço das plataformas digitais vêm redesenhando o cenário do jornalismo esportivo, criando novas oportunidades para as mulheres que desejam ingressar ou se consolidar nesse mercado. Um exemplo desse movimento é a *CazéTV*, no Rio de Janeiro, canal do *streamer* Casimiro Miguel no *YouTube*, que também é retransmitido no *Prime Vídeo*, *Samsung TV Plus* e *Mercado Livre*, por meio do *Mercado Play*, e se especializou na transmissão de eventos esportivos. A emissora tem um prédio próprio de cinco andares no Rio de Janeiro e conta com mulheres atuando como narradora, comentarista e repórter.

A Copa do Mundo Feminina de 2023 foi um marco nesse contexto, conquistando recordes no canal do *YouTube* onde a *CazéTV*, que conta com mais de 9 milhões de inscritos, transmitiu todos os 64 jogos do torneio ao vivo e gratuitamente, alcançando mais de 60 milhões de visualizações e ampliando o alcance do futebol feminino para um público ainda maior.

Com o advento das redes digitais, a interatividade, o fortalecimento do *streaming* e a diversificação dos formatos de produção de conteúdo, como os canais de televisão por assinatura, abriram caminhos alternativos, revolucionando a mídia tradicional, permitindo que jornalistas esportivas construam suas próprias narrativas e alcancem um público cada vez mais amplo. Fato é que os adventos digitais e a interatividade revolucionaram a perspectiva da mídia no país, bem como provocaram uma mudança comportamental também nos patrocinadores, que começaram a ver nesse nicho oportunidades de anúncios para públicos direcionados.

Figura 23: divulgação do novo layout do site



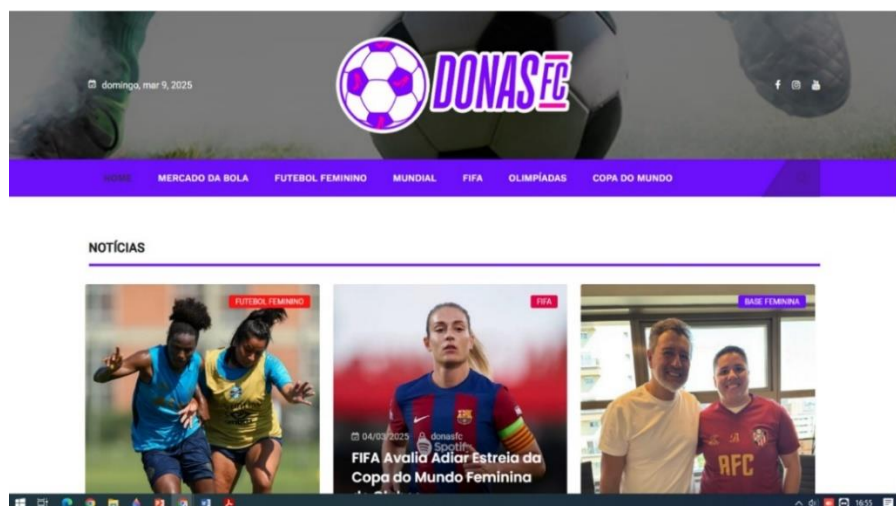
Fonte: Instagram

Por isso, todas as colaboradoras do Portal de futebol feminino *DonasFC* são mulheres, além do site elas estão em todas as redes sociais e com Canal no *Youtube* que transmite campeonatos femininos ao vivo com a narradora oficial do site Renata Villas Boas.

Considerando as mudanças tecnológicas, os novos padrões de consumo de mídia e as lutas contínuas por igualdade de gênero, o site, por meio de seu perfil no Instagram @donasfc1, traz informações diárias sobre as principais notícias que movimentam o futebol feminino. Além de cobrir os campeonatos, a plataforma investe em *reels* com suas colaboradoras comentando resultados de partidas, lances polêmicos, contratações e bastidores do esporte.

Essa estratégia não apenas amplia a visibilidade da modalidade, como também evidencia o talento e a competência dessas profissionais, que, por falta de oportunidades, estavam afastadas do mercado.

Figura 24: Capa do Site DonasFC



Fonte: Site Oficial DonasFC

Figura 25: boletim informativo DonasFC



Fonte: Instagram DonasFC

O *DonasFC* se destaca por oferecer boletins informativos diários, trazendo as últimas notícias, análises e destaques sobre o universo do futebol feminino. Com uma proposta única, a

plataforma é composta exclusivamente por mulheres, o que reforça o protagonismo feminino no cenário esportivo.

Cada boletim é cuidadosamente elaborado pelas profissionais da equipe, que compartilham suas experiências e conhecimentos sobre o futebol feminino, abordando desde os campeonatos até questões sociais e políticas envolvidas na modalidade. Essa iniciativa não apenas fortalece a visibilidade das mulheres no esporte, como também cria um espaço de valorização e empoderamento.

Ainda no contexto das plataformas digitais, as organizações de mídia têm reformulado suas abordagens e práticas com foco nos novos canais de distribuição on-line. Entre as ferramentas mais populares, destaca-se a realização de transmissões ao vivo (*lives*), que utilizam o *streaming*, uma tecnologia que permite a exibição instantânea de áudio e vídeo pela internet.

Um exemplo disso é o *Canal do Bodinho* (@canalgotbr), de São Paulo, que transmite esportes ao vivo de forma gratuita, tanto no *YouTube* quanto na *Samsung TV Plus – Canal 2286*. O perfil no Instagram já conta com mais de 423 mil seguidores e atualiza seu conteúdo diariamente. O canal tem se destacado por dar espaço à narração feminina, incluindo Letícia Pinho, que se identifica como “Narradora Preta”.

Figura 26: Narradora divulga sua agenda de trabalho



Fonte: Instagram Letícia

Outra alternativa em relação à mídia tradicional são as rádios webs que têm se consolidado como uma alternativa importante para a disseminação do trabalho de mulheres no campo do jornalismo esportivo. Com a democratização do acesso à internet e a flexibilidade das plataformas

digitais, essas rádios oferecem um espaço de visibilidade e expressão para as profissionais, permitindo que compartilhem suas análises, coberturas e opiniões sobre o esporte.

Muitas dessas iniciativas são lideradas por mulheres, que utilizam as rádios webs como uma ferramenta poderosa para combater a falta de representatividade no setor e quebrar barreiras históricas de gênero. Além de expandirem a participação feminina no jornalismo esportivo, as rádios webs contribuem para a construção de um ambiente mais inclusivo e plural, promovendo discussões e abordagens que refletem a diversidade de vozes no esporte.

Vale apontar também, na Bahia, especificamente em Salvador a única rádio web com atuação de uma narradora mulher é a *Rádio web Esquadrão* associada ao Esporte Clube Bahia, cuja narradora é a Manuela Avena.

Figura 27: Card divulgação da WebRádio



Fonte: Facebook Oficial

Esta pesquisa também identificou em Salvador o perfil no Instagram @Mosaicobaiano, que conta com mais de 10 mil seguidores e se destaca pela promoção de transmissões, entrevistas e resenhas sobre futebol. No grupo de profissionais, atualmente duas mulheres negras que se revezam na função de repórteres, realizando o pré e pós-jogo, entrevistando torcedores, jogadores e técnicos, além de trazer resultados e informações sobre as partidas. São elas: Evelyn Santos e Lorena Vinhas.

Vale ressaltar que ambas atuam de forma voluntária, sem remuneração, com o objetivo de

demonstrar seu potencial e conquistar visibilidade no mercado de trabalho, uma vez que estão cursando Jornalismo em Salvador. Evelyn Santos relatou que percebe o mercado de trabalho mais restrito para mulheres negras, especialmente aquelas que possuem cabelos trançados e corpos que fogem dos padrões estéticos hegemônicos.

Ela recorda, ainda, um episódio em que um contratante fez uma série de questionamentos e exigências relacionadas à aparência física, justificando que a oportunidade para aquele trabalho freelancer demandava um 'corpo mais magro'. Em sua trajetória como estagiária, observa que o movimento feminista poderia ser mais atuante, solidário e corporativista — o que nos faz retomar a narrativa de Isaura Maria, citada anteriormente. Uma vez que, em suas experiências no jornalismo esportivo, o maior incentivo para divulgar seu trabalho e conquistar oportunidades partiu de figuras masculinas.

Figura 28: página instagram/Mosaico Baiano



Fonte: perfil no instagram

Percebe-se, a partir dos esforços desta pesquisa, que a capital baiana, Salvador, ainda está distante da realidade de outros mercados da comunicação, como o de São Paulo. Do ponto de vista

da inclusão e do uso de mídias alternativas, como rádios web, associativas ou não, sites com participação feminina de destaque, não foram encontrados números expressivos. Isso aponta para uma lacuna no mercado, mas também abre ou reacende o olhar atento para novas oportunidades de atuação para essas vozes baianas no rádio jornalismo esportivo, um campo que ainda carece de representatividade feminina.

É evidente que a presença feminina nesse cenário evoluiu consideravelmente ao longo do tempo, embora ainda enfrente desafios persistentes. No entanto, é importante destacar que a disponibilidade de oportunidades na área ainda é limitada e instável, além de carecer de registros oficiais consolidados. Dessa forma, a pesquisa se baseia principalmente em conteúdos publicados por veículos noticiosos na internet e em redes sociais digitais. Conseqüentemente, é possível que algumas profissionais não tenham sido identificadas, contribuindo para a teoria do “apagamento”.

Considerando a crescente convergência³⁸ das mídias e as novas possibilidades abertas pelas plataformas digitais, as mulheres no rádio esportivo na Bahia têm diversas opções de atuação inovadoras e impactantes como perspectivas futuras. Cito como exemplo, as rádios web associativas aos clubes e as redes sociais, como *Instagram*, *Twitter* e *TikTok*, que oferecem um campo fértil para que as comunicadoras possam ampliar sua presença, criar conteúdo autêntico e estabelecer uma conexão direta com o público, bem como com os patrocinadores que estão cada vez mais interessados em divulgar e vender seu produtos através das redes sociais.

Com o avanço das transmorfesões digitais, as transmissões de futebol por plataformas como o *YouTube* se tornaram cada vez mais frequentes, possibilitando a captação das reações dos narradores durante os jogos. Essa é uma das características do rádio de hoje que, segundo Kischinhevsky (2016), é expandido:

Nesse novo ambiente midiático, o rádio tem se mostrado ágil na associação com mídias sociais, diretórios e portais, em vez de tentar construir estruturas próprias, caras e sem garantia de adesão dos ouvintes. Assim, potencializa a circulação de seus conteúdos e explora sua maior vantagem competitiva diante da TV e da imprensa: a comunicação de base sonora, que permite a realização de outras atividades simultâneas à escuta (Kischinhevsky, 2016, p 16).

As mídias sociais oferecem aos comunicadores não apenas a oportunidade de interagir com seu público, mas também de permitir que os interlocutores participem ativamente na construção da pauta e na produção de conteúdo. A internet possibilita a convergência de conhecimentos e, sobretudo, de interesses, facilitando a busca por informações sobre temas específicos. Além disso, a interatividade e a proximidade proporcionadas pelas redes sociais tornam esse processo ainda mais

³⁸ Convergência é uma palavra que consegue definir transformações tecnológicas, mercadológicas, culturais e sociais, dependendo de quem está falando e do que imaginam estar falando (Jenkins, 2008, p. 27).

dinâmico e colaborativo.

Elas podem explorar a narrativa esportiva de maneiras criativas, seja por meio de transmissões ao vivo, análises pós-jogo ou comentários sobre eventos esportivos, tudo adaptado ao formato dinâmico das redes sociais. A utilização de plataformas como o *TikTok* permite que as mulheres se destaquem com vídeos curtos e envolventes, trazendo um tom mais pessoal e descontraído à cobertura esportiva, além de alcançar um público mais jovem e diversificado.

Nesse cenário, as comunicadoras podem também criar comunidades digitais, estabelecer parcerias com influenciadores e fortalecer o debate sobre a visibilidade feminina no jornalismo esportivo, garantindo que sua voz ganhe cada vez mais espaço e relevância no contexto radiofônico e esportivo da Bahia.

4. CONSIDERAÇÕES FINAIS

Antes de entrar em campo para a cobertura de uma partida de futebol, um repórter se prepara, estuda as equipes, analisa o histórico dos confrontos e define a melhor estratégia para narrar cada lance com precisão. Da mesma forma, esta pesquisa exigiu um planejamento cuidadoso e ajustes ao longo do caminho.

Assim como em um jogo, o percurso não foi linear nem livre de desafios. Pelo contrário, foi marcado por diversas "paradas estratégicas", nas quais precisamos analisar cada "lance" com atenção para, enfim, alcançar a linha de chegada – o gol da conclusão. Em muitos momentos, tivemos que reavaliar a trajetória, sempre buscando a melhor forma de contribuir para a compreensão da participação feminina no rádio esportivo de Salvador, um espaço historicamente dominado por vozes masculinas.

Nesse sentido, esta pesquisa se insere na perspectiva dos estudos em mídia sonora, com as seguintes questões que instigam a investigação: Como ocorreu o protagonismo feminino no rádio esportivo no Brasil e na Bahia? De que forma esse movimento de lutas e resistências vêm sobrevivendo a discriminação, ao machismo estrutural das torcidas, dos colegas de profissão e das próprias emissoras na omissão das contratações?

Esta abordagem também contribui para a história do jornalismo, à medida em que resgata aspectos da história do rádio na Bahia. A história da imprensa, que algumas vezes assume outras denominações em busca de um recorte mais preciso, determinado pelo foco da área de análise,

transvestindo-se, por exemplo, em história do jornalismo, adensou seus temas e suas perspectivas teórico-conceituais nas últimas décadas (Barbosa, 2024).

As tramas da história, como ressalta Marialva Barbosa (2024, p.158-159), se fazem colocando em relação conceitos operadores do modo como se maneja as fontes históricas e, sobretudo, o olhar interpretativo que se constrói. Nesse sentido, o tempo, como demarcador, torna-se central para as reflexões que, ao destacar um olhar histórico-comunicacional, nada mais faz do que reconhecer o comunicacional humano como essência da história.

Assim, uma história da imprensa também não é meramente a história das práticas e dos processos comunicacionais, mas dos atores humanos que estiveram envolvidos naquelas tramas, inclusive aqueles que só se consegue enxergar pelas fímbrias narrativas. Reconhecer o comunicacional humano como essência da história institui o que estou denominando “olhar-histórico-comunicacional”, ou seja, uma expressão que inclui, também, um determinado manejo empírico e teórico (Barbosa, 2024, p.159).

Fomos em busca dos atores humanos envolvidos nas tramas da história do rádio esportivo em Salvador: as mulheres. A partir da metodologia da História Oral foi possível resgatar memórias, dar visibilidade às pioneiras e evidenciar os mecanismos de exclusão que ainda dificultam a presença feminina nesse segmento.

Os relatos coletados demonstraram que, apesar das resistências e da luta constante, a herança de uma sociedade machista contribui para que a participação das mulheres no rádio esportivo baiano continue sendo marcada por barreiras estruturais, como a falta de oportunidades, o ambiente hostil e a invisibilização de suas contribuições.

De acordo com Valci Zuculoto e Mattos (2017), ainda que as mulheres tenham se fortalecido no século XX – seja por meio de tentativas de emancipação, busca por igualdade ou luta por mais espaço profissional, com destaque para os movimentos feministas entre as décadas de 1960 e 1970 –, as transformações e o ingresso em um campo fundamentalmente masculino continuaram lentos. No futebol, funções como narração e comentários ainda são majoritariamente ocupadas por homens, enquanto às mulheres resta a cobertura de torcida no pré e pós-jogo. Isso evidencia que a conquista de um espaço significativo nesse meio ainda está em processo.

A maioria das pioneiras na comunicação jornalística esportiva em Salvador acabou desistindo da profissão devido à falta de reconhecimento e oportunidades. No entanto, as profissionais que permaneceram trouxeram contribuições valiosas, compartilhando as estratégias que criaram para superar essas barreiras. Como disse a narradora Manuela Avena em outro momento: "Desistir não é opção mesmo com tanta dificuldade."

O poder não é uma instituição e nem uma estrutura, não é uma certa potência de que alguns sejam dotados: é o nome dado a uma situação estratégica complexa numa sociedade determinada (Foucault, 2007, p. 102).

A referência ao "poder" trazida por Michel Foucault remonta à resistência dessas mulheres radialistas, que, ao ingressarem na profissão, já sabiam que os desafios seriam árduos, grosseiros e impactantes. No entanto, esses desafios foram fundamentais para o rompimento de uma barreira que as impedia de dar o primeiro passo em direção a ocupação do espaço de poder que faz ecoar nossas vozes: o microfone.

Apesar do aumento da presença feminina na imprensa esportiva em Salvador, as mulheres ainda enfrentam preconceitos, sendo frequentemente direcionadas para cobrir esportes com menor visibilidade ou apelo comercial. Além disso, há escassez de investimentos de patrocinadores no Brasil. Para alcançar um cenário mais igualitário no jornalismo esportivo, é essencial que todas as partes envolvidas colaborem ativamente. O esforço pela equidade deve ser compartilhado, especialmente por aqueles que ocupam posições privilegiadas – os homens.

O papel deles no movimento feminista é fundamental, pois atitudes de empatia e a desconstrução de visões retrógradadas são passos essenciais. Tais posturas são determinantes para que as mulheres alcancem a mesma posição social dos homens, promovendo uma transformação real no cenário esportivo. Uma das entrevistadas mencionou que recebeu esse apoio ao iniciar sua carreira em 2022.

Nesta pesquisa tivemos como objetivo geral investigar, compreender e evidenciar a história das mulheres radialistas em Salvador. E tivemos como objetivos específicos: 1º) Analisar o contexto histórico e social em que se deu o ingresso das primeiras mulheres no rádio de Salvador, considerando os desafios enfrentados em termos de gênero e mercado de trabalho; 2º) Identificar e documentar as experiências pioneiras das mulheres no rádio esportivo de Salvador, mapeando suas trajetórias profissionais e contribuições para a área; 3º) Examinar a representatividade feminina no rádio atual de Salvador, destacando como as conquistas históricas influenciam o panorama contemporâneo.

Partimos dos seguintes pressupostos que foram observados ao longo do percurso de desenvolvimento da pesquisa: 1) O rádio esportivo é tradicionalmente dominado por homens, e as mulheres enfrentam preconceitos e estereótipos que questionam sua capacidade de falar sobre esportes; 2) A escassez de mulheres em posições de destaque no rádio esportivo cria um ciclo de invisibilidade, onde poucas mulheres conseguem enxergar o rádio esportivo como uma carreira viável; 3) O ambiente de trabalho hostil e excludente e pouco acolhedor, com piadas machistas, desvalorização de suas contribuições e até assédio pode desmotivar a permanência de mulheres na

área e afastar potenciais interessadas; e 4) A falta de oportunidades específicas para mulheres no rádio esportivo, como treinamentos, estágios e programas de incentivo, também contribui para a baixa representatividade feminina.

Esta pesquisa buscou não apenas analisar a trajetória de mulheres pioneiras no rádio esportivo de Salvador, mas também promover uma reflexão sobre as barreiras de gênero ainda presentes nesse ambiente. Acredita-se que, ao visibilizar essas trajetórias, este estudo possa incentivar a inclusão de mais mulheres nesse setor, ampliar a diversidade na comunicação radiofônica e inspirar futuras profissionais a romperem estereótipos machistas.

Destacamos que uma dessas profissionais, uma mulher negra, abandonou o jornalismo esportivo devido à rejeição de colegas e *haters* e, infelizmente, não aceitou colaborar com a pesquisa. Nessa perspectiva, o estudo contribui para a conscientização sobre as barreiras de gênero, como o preconceito, a falta de oportunidades e a discriminação contra mulheres negras no jornalismo esportivo, especialmente no futebol. Ao lançar luz sobre as narrativas das pioneiras e as dificuldades enfrentadas, esta pesquisa amplia o debate acadêmico sobre a participação feminina no rádio esportivo, fomentando novas investigações e políticas públicas voltadas à equidade de gênero na comunicação midiática.

A pesquisa trouxe à tona outro ponto importante: a promoção da diversidade e da representatividade, ainda que de forma tímida, de mulheres negras no rádio esportivo. A presença delas nesse setor não só enriquece a comunicação, mas também permite que diferentes experiências e perspectivas sejam compartilhadas com o público, contribuindo para uma sociedade mais justa e igualitária.

Acreditamos que este trabalho fornecerá insumos para futuras políticas públicas voltadas à promoção da participação feminina no setor de comunicação, especialmente nas áreas dominadas por homens, como o futebol. Ao fortalecer o protagonismo feminino nas mídias, a sociedade pode caminhar para um futuro mais inclusivo, onde a voz das mulheres seja plenamente reconhecida e valorizada.

Esta dissertação apresentou algumas limitações. A principal delas foi a dificuldade em localizar fontes específicas, uma vez que nem todas as informações mencionadas por Isaura Maria puderam ser encontradas – como no caso da primeira narradora baiana, Lalá Moreira. Além disso, a escassez de detalhes em alguns relatos deve-se à memória imprecisa de algumas entrevistadas, especialmente as mais idosas, que não possuíam registros fotográficos da época.

Outro fator limitante foi a falta de documentos formais sobre a temática investigada. Nesse contexto, a História Oral se mostrou uma alternativa metodológica eficaz, embora tenha gerado desafios, como a longa duração do processo de validação das informações. Apesar dessas limitações,

pode-se afirmar que os objetivos da pesquisa foram atendidos, permitindo compreender de maneira significativa a participação feminina no rádio esportivo em Salvador, ainda que alguns aspectos necessitem de maior aprofundamento em futuras pesquisas.

A partir das entrevistas, ficou evidente que os resultados desta pesquisa contribuem revelando a ausência de apoio do movimento feminista mencionado por algumas das profissionais entrevistadas. A falta de sororidade entre mulheres – fundamental para a conquista da liberdade e igualdade sem julgamentos – e a percepção de um distanciamento do movimento feminista em relação às jornalistas e radialistas esportivas emergiram como pontos relevantes. Futuras pesquisas podem aprofundar essa problemática, explorando seus impactos na trajetória dessas profissionais.

O destino das pioneiras do rádio esportivo baiano revela trajetórias diversas, mas igualmente marcadas pela continuidade de suas vozes em novos espaços. Isaura Maria, já aposentada, segue atuante como conselheira do Esporte Clube Vitória, exercendo sua paixão como torcedora e colaboradora do clube. Suleima Sena estabeleceu-se em São Paulo, onde fundou um site voltado à cobertura esportiva, com transmissões realizadas exclusivamente por mulheres, reafirmando seu compromisso com a ampliação da presença feminina no jornalismo esportivo.

Heloísa Braga, por sua vez, migrou para o segmento de comunicação voltada ao turismo e apresenta um programa nas rádios Excelsior e Cardeal FM, em Salvador. Além disso, empreende em outro setor: é proprietária de um restaurante, onde também expressa sua criatividade e paixão pela cultura baiana. Já Selma Reis mantém um perfil ativo em suas redes sociais, onde compartilha conteúdos sobre viagens e experiências pelo mundo. Ainda que algumas tenham se afastado do jornalismo esportivo em si, todas seguem comunicando, inspirando e ocupando espaços com suas vozes singulares.

Por fim, a participação feminina no rádio esportivo em Salvador continua sendo atravessada por desafios estruturais, mas também por trajetórias de resistência. Ao dar visibilidade a essas histórias, esta pesquisa não apenas documenta um cenário desigual, mas também incentiva a continuidade da luta por mudanças concretas. Afinal, se a presença das mulheres nesse espaço ainda é uma conquista em processo, que estas vozes continuem ecoando e transformando o cenário do radiojornalismo esportivo nas emissoras de Salvador.

5. REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

5.1 Fontes primárias:

AVENA, Manuela. Entrevista realizada por Emanuelli Pilger em 29 de agosto de 2024 na cidade de Salvador- BA pela Plataforma Google Meet.

PINTO, Maria Beatriz Roquette. Depoimento em os Astros (TV-E RJ), trechos disponíveis no canal do *Youtube* **A História do Rádio: EPISÓDIO 90 - A Mulher Chegando no Rádio** (2024).

NETO, Perfelino. Entrevista realizada por Emanuelli Pilger em agosto de 2023 na cidade de Salvador-BA pela Plataforma Google Meet.

MARIA, Isaura. Entrevista realizada por Emanuelli Pilger em 12 de março de 2024 na cidade de Salvador-BA pela Plataforma Google Meet.

SENNA, Suleima. Entrevista realizada por Emanuelli Pilger em 12 de dezembro de 2024 na cidade de Salvador pela Plataforma Google Meet.

5.2 Fontes secundárias:

AERP- Associação das Emissoras de Radiodifusão do Paraná;

ALBERTI, Verena. Manual de história oral. 3. Ed, Rio de Janeiro: Editora FGV, 2013.

ALBERTI, Verena. Fontes Oraís -História dentro da História. In: PINSKY, Carla Bassanezi (org.). Fontes Oraís. São Paulo: Contexto, 2005, p. 155.

ALBUQUERQUE, Afonso. Estudos de mídia. **In:** CITELLI, A., BERGER, C., BACCEGA, M.A. *et al.*(orgs.). **Dicionário de Comunicação: escolas, teorias e autores**. São Paulo: Editora Contexto, 2014, p.260-266.

ALMEIDA, Magdalena Maria de História oral e formalidades metodológicas. In: **ASSOCIAÇÃO BRASILEIRA DE HISTÓRIA ORAL (ABHO)**. Anais do III Encontro Nacional de História Oral. Niterói: ABHO, 1996. Disponível em: https://www.historiaoral.org.br/resources/anais/3/1332442488_ARQUIVO_ABHOHistoriaoraleformalidadesmetodologicas.pdf. Acesso em: 7 mar. 2025.

ALEXANDRINO, V. A. **A mulher no jornalismo esportivo: Análise da participação Feminina no telejornalismo brasileiro**. 2011. 64 p. Trabalho de Conclusão de Curso Graduação em Comunicação Social com Habilitação em Jornalismo), Faculdade Cristo Rei, Cornélio Procópio, 2011.

BAGATINI, Olga. As barreiras das mulheres no jornalismo esportivo. *Jornalistas de Minas*. Disponível em: <http://www.sjpmg.org.br/2018/09/as-barreiras-das-mulheres-no-jornalismo-esportivo>. Acesso em 2 jan. 2025.

BAUMAN, Zygmunt. **Tempos líquidos**. Zahar: Rio de Janeiro, 1999.

BARBOSA, Marialva. *Uma história da imprensa: trilhas de pesquisa*. In: BARBOSA, Marialva. **História Cultural da Imprensa: tempo presente Brasil 1980-2010**. MaudaX, 2024, p.155-158.

BARBOSA, Marialva. *Jornalismo e a construção de uma memória para sua história*. In: BRAGANÇA, Aníbal & MOREIRA, Sônia Virgínia (org.). **Comunicação, acontecimento e memória**. São Paulo: Intercom, 2005, p.102-111.

BARBOSA, Marialva. **A história social da imprensa no Brasil 1800-1900**. In: ENCONTRO DE NÚCLEOS DE PESQUISA DA INTERCOM, 7., 2007, São Paulo. Anais... São Paulo: Unisant/Unisantos/Unimonte, Intercom, 2007. Disponível em: <https://www.intercom.org.br/anais2007/barbosa-marialva.pdf>. Acesso em: 11 jan. 2025.

BEAUVOIR, Simone de. **O segundo sexo**. 3 ed. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 2016.

BELARMINO, Josué Dantas; MEDEIROS, Júlia Maria Alves de. Do campo à narração Esportiva: o espaço das mulheres no futebol brasileiro. In: Congresso Brasileiro de Gestão do Esporte, 9., 2018, Fortaleza. **Anais...** Fortaleza: ABRAGESP, 2018, p. 143-144.

BOURDIEU, Pierre. **A dominação Masculina**. Tradução Maria Helena KUHNER. 5 ed. Rio de Janeiro: BestBolso, 2017.

BOSI, Ecléa. **Memória e Sociedade: lembranças de velhos**. 3.ed. São Paulo: Companhia das Letras, 1994.

BUENO, Noemi Correa. **A (in)visibilidade das mulheres em programas esportivos de TV: um estudo de casos no Brasil e em Portugal**. 408 f. 2018. Tese (Doutorado em Comunicação) Faculdade de Arquitetura, Artes e Comunicação, Universidade Estadual Paulista (UNESP), Bauru, 2018.

CALABRE, lia. **A era do rádio – memória e história**. In: Simpósio Nacional de História.12, João Pessoa,2003. Anais. João Pessoa. ANPUH. Disponível em: <https://encontro2014.rj.anpuh.org/resources/anais/anpuhnacional/S.22/ANPUH.S22.379.pdf>. Acesso em : 26 de set de 2024.

COELHO, Paulo Vinícius. **Jornalismo Esportivo**. 4. ed. rev. e atual. São Paulo: Contexto, 2013.

COELHO, Paulo Vinícius. **Jornalismo esportivo**. 3. ed. São Paulo: Contexto, 2006.

DAVIS, Angela. **Mulheres, raça e classe**. São Paulo: Boitempo, 2016.

DELGADO, Lucília de Almeida Neves. **História oral: memória, tempo identidades**. Belo Horizonte: Autêntica, 2006.

DOSSE, François. **História e ciências sociais**. Tradução de Fernanda Abreu. Bauru: EDUSC, 2004.

DUARTE, Constância Lima. *Memoricídio: o apagamento das marcas do feminino*. In: DUARTE, Constância Lima; HOLLANDA, Heloisa Buarque de (orgs.). *Gênero e literatura: textos de crítica e ficção*. Rio de Janeiro: Rocco, 2010. p. 123-132.

FERREIRA, Janaína Amado Marieta de Moraes. **Usos e abusos da história oral**. Editora FGV, 2015.

FERRO, Raphaela. **Narradoras em Transmissões Esportivas no Brasil: Mapeamento Histórico**

da Presença Feminina na Narração em veículos de Rádio, Televisão e internet. Universidade Federal de Santa Catarina, 2021.

FERRO, Raphaela Xavier de Oliveira; ZUCULOTO, Valci Regina Mousquer. *Narração do futebol por mulheres no rádio brasileiro: registros históricos de transmissões entre a década de 1970 e o início dos anos 2000.* **Radiofonias – Revista de Estudos em Mídia Sonora**, Mariana-MG, v. 14, n. 01, p. 105-133, jan./jul. 2023.

FERRARETTO, Luiz Artur. **Rádio: o veículo, a história e a técnica.** Porto Alegre: Sagra Luzzatto, 2001

FERRARETTO, Luiz Arthur. **Uma proposta de periodização para a história do rádio no Brasil.** Revista EPTIC, v. XIV, n. 2, mai-ago/2012.

FONSECA, Tania Mara Galli. **Gênero, subjetividade e trabalho.** Petrópolis: Vozes, 2000.

GOELLNER, Silvana Vilodre. **Mulheres e futebol no Brasil: entre sombras e visibilidades.** Revista brasileira de educação física e esporte, v. 19, n. 2, p. 143-151, 2005.

GUIMARÃES NETO, Regina Beatriz. *Cidades da mineração: memória e práticas culturais. Mato Grosso na primeira metade do século XX.* Cuiabá, MT: Carlini & Caniato; EdUFMT, 2006.

HOOSK, bell, **O feminismo é para todo mundo: políticas arrebatadoras.** Rio de Janeiro: Rosa dos tempos, 2018.

JENKINS, H. **Cultura da convergência.** São Paulo: Aleph, 2008.

JOHN, Valquíria Michela. *Jornalismo esportivo e equidade de gênero: a ausência das mulheres Como fonte de notícias na cobertura dos jogos olímpicos de Londres 2012.* In: **Estudos em Jornalismo e Mídia**, Florianópolis, v. 11, n.2, p. 498-509, jul/dez 2014.

KISCHINHEVSKY, M. **Rádio e mídias sociais: mediações e interações radiofônicas em plataformas digitais de comunicação.** Rio de Janeiro: Mauad, 2016.

LEAL, Halina. **A interseccionalidade como base do feminismo negro.** Revista USP, Cadernos de Ética e Filosofia Política, v. 39, n. 2, p. 21– 32, 2021.

LISBOA, Juliana. **"Não queremos roubar espaço, só fazer parte", diz 1ª narradora Copa do NE.** 2020. Dibradoras. Disponível em: <https://dibradoras.com.br/2020/03/07/nao-queremos-roubar-espaço-so-fazer-parte-diz-1a-narradora-copa-do-ne/>. Acesso em: 02 jul. 2024.

LOURO, Guacira Lopes. **Gênero, sexualidade e educação: uma perspectiva pós-estruturalista.** Petrópolis, RJ: Vozes, 2014.

MASSARANI, Luisa. **A divulgação científica no Rio de Janeiro, algumas reflexões sobre a década de 20.** Dissertação [Mestrado em Ciência da Informação]. Instituto Brasileiro de Informação em C&T (IBICT) e Escola de Comunicação/UFRJ, 1998

MATTOS, Maria Ângela, BARROS, Ellen Joyce Marques, OLIVEIRA, Max Emiliano (org.) **.Metapesquisa em comunicação : o interacional e seu capital teórico nos textos da Compós.** Porto Alegre: Sulina, 2018

MATTOS, Ediane Teles de; ZUCULOTO, Valci Regina Mousquer. *A constituição histórica da presença da mulher no radiojornalismo esportivo brasileiro.* In: ANAIS do Congresso Brasileiro de Ciências da Comunicação - Intercom, 40, Curitiba, 2017.

MEDITSCH, Eduardo. *A nova era do rádio: o discurso do radiojornalismo enquanto produto intelectual eletrônico.* In: ANAIS do Congresso Brasileiro de Ciências da Comunicação, 10., 1997, Santos. Anais... Disponível em: <http://www.bocc.ubi.pt/pag/meditsch-eduardo-discurso-radiojornalismo.html>. Acesso em: 8 de Setembro de 2024.

MOREIRA, Sônia Virgínia. **O Rádio no Brasil.** Rio de Janeiro: Rio Fundo. 1991.

MOREIRA, Sônia Virgínia. Rádio. In: CITELLI, A., BERGER, C., BACCEGA, M.A. *et al.*(orgs.). **Dicionário de Comunicação: escolas, teorias e autores.** São Paulo: Editora Contexto, 2014, p.289-293.

MUSEU DO FUTEBOL. *Zuleide Ranieri Dias.* Centro de Referência do Futebol Brasileiro, Museu do Futebol. Disponível em: <https://museudofutebol.org.br/crfb/personalidades/624699/>. Acesso em: 22 fev. 2025.

PACHECO, Leonardo Turchi. **Mulheres e narração de futebol: desafios de um ofício.** Universidade Federal de Alfenas, Alfenas/MG, Brasil. Doutorado em História Social da Cultura, UFMG. Disponível em: [file:///C:/Users/Julio/Downloads/a3+Mulheres+e+narra%C3%A7%C3%A3o+de+futebol+-+FINAL%20\(1\).pdf](file:///C:/Users/Julio/Downloads/a3+Mulheres+e+narra%C3%A7%C3%A3o+de+futebol+-+FINAL%20(1).pdf). Acesso em: 22 de fev de 2025.

PALACIOS, Marcos. *CULTURA E MEMÓRIA: Fases e Escalas dos Estudos de Memória e o Desafio do Antropoceno.* In: Revista Observatório, Vol. 5, n. 4, Julho-Setembro. 2019.

POLLAK, Michel. **Memória e identidade social.** Estudos Históricos, Rio de Janeiro, RJ, v. 5, 1992.

POLLAK, Michael. **Memória, Esquecimento, Silêncio.** Revista Estudos Históricos, Rio de Janeiro, v. 2, n. 3, 1989.

RAMOS, R. H. P. **Mulheres Jornalistas: a grande invasão.** São Paulo: Imprensa Oficial. Fundação Casper Líbero, 2010.

RIBEIRO, André. **Os donos do espetáculo: história da imprensa esportiva no Brasil.** São Paulo: Terceiro Nome, 2007.

RIBEIRO, Djamila. **Quem tem medo do feminismo negro?** São Paulo: Companhia das Letras, 2018.

ROCHA, Cristina. **Gênero em ação: rompendo o Teto de vidro?** (Novos contextos da tecnociência). 2006. Tese (Doutorado) - Programa de Pós-Graduação Interdisciplinar em Ciências Humanas, Universidade Federal de Santa Catarina, Florianópolis, 2006.

ROCHA, Paula Melani; SOUSA, Jorge Pedro. *O mercado de trabalho feminino em jornalismo:*

análise comparativa entre Portugal e Brasil. In: Impulso, v. 21, n. 51, p. 7-18, 2011.

SCARDOELLI, Anderson. *Mulheres ainda são minoria no jornalismo brasileiro. Portal Comunique-se*, 2019. Disponível em: <https://portal.comunique-se.com.br/mulheres-jornalistas-minoria/>. Acesso em: 20 Set 2024

SAFFIOTI, Heleieth Iara Bongiovani. **Gênero Patricarcado e Violência**. São Paulo: Expressão Popular; Fundação Perseu Abramo, 2015.

SARMENTO, R. **Das sufragistas às ativistas 2.0: feminismo, mídia e política no Brasil (1921 a 2016)**. Tese (Doutorado em ciência política) - Universidade Federal de Minas Gerais, Faculdade de Filosofia e Ciências Humanas, 2017. Disponível em: https://www.academia.edu/34210351/_Das_sufragistas_%C3%A0s_ativistas_2_0_feminismo_m%C3%ADia_e_pol%C3%ADtica_no_Brasil_1921_a_2016_Tese_de_doutorado. Acesso em: 03 março 2025.

SANTOS, Amanda Cardoso dos. **Jornalistas negras e racismo no jornalismo televisivo**. TCC 54 f. Curso de Jornalismo, Universidade Federal do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 2021.

SANTOS, Karina; PRATA, Nair. **Rompendo barreiras: a inserção da mulher negra no jornalismo esportivo brasileiro**. In: ANAIS do 46º Congresso Brasileiro de Ciências da Comunicação, PUC Minas, 2023. Disponível em: https://sistemas.intercom.org.br/pdf/link_aceite/nacional/11/0816202321583864dd70beed84d.pdf Acesso em: 16 fev 2025.

SILVA, Luana Beatriz da. WEIGELT, Diogo. **A mulher no Radiojornalismo Gaúcho. Uma Análise das Rádios Bandeirantes, Gaúcha e Guaíba**. In: ANAIS do XIX Congresso de Ciências da Comunicação da Região Sul, Cascavel; 2018.

SCHUCMAN, L. V. (2019, maio 17). **Pesquisadora explica conceito de branquitude como privilégio estrutural**. Fiocruz. <https://agencia.fiocruz.br/pesquisadora-explica-conceito-de-branquitude-como-privilegio-estrutural>. Acesso em: 10 de mar de 2025.

TAVARES, Reynaldo. **Histórias que o rádio não contou**. São Paulo: Paulus, 2014

ZUCULOTO, V. **No ar: a história da notícia de rádio no Brasil**. Florianópolis: Insular, Ed. da UFSC, 2012.

ZUCULOTO, Valci. **A história do campo acadêmico do rádio no Brasil: registros referenciais para uma proposta de roteiro de percurso**. In: ZUCULOTO, Valci, LOPEZ, Debora Cristina; KISCHINHEVSKY, Marcelo. Estudos Radiofônicos no Brasil –25 anos Do Grupo de Pesquisa Rádio e Mídia Sonora da Intercom. Coleção GPs (Grupos de Pesquisa), v. 22. São Paulo: Intercom, 2016.

ZUCULOTO, Valci; MATTOS, Ediane. **As mulheres no radiojornalismo esportivo: contextualizações para pesquisa histórica sobre sua presença profissional em Santa Catarina**. In: XI Encontro Nacional de história da Mídia, 2017, São Paulo. **Anais do XI Encontro Nacional de história da Mídia**. São Paulo: Mackenzie, 2017, p. 1-15.

6. BIBLIOGRAFIA CONSULTADA

ACAR, F. P. (2015). Gender Differences in Promotions to Top Level Management Positions: An Examination of Glass Cliff in the IT Sector. *Procedia Social and Behavioral Sciences*, 210, 223-230.

BETTI, Juliana Cristina Gobbi. **Informação crítico-emancipatória com perspectiva de gênero: os direitos das mulheres em programas radiofônicos femininos**. Dissertação de mestrado. Universidade Federal de Santa Catarina (UFSC), 2021. Disponível em: <https://repositorio.ufsc.br/bitstream/handle/123456789/221334/PJOR0161-T.pdf?sequence=1&isAllowed=y>. Acesso: 17 jul 2024.*/*

BRASIL ESCOLA. (s.d.). **O que é sororidade?**. Disponível em: <https://brasile scola.uol.com.br/o-que-e/o-que-e-sociologia/o-que-e-sororidade.htm>. Acesso em: 23 fev. 2025.

BAHIA NOTÍCIAS (Bahia). Narradora baiana, Manuela Avena comemora estreia na Copa do Mundo. Disponível em: <https://www.bahianoticias.com.br/esportes/noticia/48141-narradora-baiana-manuela-avena-comemora-estrela-na-copa-do-mundo>. Acesso: 05 de fev de 2025.

BLOG DO VALENTE (Bahia). Rádio Andaiá completa 18 anos. Disponível em: <https://blogdovalente.com.br/sem/2013/05/radio-andaia-fm-celebra-18-anos/>. Acesso em: 08 de fev de 2025.

CALABRE, Lia. A era do rádio - memória e história. In: **SIMPÓSIO NACIONAL DE HISTÓRIA**, 12., 2003, João Pessoa. **Anais**. João Pessoa: ANPUH, 2003. Disponível em: <https://anais.anpuh.org/?p=16227>. Acesso em: 12 jan. 2024.

DONASFC(SÃO PAULO). Site de notícias especializado em futebol feminino. Disponível em <https://donasfc.com.br/categoria/mercado-da-bola/>: Acesso em: 09 març 2025.

RÁDIO ANDAIÁ (Bahia). **Repórter da equipe Alto Astral da Rádio Andaiá FM é contratada pelo MyCujoo para narrar jogo entre Bahia e Ferroviária**. 2021. Disponível em: https://www.andaiafm.com.br/index/esportes/id-142802/reporter_da_equipe_alto_astral_da_radio_andaia_fm_e_contratada_pelo_mycujoo_para_narrar_jogo_entre_bahia_e_ferrovieiria. Acesso em: 10 set. 2024.

JORNAL A TARDE (Bahia). **As mulheres que quebraram barreiras no esporte**. Disponível em: <https://atarde.com.br/colunistas/a-tarde-aventura/as-mulheres-que-quebraram-barreiras-no-esporte-1247715>. Acesso em: 11 jan. 2025.

PORTAL TURISMO TOTAL (Bahia). **Heloísa Braga é uma das mulheres que escreve o turismo do Brasil**. Disponível em: <https://portalturismototal.com.br/index.php/2021/03/22/heloisa-braga-e-uma-das-mulheres-que-escreve-o-turismo-do-brasil/>. Acesso em: 11 jan. 2025.

PORTAL UOL (São Paulo). Repórter demitida pela Globo elogia emissora, mas relembra casos de racismo. Disponível em: <https://tvefamosos.uol.com.br/noticias/redacao/2018/11/22/reporter-demitida-pela-globo-elogia-emissora-mas-relembra-casos-de-racismo.htm#:~:text=Camila%20Silva%2C%20uma%20das%20poucas,e%20%22Bom%20Dia%20>

Brasil%22. Acesso em: 16 de fev. 2025.

GFM 90.1 (Bahia). **Conheça a radialista Dina Rachid, uma das primeiras locutoras de Salvador: 'O mercado não tinha locução feminina'**. Disponível em: <https://www.ibahia.com/mundogfm/geracaogfm/conheca-a-radialista-dina-rachid-uma-das-primeiras-locutoras-de-salvador-o-mercado-nao-tinha-locucao-feminina>. Acesso em: 12 jan. 2025.

LIMA, Ronnei Prado, *Transitoriedades no Atlântico Yorubano: Bábálorisà Claudionor Antonio de Oliveira e o peculiar rito de Ògún dançar com a serpente*. 2020. 202 f. Dissertação (Mestrado em História) – Centro de Filosofia e Ciências Humanas, Universidade Federal de Pernambuco, Recife, 2020. Disponível em: <https://repositorio.ufpe.br/bitstream/123456789/38598/1/DISSERTA%C3%87%C3%83O%20Ronnei%20Prado%20Lima.pdf> Acesso em: 7 mar. 2025.

LOBO, Júlio César. *Zé Trindade antes da fama: nos tempos da Rádio Sociedade da Bahia (1935-1945)*. **Revista Brasileira de História da Mídia**, 2003. Disponível em: <https://www.unicentro.br/rbhm/ed05/dossie/03.pdf>. Acesso em: 12 jan. 2025.

WOOLF, Virgínia. **Um teto todo seu**. Trad. Vera Ribeiro. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1985.

ANEXOS:

ROTEIRO DE ENTREVISTA SEMIESTRUTURADA

ENTREVISTA COM: Manuela Avena (narradora de futebol)

DATA: 29 de Agosto de 2024

Objetivo

O objetivo dessa entrevista é obter um panorama geral da sua trajetória no rádio esportivo da Bahia como narradora de futebol.

Declaração de consentimento

Vamos ouvir você e tomar algumas notas, no entanto, pedimos sua autorização para gravar nossa conversa para poder futura análise. A gravação será usada apenas com a finalidade de pesquisa pelas pessoas envolvidas no projeto, e não será divulgada de nenhuma maneira, nem mesmo seus dados. Sendo assim, gostaria de saber se você permite a gravação da nossa conversa. Em caso positivo vou iniciar a gravação e pedir novamente o seu consentimento, para que fique documentado

PERGUNTAS:

QUAL A SUA IDADE, ANO E LOCAL DE NASCIMENTO E FORMAÇÃO ACADÊMICA?

EU QUERIA COMEÇAR OUVINDO UM POUCO SOBRE VOCÊ, ENTENDENDO UM POUCO SOBRE A SUA TRAJETÓRIA DENTRO DA NARRAÇÃO ESPORTIVA. PODEMOS COMEÇAR?

QUAIS AS OUTRAS EXPERIÊNCIAS QUE VOCÊ TEVE NO CAMPO DA COMUNICAÇÃO RADIOFÔNICA?

JÁ SOFREU DISCRIMINAÇÃO DE COLEGAS DE TRABALHO?

COMO VOCÊ LIDA COM AS CRÍTICAS DOS HATERS?

ALGUMA VEZ VOCÊ PENSOU EM DESISTIR?

COMO É A RECEPTIVIDADE DAS MULHERES AO SEU TRABALHO?

ROTEIRO DE ENTREVISTA SEMIESTRUTURADA

ENTREVISTA COM: Perfelino Neto (radialista e pesquisador com o mairio acervo do rádio antigo da Bahia)

DATA: 29 de novembro de 2023

Objetivo

O objetivo dessa entrevista é obter um panorama geral da sua trajetória no rádio esportivo da Bahia como narradora de futebol.

Declaração de consentimento

Vamos ouvir você e tomar algumas notas, no entanto, pedimos sua autorização para gravar nossa conversa para poder futura análise. A gravação será usada apenas com a finalidade de pesquisa pelas pessoas envolvidas no projeto, e não será divulgada de nenhuma maneira, nem mesmo seus dados. Sendo assim, gostaria de saber se você permite a gravação da nossa conversa. Em caso positivo vou iniciar a gravação e pedir novamente o seu consentimento, para que fique documentado

PERGUNTAS:

QUAL A SUA IDADE, ANO E LOCAL DE NASCIMENTO E FORMAÇÃO ACADÊMICA?

EU QUERIA COMEÇAR OUVINDO UM POUCO SOBRE VOCÊ, ENTENDENDO UM POUCO SOBRE A SUA TRAJETÓRIA NA COMUNICAÇÃO RADIOFÔNICA PODEMOS COMEÇAR?

QUAIS AS OUTRAS EXPERIÊNCIAS QUE VOCÊ TEVE NO CAMPO DA COMUNICAÇÃO RADIOFÔNICA ESPORTIVA?

VOCÊ PODE LISTAR QUAIS FORAM OS PRIMEIROS LOCUTORES ESPORTIVOS NA BAHIA?

VOCE PODE LISTAR QUAIS FORAM OS PRIMEIROS PROGRAMAS ESPORTIVOS DO RÁDIO ESPORTIVO DA BAHIA?

HAVIAM VOZES FEMININAS QUE PARTICIPAVAM DESSES PROGRAMAS?

ROTEIRO DE ENTREVISTA SEMIESTRUTURADA

ENTREVISTA COM: Isaura Maria (radialista)

DATA: 27 de abril de 2024

Objetivo

O objetivo dessa entrevista é obter um panorama geral da sua trajetória no rádio esportivo da Bahia como narradora de futebol.

Declaração de consentimento

Vamos ouvir você e tomar algumas notas, no entanto, pedimos sua autorização para gravar nossa conversa para poder futura análise. A gravação será usada apenas com a finalidade de pesquisa pelas pessoas envolvidas no projeto, e não será divulgada de nenhuma maneira, nem mesmo seus dados. Sendo assim, gostaria de saber se você permite a gravação da nossa conversa. Em caso positivo vou iniciar a gravação e pedir novamente o seu consentimento, para que fique documentado

PERGUNTAS:

QUAL A SUA IDADE, ANO E LOCAL DE NASCIMENTO E FORMAÇÃO ACADÊMICA?

EU QUERO COMEÇAR OUVINDO UM POUCO SOBRE VOCÊ, ENTENDENDO UM POUCO SOBRE A SUA TRAJETÓRIA DENTRO DO RÁDIO ESPORTIVO. PODEMOS COMEÇAR?

NA DÉCADA DE 80 QUANDO COMEÇOU VOCÊ ENCONTROU REJEIÇÃO/DISCRIMINAÇÃO?

JÁ SOFREU DISCRIMINAÇÃO DE TORCIDAS OU JOGADORES?

COMO VOCÊ LIDOU COM AS CRÍTICAS NA ÉPOCA?

ALGUMA VEZ VOCÊ PENSOU EM DESISTIR?

COMO ERA A RECEPTIVIDADE DAS MULHERES AO SEU TRABALHO?

ROTEIRO DE ENTREVISTA SEMIESTRUTURADA

ENTREVISTA COM: Heloísa Braga (Jornalista)

DATA: 10 de janeiro de 2025

Objetivo

O objetivo dessa entrevista é obter um panorama geral da sua trajetória no rádio esportivo da Bahia como narradora de futebol.

Declaração de consentimento

Vamos ouvir você e tomar algumas notas, no entanto, pedimos sua autorização para gravar nossa conversa para poder futura análise. A gravação será usada apenas com a finalidade de pesquisa pelas pessoas envolvidas no projeto, e não será divulgada de nenhuma maneira, nem mesmo seus dados. Sendo assim, gostaria de saber se você permite a gravação da nossa conversa. Em caso positivo vou iniciar a gravação e pedir novamente o seu consentimento, para que fique documentado

PERGUNTAS:

QUAL A SUA IDADE, ANO E LOCAL DE NASCIMENTO E FORMAÇÃO ACADÊMICA?

EU QUERO COMEÇAR OUVINDO UM POUCO SOBRE VOCÊ, ENTENDENDO UM POUCO SOBRE A SUA TRAJETÓRIA DENTRO DO RÁDIO ESPORTIVO. PODEMOS COMEÇAR?

QUANDO COMEÇOU VOCÊ ENCONTROU REJEIÇÃO/DISCRIMINAÇÃO?

JÁ SOFREU DISCRIMINAÇÃO DE TORCIDAS OU JOGADORES?

COMO VOCÊ LIDOU COM AS CRÍTICAS NA ÉPOCA?

ALGUMA VEZ VOCÊ PENSOU EM DESISTIR?

COMO ERA A RECEPTIVIDADE DAS MULHERES AO SEU TRABALHO?